



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN

RAQUEL ARAÚJO DE SOUSA

DESIGN, FEMINISMO & TERRITÓRIO: VOZES ATIVISTAS CARIRIENSES

JUAZEIRO DO NORTE

2026

RAQUEL ARAÚJO DE SOUSA

DESIGN, FEMINISMO & TERRITÓRIO: VOZES ATIVISTAS CARIRIENSES

Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Design, Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte, Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Design.

Orientador: Prof. Dra. Ana Neuza Botelho Videla.

JUAZEIRO DO NORTE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

S725d Sousa, Raquel Araújo de.

Design, feminismo & território: vozes ativistas caririenses / Raquel Araújo de Sousa. – 2026.
60 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Design) – Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte, Curso de Design, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Neuza Botelho Videla.

1. Design decolonial. 2. Feminismo afro-latino-americano. 3. Frente de Mulheres do Cariri (Movimento social). 4. Bispo, Nêgo, 1959-2023 (Pensador quilombola - Confluência). 5. Corpo-território. I. Videla, Ana Neuza Botelho (Orient.). II. Universidade Federal do Cariri. III. Título.

CDD 745.4

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

RAQUEL ARAÚJO DE SOUSA

DESIGN, FEMINISMO & TERRITÓRIO: VOZES ATIVISTAS CARIRIENSES

Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Design, Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte, Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Design.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em: 31/03/2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ANA NEUZA BOTELHO VIDELA**
Data: 14/05/2026 08:57:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Ana Neuza Botelho Videla (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 **JULIANA LOSS JUSTO**
Data: 12/05/2026 16:19:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Juliana Loss Justo
Universidade Federal do Ceará (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 **ANA VERONICA BARBOSA ISIDORIO**
Data: 13/05/2026 18:11:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Esp. Ana Verônica Barbosa Isidorio
Universidade Federal do Ceará (UFCA)

A minha mainha, Maria Océlia Araújo Pires,
por ter me deixado voar com as asas que lhe
cortaram e sempre me dar todo o impulso para
que eu permanecesse. Sempre a amarei e a
trarei em mim.

AGRADECIMENTOS

Compreendo-me como ser singular e coletivo, composta pelo aglomerado de viveres que me trouxeram ao presente. Assim, aquelas e aqueles que me antecederam e por mim passaram agregaram a minha jornada e me fizeram ser eu. Por isso, meus sinceros agradecimentos destinam-se aos meus ancestrais que traçaram o caminho para que eu me tornasse quem sou, caririense e espiritualizada. Agradeço, também, aqueles que não seguem em minha memória, mas acrescentaram ao meu destino.

Agradeço a minha família como um todo, sou feliz por ser múltipla com vocês e por serem muitos, tias e tios, primas e primos, avôs e avós, madrinhas e padrinhos e agregados. Com todo carinho, todas as risadas e todas as comemorações que me criaram. Agradeço especialmente a minha mãe, que diariamente me incentiva a seguir e me oferece todo o suporte para estudar e realizar minhas conquistas, obrigada por todas as risadas diárias e pela preocupação constante, tenho toda a admiração por ti e carrego sua força e alegria comigo. Sou grata ao meu pai, por sempre me incentivar a ser mais, por ser persistência e alicerce. Agradeço aos meus irmãos, que são meus padrinhos de vida, que me observam, me apoiam e me criaram. Eu amo muito vocês e meu cotidiano é mais forte por tê-los aqui.

Aos minhas amigas e amigos, sou grata por todo afeto e acolhimento, me mantenho leve e radiante por tê-los comigo. Aquelas e aqueles que acompanharam minha jornada desde sempre, obrigada por permanecer após tantas fases juntos. Aquelas e aqueles, que fui agraciada de encontrar pelo caminho, obrigada por agregarem a quem eu sou e proporcionarem as mudanças necessárias. E aquelas e aqueles que chegaram recentemente, obrigada por já serem tanto em mim.

Agradeço também às professoras e professores da Universidade Federal do Cariri-UFCA, um agradecimento especial à minha orientadora que me inspirou e apoiou nessa caminhada, me ensinando que é improvável reconstruir o mundo mas é impossível se manter inerte a ele, precisamos encontrar brechas de transformação e expandi-las. Sou grata também aos projetos que participei e aos integrantes deles, ao Núcleo de Comunicação da Pró-reitoria de Cultura, ao Uné-Laboratório de Estudos em Políticas Públicas, Territorialidade e Diferenças e ao Memolabs-Laboratório Criativo de Comunicação e Design. Vocês acrescentaram a minha jornada e mudaram meu cotidiano nesses anos, os saberes-fazeres estão intrínsecos a mim.

Por fim, sou grata a todas aquelas e aqueles que me guiam, a minha espiritualidade é a minha conexão e paz. Com vocês, é possível esperar.

[...] a confluência é a energia que está nos movendo ao compartilhamento para o reconhecimento, para o respeito. [...] quando a gente confluencia a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. (Bispo, 2023, p. 9-10).

RESUMO

A presente pesquisa investiga as intervenções entre o campo do design, a perspectiva de decolonialidade e politização e os movimentos feministas do Cariri cearense. Ao considerar a vinculação do design às dimensões cosmológicas, intrínsecas à sociedade, à política e à cultura. Contudo considerando a historicidade da conceituação e profissionalização da área mediante as hegemonias patriarcais-racistas-colonialistas, assim como, a distanciação ideológica e metodológica do design aos saberes e necessidades dos múltiplos corpos-territórios afro-latino-americanos. A partir disso a pesquisa fundamenta-se nas conceituações propostas por Ahmed Ansari e Bibiana Serpa para propor uma politização do design que dialogue com saberes-fazeres ancestrais e resistências locais, à luz do feminismo afro-latino-americano. O objetivo geral consiste em investigar possibilidades de interlocução entre o design e a luta feminista do Cariri cearense, buscando compreender como o campo do design pode potencializar as práticas e reivindicações dos movimentos feministas da região. Metodologicamente, a pesquisa estrutura-se mediante proposições interdisciplinares e qualitativas, estabelecendo um diálogo com três ativistas da Frente de Mulheres do Cariri: Veronica Isidório, Raquel Kariri e Nívia Uchôa. A partir das feministas, busca-se compreender as articulações do movimento feminista Frente de Mulheres do Cariri, como também, através delas, propor incorporações decoloniais e políticas a um design articulado e situado aos corpos-territórios caririenses. Conclui-se que ao incorporar a decolonialidade ao campo do design, proporciona a criação como ferramenta viabilizadora e potencializadora das pautas feministas, bem como, a contribuição para a valorização dos saberes, manualidades e oralidades do Cariri cearense.

Palavras-chave: design decolonial; feminismo afro-latino-americano; corpo-território.

RESUMEN

Esta investigación explora las intersecciones entre el campo del diseño, la perspectiva de la decolonialidad y la politización, y los movimientos feministas de la región de Cariri, en Ceará. Analiza la conexión del diseño con las dimensiones cosmológicas intrínsecas a la sociedad, la política y la cultura. Asimismo, considera la historicidad de la conceptualización y profesionalización del área a través de hegemonías patriarcales, racistas y colonialistas, así como el distanciamiento ideológico y metodológico del diseño respecto del conocimiento y las necesidades de los diversos cuerpos y territorios afro-latinoamericanos. Con base en esto, la investigación se fundamenta en las conceptualizaciones propuestas por Ahmed Ansari y Bibiana Serpa para proponer una politización del diseño que dialogue con el conocimiento y las prácticas ancestrales y las resistencias locales, desde la perspectiva del feminismo afro-latinoamericano. El objetivo general es investigar las posibilidades de diálogo entre el diseño y la lucha feminista en la región de Cariri, en Ceará, buscando comprender cómo el campo del diseño puede potenciar las prácticas y demandas de los movimientos feministas en la región. Metodológicamente, la investigación se estructura mediante propuestas interdisciplinarias y cualitativas, estableciendo un diálogo con tres activistas del Frente de Mujeres Cariri: Verónica Isidório, Raquel Kariri y Nívia Uchôa. A través de estas feministas, la investigación busca comprender las articulaciones del movimiento feminista del Frente de Mujeres Cariri y, a través de ellas, proponer incorporaciones decoloniales y políticas en un diseño articulado y situado dentro de los cuerpos-territorios Cariri. Concluye que la incorporación de la decolonialidad al campo del diseño proporciona la creación como una herramienta que posibilita y empodera las agendas feministas, además de contribuir a la valorización del saber, las artesanías y las tradiciones orales de la región Cariri de Ceará.

Palabras clave: diseño decolonial; feminismo afro-latinoamericano; cuerpo-territorio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Região do Cariri.....	21
Figura 2 - Campanha da marca Gillette “Milady Decolleté Gillette”	24
Figura 3 - Campanha da marca Gillette “Venus”	25
Figura 4 - Campanha da marca Devassa “Tropical Black”	29
Figura 5 - Artefatos minimalistas por designers da Bauhaus.....	33
Figura 6: - Artefatos indígenas.....	34
Figura 7 - Mapa das Unidades de Enfrentamento a Violência Contra a Mulher no Cariri.....	45
Figura 8 - Intervenção gráfica “Procura-se” pelo Coletivo Bando.....	49
Figura 9 - Exposição Retratos Partilhados: Resistência Poética.....	50
Figura 10 - Verônica e Valéria Carvalho co-fundadoras do GRUNEC.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos	15
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
2.1 Campo Empírico	18
3 DESIGN & TERRITÓRIO	20
3.1 Patriarcado, Cariri & Design	23
3.2 Racismo, Cariri & Design	26
3.3 Colonialismo, Cariri & Design	30
4 DESIGN & FEMINISMO	37
4.1 Feminismo, Cariri & Design	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM VERÔNICA ISIDORIO	62
APÊNDICE B - ENTREVISTA COM RAQUEL KARIRI	82
APÊNDICE C - ENTREVISTA COM NIVIA UCHÔA	88

1 INTRODUÇÃO

O design é uma área do conhecimento situada no campo da criação, intrinsecamente relacionada às dimensões cosmológicas, correspondendo aos múltiplos seres e sociedades (Ansari, 2020). Anteriormente à formalização do termo, a prática de design ocorre, por se vincular à habilidade humana e não humana de criar para resolver problemas. Desse modo, essas criações, precisamente designs, circundam as ações e relações em sociedades. Pensadoras latino-americanas, ao apresentarem a noção de corpo-território¹ expõem que “pensamos o corpo como nosso primeiro território e reconhecemos o território em nossos corpos” (Cruz et al, 2017, p. 9, tradução nossa). Assim, os corpos criam os territórios, enquanto os territórios criam os corpos. Ademais, as pensadoras latino-americanas complementam ao afirmarem que esses entrelaces dos corpos aos territórios, se dão pelos costumes, pelos ambientes e pelos artefatos que compõem os corpos-territórios (Cruz et al, 2017). A partir disso, ao relacionar este conceito com o campo de design, compreende-se como as criações feitas pelos corpos-territórios co-criam os mesmos (Ansari, 2020), participando da constituição das identidades individuais e coletivas, de modo consciente ou inconsciente. De modo que o design está intrinsecamente ligado à sociedade, à cultura e à política.

Isto posto, observa-se no campo do design a habilidade de compor e criar mundos, por intermédio das criações e práticas que promove (Ansari, 2020). Como também, o potencial de apresentar, estabelecer e propagar ideologias (Serpa, 2022). Entretanto, conceitualmente e profissionalmente, o design surge na sociedade europeia, em um contexto masculino, branco e burguês (Buckley, 2025). Com isso, as ideologias hegemônicas que embasam a área estão ideologicamente vinculadas ao patriarcado, ao racismo e ao colonialismo, assim como, potencializando e propagando o mesmo (Buckley, 2025).

Diante disto, este design, como conceito e profissão, adentra a América Latina vinculado a preceitos hegemônicos (Saffioti, 1987; Serpa, 2022). Distanciado dos pressupostos cosmológicos, com as criações embasadas nas necessidades de múltiplos corpos-territórios (Ansari, 2020). A partir disso, o design implementa-se como ferramenta dos sistemas patriarcais-racistas-colonialistas nos territórios latino-americanos (Saffioti, 1987; Gonzalez, 2020; Buckley, 2025). Como também, promove o cerceamento das possibilidades

¹No livro “Mapeando el Cuerpo-Territorio: Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios”, do Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo (2017) as pensadoras latino-americanas esmiúçam a conceituação de corpo-território como um guia metodológico para mulheres ativista.

projetuais embasadas nos saberes-fazer dos territórios (Ansari, 2020).

Com isso, Ahmed Ansari (2018) propõe a incorporação da decolonialidade ao campo do design, com a necessidade de ampliação ontológica e epistemológica da área. Como também, a responsabilização social por parte das/dos designers e das/dos pesquisadoras/es diante das temáticas sócio-políticas-culturais (Ansari, 2020). Diante disso, propõe-se a interiorização das conceituações, visando a compreensão consistente dos corpos-territórios (Ansari, 2020). Bibiana Serpa (2022), complementa ao apontar para a necessidade de criticização e politização do design, embasando-se em epistemologias decoloniais. Com isso, Serpa (2022) aponta para os movimentos sociais feministas latino-americanos como educadores populares políticos, assim, por meio deles propõe os eixos de politização do design: o ontológico, o epistemológico, o conceitual e a prática.

A partir das conceituações apresentadas, essa pesquisa debruça-se no território do Cariri cearense, localizado no sertão nordestino do Brasil. Ao compreender as cosmologias envolvidas à sociedade, à política e à cultura caririense, como também, as resistências ancestrais do território, busca-se compreender a região por perspectivas feministas afro-latino-americanas (Saffioti, 1987; Gonzalez, 2020). Diante disso, a pesquisa embasa-se no movimento social Frente de Mulheres do Cariri, sendo essa, uma organização feminista afro-latino-americana, anti-capitalista, antirracista, antiLGBTTFóbica, anticapacitista e antifascista. Assim, propõe-se conhecer o movimento com base em três corpos-territórios feministas caririenses, sendo elas Veronica Isidorio, sapatão, ativista, professora e pesquisadora; Raquel Kariri, ativista, jornalista e pesquisadora; e Nivia Uchôa, lésbica, ativista, fotógrafa e cineasta. A partir disso, propor interlocuções entre o design, o feminismo e o território caririense.

1.1 Objetivos

Como objetivo geral indica-se investigar as possibilidades de interlocução entre o design e a luta feminista do Cariri cearense, buscando compreender alternativas de incorporação da decolonialidade e da politização ao campo do design caririense.

Os objetivos específicos são:

- a) Dialogar com mulheres feministas e ativistas atuantes no Cariri cearense, a fim de compreender as particularidades, experiências e demandas da luta feminista e do território caririense;
- b) Realizar uma revisão bibliográfica interdisciplinar e transdisciplinar que articule os

conceitos de design, política, cultura e feminismo, mediante a sociedade latino-americana e caririense;

- c) Investigar as interlocuções entre as articulações de politização e resistência das ativistas e dos movimentos feministas caririenses e a promoção do politização do campo do design;
- d) Propor o aprimoramento do campo do design caririense, à luz dos movimentos feministas caririenses, por intermédio do feminismo, do antirracismo e da decolonialidade.

Ao propor uma temática ainda pouco explorada em contextos regionais do Cariri Cearense, correlacionando o design sob um vies feminista, antirracista e decolonial e que sinaliza para uma perspectiva contra-hegemônica, fundamentada numa concepção de design ontológica, epistemológica, conceitual e prática (Serpa, 2022), justifica-se a presente pesquisa. Corroborando com a potencialização do feminismo caririense, destaca-se que a região apresenta um contexto marcado por tensões: de um lado, o registro recorrente de casos de feminicídio e violência contra a mulher; de outro, a existência de uma resistência feminista ancestral, que se manifesta por diferentes meios e modos (Isidório, 2025). Ademais, como autora dessa pesquisa, sendo eu mulher, caririense e designer, afetada pela força e pela dor, acolho a oportunidade de fortalecer e contribuir, por mim, pelas que nos antecederam, pelas que estão hoje e pelas que virão.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa fundamenta-se, em parte, em uma revisão bibliográfica partindo de pesquisadoras e pesquisadores embasados por intermédio de concepções sócio-político-culturais contra hegemônicas. Com base nisso, as conceituações de design são fundamentadas nas concepções ontológicas, epistemológicas e cosmológicas, propostas por Ansari (2018; 2019; 2020) através de incorporações decoloniais ao campo do design. Ademais, as concepções de não neutralidade do design discutidas por Buckley (2025), como também, o seu surgimento e embasamento vinculado aos sistemas patriarcais e colonialistas. Paralelamente, as noções feministas propostas por Serpa (2020) e a politização e criticização do design pelos eixos da ontologia, da epistemologia, da conceituação e da prática. Mediante a noção de corpo-território por Cruz et al (2017), correspondente a um conceito e metodologia de ativismo por mulheres latinoamericanas. Diante das noções de feminismos, embasa-se primordialmente às concepções da fusão dos sistemas de dominação-exploração patriarcais-racistas-capitalistas por Saffioti (1987), como também, as perspectivas singulares que acarretam na subsistência do conjunto sistêmico. Ademais, a conceituação do feminismo afro-latino-americano por Gonzalez (2020) em consideração a incorporação das concepções de gênero e étnico-raciais a luta feminista na América Latina, sob as conceituações das mulheres indígenas e negras, como também, intersecções da ideologia do branqueamento e da neurose da cultura brasileira, formulação elaborada pela autora a partir de referenciais da psicanálise. Por fim, ao debruçar a análise no território do Cariri cearense, incorpora-se as conceituações correspondentes a amplitude cultural material e imaterial da região por Melo et al (2025), como também, convergências entre o coronelismo e a religiosidade na sociedade caririense por Soares (2017; 2019) assim como, o surgimento e estruturação dos movimentos feministas caririenses e da Frente de Mulheres do Cariri por Soares (2017; 2019) e Isidório et al (2015). Ademais, ampliando as perspectivas com relação aos povos indígenas por Nascimento (2022) e negros por Silva (2017) no Cariri cearense.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, a pesquisa apoia-se na proposta de Mary Jane Spink (2013; 2014), vinculada à psicologia social construcionista, adotando uma abordagem interdisciplinar. A partir da qual propõe-se a análise de um indivíduo, grupo e/ou contexto, por intermédio de entrevistas. Sendo estas, propostas como conversas e observações no/do cotidiano, que dialogam com as noções estabelecidas nesta pesquisa, com relação a design, sócio-político-cultural e feminismo afro-latino-americano. Correspondendo a um processo incidente na finalidade da entrevista (compreendendo a

escolha e utilidade pensadas pela/o pesquisadora/or na elaboração do método de pesquisa): na contextualização de um tema, no entendimento da circulação de um repertório em um contexto de um grupo e/ou no entendimento de como as pessoas são posicionadas e/ou se posicionam; no enquadre (modo de estruturação da entrevista): estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas; nas materialidades: que constituem o ambiente de entrevistas, estas performam um local e agem como co produtoras de subjetividades e realidades; nas relações de poder: em inquérito (horizontalizada) e conversas (verticalizada); e no local e contexto.

Ademais, a pesquisa recorre à análise de práticas discursivas, compreendendo as características das produções sociais e cotidianas, manifestadas por diferentes meios e modos de expressão de um indivíduo (Spink e Frezza, 2013). Tais aspectos participam da produção de sentidos, entendidos como simbolismos e significados que revelam as identidades individuais e coletivas. Esses sentidos se tornam visíveis nas suas práticas cotidianas, nas quais se evidenciam implicações por gênero, raça, etnia e território. (Spink, 2010). Desse modo, é possível compreender que os diferentes elementos que permeiam o indivíduo são passíveis de análise, uma vez que refletem processos sociais mais amplos, nos quais o design também se insere. A pesquisa reconhece, ainda, a não neutralidade do olhar da/o pesquisadora/or, incorporando a dimensão subjetiva presente desde a escolha do tema até o desenvolvimento e a finalização do estudo, processo que é inevitavelmente atravessado pela experiência de quem o conduz (Cordeiro et al, 2014).

Posteriormente, incorpora-se aos procedimentos metodológicos os quatro eixos de politização do design, propostos por Bibiana Serpa (2022). Correspondendo, aos eixos de: ontologia ou as formas de ser no mundo; epistemologia ou o que se sabe do mundo; conceituação ou como interpretar o mundo; e práticas ou o modo de agir sobre o mundo. Nesta pesquisa, estaremos incorporando os eixos de politização em ser, saber, interpretar e criar, respetivamente, para facilitar a análise. Serpa (2022), afirma que o processo de politização é relacional e experiencial, correspondendo a um movimento interligado entre os eixos propostos. Seguidamente, nesta pesquisa, estaremos esmiuçando as conceituações separadamente para melhor compreensão do conjunto.

2.1 Campo Empírico

No que se refere ao campo empírico, a pesquisa foi desenvolvida junto à Frente de Mulheres do Cariri, movimento social feminista atuante na região. Participaram da pesquisa três mulheres integrantes do movimento, selecionadas a partir de sua atuação e envolvimento

nas práticas coletivas. A escolha das participantes justifica-se pela centralidade de suas experiências na construção das relações entre design, feminismo e território no contexto investigado.

A primeira feminista entrevistada foi Ana Verônica Barbosa Isidorio, uma mulher negra, sapatão, nascida no Crato-CE, professora, pesquisadora e co-fundadora da Frente de Mulheres do Cariri. Verônica é graduada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri - URCA, pós-graduada em Cultura Popular, Arte e Educação do Campo pela Universidade Federal do Cariri - UFCA e atual mestrande em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Além disso, Verônica foi candidata a vereadora pela cidade do Crato, através do coletivo sementes do Partido Socialismo e Liberdade - PSOL, no ano de 2020, com a centralização da pauta política em direitos humanos, lgbtqiapn+, meio ambiente, mulheres e política racial.

A segunda feminista entrevistada foi Tereza Raquel Arraes Alves Rocha, auto nomeada Raquel Kariri, uma mulher indígena, nascida no Crato-CE, jornalista, pesquisadora e co-fundadora da Frente de Mulheres do Cariri. Raquel é graduada em Comunicação Social e mestra em Literatura e Interculturalidade, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, atual doutoranda em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Ademais, atua como participante do coletivo Afoitas, 1ª mídia pautada por mulheres negras e indígenas do Nordeste e é conselheira da Articulação Brasileira de Indígenas Jornalistas - Abrinjor.

A terceira feminista entrevistada Aurenívia Moraes Uchôa, com nome artístico de Nívia Uchôa, uma mulher indígena, lésbica, natural de Aracati-CE, mas criada em Juazeiro do Norte-CE desde os 3 anos de idade. Nívia é ativista, ambientalista e feminista da Frente de Mulheres do Cariri, sendo também, graduada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Ademais, Nívia é fotógrafa e cineasta, tem uma trajetória de mais de 30 anos no campo das imagens, principalmente na fotografia de still e cinema. Diante disso, a cineasta desenvolve e colabora com produções audiovisuais independentes com temáticas direcionadas ao ambientalismo, ao feminismo e ao nordeste brasileiro. Em 2025, Nívia lançou o filme “Verbo Ser”, um documentário sobre a violência contra as mulheres na região do Cariri cearense, relatado pelas vozes e olhares das ativistas caririenses.

3 DESIGN & TERRITÓRIO

Historicamente, o design estrutura-se como campo conceitual e profissional vinculado ao processo de industrialização. Implementando-se como uma ferramenta projetual e mercantilista, facilitadora dos processos de fabricação de produtos, ao alinhar forma à função, com foco na reprodução e comercialização (Serpa, 2022). Nesse contexto, o campo do design embasa-se no capitalismo, com origem vinculada a um contexto masculinizado, burguês, branco e europeu (Buckley, 2025). Com isso, se distancia de conjunturas sócio-políticas-culturais múltiplas e restringe-se a uma noção social hegemônica. Esse design fundamenta-se numa suposta universalidade e neutralidade, sendo concebido como capaz de adequar-se a quaisquer indivíduos, grupos e territórios (Buckley, 2025). Assim, desconsiderando a multiplicidade de sociedades, políticas e culturas, bem como, a forma como essas instâncias impactam o processo de design. Tornando-se, majoritariamente, um produtor e reproduzidor dos códigos e signos que compõem as lógicas desse sistema patriarcal, racista e colonialista (Serpa, 2022; Buckley, 2025).

Ao adentrar a América Latina, esse design é impulsionado pelo processo de industrialização da região. Nesse sentido, Bibiana Serpa (2022, p. 47) afirma que “o processo de industrialização latino-americano [...] foi edificado a partir de investimentos de capital estrangeiro, e não incentivou o desenvolvimento tecnológico local”. Desse modo, apesar de se apresentar como capaz de promover diálogos com o território e de se estruturar em relação a ele, esse design retoma seus pressupostos de origem e configura-se como um instrumento de dominação, exploração e exclusão.

Heleieth Saffioti (1987) apresenta que a emergência do capitalismo na sociedade brasileira, implica em uma fusão dos sistemas de dominação-exploração, patriarcado-racismo-capitalismo. Desse modo, ao esmiuçá-los de forma separada, compreende-se que suas particularidades promovem distintos meios de subordinações ideológicas, políticas e econômicas. Entretanto, é necessário atentar-se que os três sistemas estão entrelaçados em um nó de subsistência, em que se retroalimentam por meio de suas práticas individuais. Assim, a autora afirma que só é possível compreender a sociedade brasileira de forma efetiva e implementar mudanças ao assimilar os três sistemas. Nesta pesquisa, ao considerar o sistema capitalista como uma herança do colonialismo, que para além de uma imposição hierárquica de classes econômicas, promove a hierarquização de etnias, utiliza-se o termo patriarcado-racismo-colonialismo, visando explicitar a dimensão étnico-racial dessas relações. Ademais, essa pesquisa é debruçada no contexto

sócio-político-cultural do território do Cariri cearense, localizado no Sertão nordestino do Brasil, na América do Sul. Diante disso, os aspectos de dominação-exploração do patriarcado-racista-colonialista são constituídos diante das interlocuções do território, diante de particularidades relacionadas ao coronelismo e a religiosidade do interior do sertão nordestino (Soares, 2019).

O Cariri cearense é um território localizado no sul do Ceará, na fronteira com os estados do Piauí, Pernambuco e Paraíba. A região é composta por 29 municípios² (IPCE, 2025), com a Região Metropolitana do Cariri (RMC) demarcada por três cidades principais, sendo estas: Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, conhecido como o CRAJUBAR, segundo os dados oficiais do estado do Ceará.

A região do Cariri, situada no sertão nordestino, é conhecida como um *oásis do sertão*, devido ao seu ecossistema composto pela Chapada do Araripe e pela Floresta Nacional do Araripe, correspondendo um território abundante em fauna, flora e recursos naturais (Melo et al, 2025). conforme a figura 1. Segundo Pinheiro (2009 *apud* Soares, 2019, p. 8), “[...] o Cariri é um presente da Chapada do Araripe para a vida humana, [...] um oásis no interior do sertão nordestino, uma estreita faixa de terreno sertanejo com fontes que nunca secam”, assim, a abundância e fertilidade caririense são aspectos que refletem na identidade cosmológica dos corpos e territórios que o compõem.

² Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre.

Figura 1: Mapa da Região do Cariri

Fonte: Autoria própria

Ademais, os saberes-fazeres tradicionais e ancestrais do Cariri formulam uma identidade cultural igualmente abundante aos seus recursos naturais (Soares, 2019). O território se revela através da cultura viva em patrimônio material e imaterial reconhecido através das mestras e dos mestres da cultura, dos saberes da oralidade, dos fazeres da manualidade e das demais expressividades que circundam as manifestações populares do território (Melo et al, 2025). Melo et al (2025) apresentam a diversidade de expressões culturais do cariri:

Nesse território, destacamos as culturas indígenas, reisados, artesanatos, danças de coco, cantoria, maneiro-pau, cordel, lapinha, são Gonçalo, penitentes, bandas cabaçais, guerreiros, emboladas, bacamarteiros, dramas, repentistas, mamulengos, manifestações culturais de povos e comunidades de matriz africana e religiões afro-brasileira, manifestações culturais quilombolas, rezadeiras e tantas outras expressões culturais. (Melo et al, 2025, p. 4)

Juntamente à cultura tradicional, a religiosidade do Cariri é manifestada em meio aos entrelaces de crenças indígenas, africanas e europeias (Silva, 2017). Assim, através de sincretismos religiosos entre as crenças indígenas, as religiões de matrizes africanas e o catolicismo cristão, revela-se a fé caririense.

Isto posto, retomando as concepções feministas afro-latino-americanas (Gonzalez, 2020; Saffioti, 1987; Serpa, 2022), torna-se necessária a compreensão do Cariri cearense sob as perspectivas do patriarcado, do racismo e do colonialismo, compreendendo a singularidade das temáticas regionais diante das interlocuções da religiosidade e do coronelismo. Assim, nesta pesquisa incorpora-se a concepção de religião e religiosidade como espaço de produção-reprodução das relações sociais (Soares, 2019), de modo algum vinculando-se a concepções negacionistas à espiritualidade ou à fé caririense, entretanto, compreendendo como suas configurações religiosas incorporam-se às conjunturas sócio-político-culturais da região. Da mesma forma que, ao compreender o coronelismo, como a herança do coronelismo aos territórios interioranos do sertão nordestino. Ou seja, os processos de dominação-exploração estão conectados às oligarquias locais e ao patrimonialismo (Soares, 2019).

3.1 Patriarcado, Cariri & Design

Heleieth Saffioti (1987, p. 47) afirma que o patriarcado brasileiro estrutura-se enquanto “os homens tomam as grandes decisões que afetam a vida de um povo”, desconsiderando as demais parcelas populacionais, suas particularidades e necessidades. Assim, o homem detém o poder dominatório-exploratório sobre a mulher e os demais gêneros em instâncias políticas, econômicas e relacionais.

Em aspectos políticos diretos, os homens ao compor maioria nos cargos governamentais, propiciam o deslocamento das pautas políticas aos interesses hegemônicos. Diante disso, promove-se a subalternidade das pautas direcionadas às mulheres e aos demais gêneros, ao considerar-se minoritárias e desimportantes (Saffioti, 1987). A partir da perspectiva econômica, ocorre uma desigualdade financeira, mediante a formalização empregatícia, os homens compõem a maioria em empregos formalizados, cargos e remuneração salarial. Enquanto as mulheres compreendem a maior parte dos empregos informais, como também, ao atingirem cargos formais enfrenta-se o desequilíbrio salarial com relação a homens nas mesmas funções. Em estruturas familiares heterossexuais se sucede na dependência financeira por parte das mulheres e consequente subjugação ideológica, visto que, os detentores da renda detém, também, a ordem (Saffioti, 1987).

Assim, conforma-se em um ciclo de dependência e subordinação da mulher para com o homem, nessa dominação-exploração político, econômica e ideológica. Importante ressaltar que, conforme aponta Lélia Gonzalez (2020), é necessário considerar os conceitos de gênero,

raça e etnia para tratar de perspectivas afro-latino-americanas, desse modo, estaremos esmiuçando as perspectivas das mulheres indígenas e negras ao tratar do eixo racial.

Isto posto, ao considerar o Cariri cearense, reformulam-se as articulações do patriarcado por intermédio da religiosidade e do coronelismo. Mediante a religião imposta pelo colonizador, correspondendo ao cristianismo católico, promove-se a doutrinação dos papéis de gênero, assim como, as perspectivas do casamento como contrato social. Com isso, o catolicismo delimita ao homem a posição de autoridade e protetor, enquanto à mulher a posição de auxílio e reverência ao homem. Como também, por intermédio do casamento vinculado a heteronormatividade, efetiva-se a subordinação da mulher, através da obediência e subserviência em conjunturas familiares.

[...] violência contra a mulher sempre existiu, não tinha instrumentos para coibir a violência, e hoje tem. Muito pelo contrário a gente tinha instrumentos para potencializar a violência [...] o Casamento Civil é isso, é um contrato social onde você está passando a propriedade do corpo para o outro, ele nasceu com essa, que aí tem a ver com os bens, com a herança e era uma lei que autorizava a coisificação nossa, da nossa existência. E aí a mulher passa a ser um objeto, uma coisa, você está passando um corpo para outro. [...] É o mesmo pensamento com relação à posse de uma mulher. (Verônica Isidório, 2026)

Desse modo, com a expansão do catolicismo popular na região do Cariri, por intermédio da colonização, a religião vinculou-se às estruturas sociais estabelecendo noções patriarcais arraigadas à sociedade (Soares, 2019). Sendo essas, estreitadas pelo coronelismo, permeado por “arquétipos morais, sociais, culturais e estéticos do sertão” (Soares, 2017, p. 1). Com isso, ocorre a vinculação dos homens aos paradigmas de sertanejo, como “cabra macho”, bruto e autoritário. Em contraposição, imbrica-se as mulheres a sujeição e subserviência aos homens sertanejos e coronéis. Diante dessa desigualdade entre os gêneros, promove-se a invisibilidade das violências sofridas pelas mulheres caririenses, assim como, a naturalização da impunidade por parte dos homens (Soares, 2017). Corroborando para a continuidade e permanência das situações de violência até a atualidade.

A partir disso, Cherly Buckley (2025) aponta que o design surgiu em um contexto patriarcal, incorpora tais princípios dominatórios-exploratórios e os reproduz. Desse modo, para além da área se instituir omitindo as contribuições das mulheres para sua formação conceitual, inicialmente, ela restringe a participação das mesmas como designers a funções delimitadas, sob a justificativa de aptidão biológica (Buckley, 2025). Ademais, esse design capacita-se a ditar o papel da mulher em sociedade e com isso definir o “ser mulher” (Buckley, 2025).

Em demonstração à correlação entre design e patriarcado, observa-se o caso das

campanhas da marca Gillette em incentivo à depilação feminina. A marca Gillette origina-se no mercado através de produtos direcionados à barbação masculina. Entretanto, em 1915, como estratégia de ampliação comercial, passou a direcionar campanhas de marketing ao público feminina, associando as práticas de depilação das mulheres à hábitos de higiene e beleza (The Henry Ford, 2025). É importante considerar que tratava-se de um período de reformulação da moda feminina, em que as indumentárias direcionadas às mulheres tornaram-se mais curtas e expunham partes do corpo, como as axilas. Diante disso, a marca, mediante as revistas direcionadas às mulheres propôs a Milady Decolleté Gillette, uma personagem delicada e graciosa que detinha os braços à mostra, atrelada a anúncios contendo as frases “as poses e os movimentos graciosos [...] demandam insistentemente por uma pele lisa” e “Mulheres da moda descobriram que o método mais seguro e higiênico de obter axilas tão lisas quanto o rosto é com o uso de Milady Decolleté Gillette” conforme a figura 2 (The Henry Ford, 2025).

Figura 2: Campanha da marca Gillette “Milady Decolleté Gillette”



Fonte: The Henry Ford (2025)³

Posteriormente, nas décadas de 1920 e 1930, a depilação das pernas tornou-se

³ Disponível em:

<https://www.thehenryford.org/collections/explore/articles/the-hair-raising-history-of-womens-body-hair>. Acesso em: 25 mar. 2026

comum, paralelamente aos avanços da moda, à medida que as bainhas das saias passaram a expor mais as pernas (The Henry Ford, 2025). Assim, conforme as reformulações da moda tornavam as indumentárias direcionadas às mulheres mais curtas, as campanhas de depilação avançavam, até a atualidade, no direcionamento à depilação total dos corpos femininos, conforme a figura 3.

Figura 3: Campanha da marca Gillette “Venus”



Fonte: Monster Movie (2018)⁴

Diante disso, percebe-se que tais designs, elucidam os entrelaces políticos aos corpos-territórios de mulheres e o que os compõe. Compreendendo que o design, além de compor identidades e expressividades, afetam os modos de vida coletivos, propondo vinculações aos aspectos de feminilidade e das performances das mulheres em sociedade.

3.2 Racismo, Cariri & Design

Ao elucidar o sistema racista na sociedade brasileira, Heleieth Saffioti (1987) e Lélia Gonzalez (2020) contestam a democracia racial no Brasil, a qual, rege-se pela legislação

⁴ Disponível em: <https://monstermovie.com.br/dark/portfolio-item/gillette-venus/>. Acesso em: 25 mar. 2026

diante da lei Nº 7.716, artigo 1º, ao afirmar que “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Entretanto, as interlocuções são distintas na prática, mediante a incorporação do processo de miscigenação étnica e cultural como um ocultamento às desigualdades incorporadas e perpetuadas pelo período de escravidão à sociedade brasileira. Esses caminhos difíceis para o letramento racial e a abolição efetiva do racismo expõem as dificuldades de um país estruturado por um sistema desequilibrado que opera pela opressão de um indivíduo a outro (Gonzalez, 2020).

Diante disso, as comunidades indígenas e negras foram restituídas às margens, tendo dificuldades para acessar seus direitos sociais básicos de acesso à água, alimentação, saúde, educação e moradia (Gonzalez, 2020; Saffioti, 1987). Enquanto, economicamente, diante da baixa escolaridade, sua subsistência é majoritariamente por profissões e cargos menos “intelectuais” e mais mal remunerados (Saffioti, 1987). Assim como, aumentam-se os índices de criminalidade e violências diante desses coletivos-territórios, sendo estas, também, estruturadas pelo estado (Gonzalez, 2020). Entretanto, mesmo as pessoas não brancas que ascendem economicamente têm suas identidades submetidas à *ideologia do branqueamento*, esmiuçada por Lélia Gonzalez (2020). Trata-se de um conjunto de normas comportamentais aceitas socialmente, determinadas pelo patriarcado-racista-colonialista, que estabelecem os modos pelos quais sujeitos não brancos podem ser reconhecidos e aceitos na sociedade.

Vislumbrando a sociedade brasileira como patriarcal, esmiuçada anteriormente, e racista, presentemente apresentada, Lélia Gonzalez (2020) afirma que:

[...] dentro da estrutura das profundas desigualdades raciais existentes no continente, a desigualdade sexual está inscrita e muito bem articulada. Trata-se de uma dupla discriminação de mulheres não brancas na região: as amefricanas e as ameríndias. O caráter duplo de sua condição biológica - racial e/ou sexual - as torna as mulheres mais oprimidas e exploradas em uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. (Gonzalez, 2020, p. 132)

Essa mútua dominação-exploração revela que para além de uma descriminação dobrada, acresce-se o aspecto da sexualização da mulher negra, tendo seu corpo vinculado enquanto objeto e símbolo sexual de submissão e apropriação. A mulher indígena sofre de aspectos similares de objetificação, entretanto, Gonzalez (2020) expõe a herança escravocrata dos povos africanos e a posição no eixo familiar hetero-branco-colonial. Evidenciando que a mulher negra, enquanto escrava cuidadora dos filhos dos dominadores, sofria abuso sexual do seu dominador, apesar do seu vínculo de união oficial na sociedade ser com a mulher branca. Com isso, os resquícios desse sistema remontam-se na sociedade atual, por meio da seguida

objetificação da mulher negra e da submissão à posição de mãe solo de filhos não assumidos legalmente pelos homens genitores. Diante disso, corresponde-se a uma intensificação da sobrecarga em atividades, crescendo-se uma dificuldade em seus eixos de sobrevivência, evidenciados como questões estruturais sociais e políticas (Saffioti, 1987; Gonzalez, 2025).

Ademais, o racismo absorve perspectivas particulares no território do Cariri cearense, entretanto em conformidade ao contexto brasileiro vinculado aos grupos étnicos-raciais indígenas, africanos e europeus (Gonzalez, 2020). As subordinações e subjugações ontológicas e epistemológicas direcionadas aos indígenas e negros (Serpa, 2022), foram atravessadas por aspectos da religiosidade-coronelistas. Originalmente, o Cariri era ocupado pelos indígenas Kariris (Nascimento, 2022), nome que intitula a região. Esses povos reconheciam o território como terra sagrada e fértil, favorável aos múltiplos seres. Entretanto, conforme o processo de colonização europeu avançou do litoral ao interior do nordeste brasileiro, os colonizadores adentraram o sertão nordestino (Soares, 2019).

Segundo Joedson Nascimento (2022), os processos de colonização estruturaram-se através de aldeamentos missionários jesuítas, em que por intermédio da catequização implementa-se a dominação-exploração dos corpos-territórios indígenas Kariris. Acarretando-se na subjugação das multiplicidades de saberes, crenças, costumes e culturas. Além disso, parte das estratégias coloniais cearenses estava na constituição de aldeamentos e na transferência dos povos indígenas para distintas localidades (Nascimento, 2022). Nascimento (2022, p. 2) aponta que “Essas mudanças serviram de fundamentação para decretar a extinção da população indígena no local, que possibilitou a alteração do status jurídico da área e a posse desta por latifundiários”. Diante disso, as populações indígenas, foram supostamente extintas em meio a conflitos coloniais ou descaracterizadas pela miscigenação, acarretando na desconfiguração dos seus territórios, assim como, na dissolução identitária e cultural desses povos (Nascimento, 2022).

Ademais, inicialmente a subserviência escrava no sertão nordestino era composta pelas populações indígenas (Silva, 2017), contudo, posteriormente, os povos negros africanos e amefricanos adentraram a região, sob a posição de escravos dos colonos europeus. Diante disso, a colonização do sertão se deu através de intensas resistências dos indígenas e negros. Assim como, pela constituição de quilombos na região, correspondendo às comunidades, organizadas como territórios de abrigo e refúgio dos negros diante da escravidão colonial (Silva, 2017).

Entretanto, Nascimento (2022) e Silva (2017), apontam que diante da história do Ceará, e consequentemente do Cariri, há um ocultamento da presença e registro dos povos

indígenas e negros. Como também, ao considerar que esses povos culturalmente conservam e compartilham, suas vivências, saberes e fazeres, por meio da oralidade, percebe-se que a subjugação colonial ontológica e epistemológica, compromete as suas permanências através da memória (Soares, 2019). Soares (2019, p. 122) completa ao afirmar que:

Memória é resistência, portanto, o apagamento dessas memórias rebeladas é muito eficiente para a conformação, normatização e naturalização de relações sociais de sexo, classe e raça assimétricas. (Soares, 2019, p. 122)

Através da dominação-exploração colonial, esses corpos-territórios foram desvinculados das suas identidades. Dentre as principais marcas do racismo no território caririense está a ontológica, vinculada ao autoconhecimento e pertencimento. Com isso, o resgate pela memória e identidade por partes dos povos negros e indígenas torna-se uma das formas de resistência.

[...] o indígena foi apagado, foi silenciado e eles ficaram também sem se reconhecer que eram indígenas. Eu, por exemplo, eu me reconheci indígena, sabe por quê? [...] minha mãe nem sabe exatamente como era, mas, por exemplo [...] ela é filha de mãe adotada. [...] Os fenótipos, por toda a história, a forma como meu tio [...] se comportava. Minha mãe, de certa forma, com as coisas que ela fazia, as raizadas, os ensinamentos. (Nivia Uchôa, 2026)

Isto posto, ao remontar as origens que fundamentam o campo do design por homens, brancos e europeus, Cherly Buckley (2025) pontua que enquanto uma prática de reprodução acrítica, a área segue embasando os ideais iniciais mesmo quando aplicados à distintas sociedades. Aspecto reiterado por Lélia Gonzalez (2020) ao afirmar que a sociedade hegemônica vincula seus princípios aos meios de comunicação. Desse modo, o design hegemônico embasa-se em ideais racistas. Gonzalez (2020) agrega ao pontuar que a comunicação hegemônica perpetua preconceitos raciais vinculados a aspectos culturais e étnicos. Como também, a ocultação ou embranquecimento dos indivíduos não brancos por intermédio da *ideologia do branqueamento*.

Diante disso, ao elucidar as interlocuções entre design e racismo, apresentamos o caso da campanha da marca Devassa, no ano de 2010, com o anúncio da cerveja “Tropical Black” incorporado a imagem ilustrada de uma mulher negra seminua juntamente da frase “É pelo corpo que se conhece a verdadeira negra.” conforme a figura 4 (Veja, 2013; Portal Geledés, 2012).

Figura 4: Campanha da marca Devassa “Tropical Black”



Fonte: Portal Geledés (2012)⁵

Considerando o direcionamento das campanhas de cerveja ao público masculino, assim como, o uso recorrente de publicidades veiculadas a perspectivas de masculinidade e a sexualização da mulher, a referida campanha amplia os fatores discriminatórios ao atrelar a bebida ao corpo da mulher negra. Através do design, ideologias racistas são naturalizadas e sustentadas subjetivamente. Mediante ilustrações, linguagens e campanhas essa ferramenta de comunicação mercadológica estrutura aspectos racistas, nesse caso, de sexualização e objetificação às mulheres negras.

3.3 Colonialismo, Cariri & Design

O colonialismo, em contexto brasileiro, surgiu a partir do processo de invasão territorial por parte de colonizadores europeus. Correspondendo a dominação-exploração social, cultural e política dos povos americanos originários. Paralelamente estruturado a um sistema escravocrata, por intermédio da subjugação e sequestro dos povos africanos. Posteriormente, emerge-se o capitalismo, como uma herança colonial vinculada à dominação-exploração sócio-econômica. Entretanto, trata-se de uma vinculação sistêmica

⁵ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/anuncio-da-devassa-e-considerado-racista-e-sexista-pelo-conar/>. Acesso em: 25 mar. 2026

mútua embasada nos mesmos princípios.

Bibiana Serpa (2022), expõe que para além de uma dominação estritamente econômica e cultural esses sistemas estruturam-se em subjugações ideológicas. Assim, ao relacionar-se a ontologia e epistemologia do corpos-territórios, vinculam-se às concepções de ser, conhecer e interpretar o mundo. Com isso, determina-se essa hegemonia embasada numa dialética de coexistência, sendo essa naturalizada ao incorporar a desigualdade como algo de impossível desvinculação. Desse modo, a sociedade, a política e a cultura passam a relacionar-se com as lógicas de dominadores-dominados, importantes-desimportantes, adequados-inadequados (Serpa, 2022).

Heleieth Saffioti (1987), aponta como esses sistemas delimitam quais conhecimentos são válidos e inválidos e correlaciona-se à economia como fatores incidentes a remuneração financeira. Ao estabelecer-se que profissões não-manuais, proporcionam maiores salários e prestígio, enquanto os trabalhos manuais rendem menor remuneração. Desse modo, é importante atentar-se à dialética desse fato. Ao compreender que as profissões não-manuais, comumente vinculam-se ao conhecimento acadêmico, sendo este estruturado pelo sistema hegemônico, enquanto os trabalhos manuais, associam-se ao conhecimento empírico, este popularmente repassado de modo não acadêmico. Assim, ao compreender que os conhecimentos acadêmicos e científicos estruturam-se com base nas ideologias do Norte Global, compreende-se a subordinação e a subalternização dos conhecimentos populares afro-latino-americanos (Serpa, 2022). Com isso, revela-se a relação de dominação-exploração ideológica e econômica, que socialmente e politicamente estruturam a desigualdade do sistema.

Agregando a conceituação da dominação-exploração ideológica do colonialismo, Lélia Gonzalez (2020) acrescenta a concepção de *neurose cultural brasileira* como um sintoma do racismo-colonial. Ao afirmar que a sociedade brasileira usufrui de modo exploratório das etnias indígenas e africanas, ao embasar-se culturalmente dos costumes, do idioma, das tradições e das festividades herdadas da afrolatinidade ou miscigenadas com a mesma, enquanto a denega⁶. Com isso, compreende-se que inconscientemente ou conscientemente por meio da denegação, a sociedade brasileira miscigenada identifica-se e designa-se por meio da branquitude enquanto desconsidera sua origem multicultural.

Gonzalez (2020) complementa a conceituação ao apontar para hierarquização das

⁶ Gonzalez (2020, p. 115) “Para um bom entendimento das artimanhas do racismo acima caracterizado, vale a pena recordar a categoria freudiana de *denegação* (*Verneinung*): ‘Processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença’”

classes sociais brasileiras, que configuram-se pela distribuição desigual do capital. De modo que minorias populacionais detêm o maior acúmulo de capital, sendo esses dominantes na política e na economia, enquanto a maioria populacional sobrevive com salários mínimos, correspondendo ao proletariado periférico. Conforme delimitado anteriormente, esse colonialismo-capitalismo estrutura-se intrinsecamente interligado ao patriarcado e ao racismo. Esses fatos incidem para que as minorias detentoras de poder econômico correspondam, majoritariamente, por homens brancos. De modo que a maioria populacional proletária compunha-se, predominantemente, por mulheres indígenas e negras, em que Lélia Gonzalez (2020) complementa ao estabelecer que:

[...] esse sistema transforma diferenças em desigualdades, a discriminação que sofrem assume um caráter triplo, dada a sua posição de classe: as mulheres ameríndias e amefricanas são, na maioria, parte do imenso proletariado afro-latino-americano. (Gonzalez, 2020, p.132)

O colonialismo vincula-se ao território interiorano do Cariri cearense através do sistema coronelista, ao configurar os processos de dominação-exploração por meio de oligarquias locais. Tratam-se de estruturas sócio-políticas organizadas através da concentração de poder em grupo de pessoas, com vínculo econômico, familiar ou político (Soares, 2019). Em conformidade ao colonialismo, conforme apresentado anteriormente, esse grupo minoritário é composto por homens brancos. A partir disso, os regimentos estatais, por intermédio das oligarquias, instituem os direitos sociais partindo das deliberações dos coronéis, em concordância ao beneficiamento das oligarquias (Soares, 2019).

Ademais, a soberania masculina era incorporada às relações familiares, com isso a dominação-exploração reflete-se nas relações sociais privadas. De modo que incorpora-se ao homem a posse dos bens materiais, das mulheres e dos filhos (Soares, 2019). Desse modo, diante da concepção de posse, as sujeições e subordinações condicionadas às mulheres tornam-se naturalizadas e recorrentes.

No Cariri, o que a gente sabe é que [...] o Cariri é extremamente perigoso, né, é uma região, pelo menos aqui no Ceará, das mais perigosas para ser mulher. Então, ser mulher no Cariri é um pavor, um terror. Ser mulher trans no Cariri piorou, piorou e muito. [...] Nós temos uma herança colonial muito forte. Inclusive, a herança colonial [...] que ainda nos conta de pessoas que dizem, “ah, a minha avó, a minha bisavó foi pegada com cachorro, foi pega no laço”⁷ né. Então, a pessoa está falando de que a avó dele, a bisavó dele foram estupradas, né. A pessoa está falando de um episódio de estupro. E as pessoas ainda têm essa narrativa aqui no Cariri. (Raquel Kariri, 2026)

⁷ As expressões “pega no laço” e “pegada com cachorro” referem-se a uma das violências direcionadas às mulheres indígenas por parte dos colonizadores europeus. Enquanto essas mulheres eram sequestradas, descritas como “primitivas” e posteriormente “adestradas”. Os relatos e narrativas, por vezes corriqueiros, retratam episódios de agressão, violência sexual e ontológica.

Ademais, diante das relações sócio-econômicas estabelecidas a partir das organizações coronelistas por partes de elites locais, promove-se um acirramento da desigualdade de classes no território. Ao corresponder às minorias populacionais detentoras de acúmulos de terra e capital, enquanto às maiorias populacionais de trabalhadoras e trabalhadores eram explorados “através do mando, da perseguição e do cercamento dos minifúndios” (Soares, 2019, p. 127). Além disso, esse processo resultou na informalidade das trabalhadoras e trabalhadores em subserviência às oligarquias, acarretando, posteriormente, a formalização do proletariado industrial caririense (Soares, 2019).

Isto posto, ao fazer um paralelo com o design, pode-se dialogar com Cherly Buckey (2025), ao apontar que “para legitimar esse processo de codificação cultural [...] Constroem-se definições excludentes de design bom e design ruim, baseadas quase inteiramente em estética”. Desse modo, promove-se a subjugação das criações e conhecimentos afro-latino-americanos. Os saberes-fazeres envolvidos em manualidades e oralidades, originados em coletivos e territórios indígenas, quilombolas e dos demais povos tradicionais são desvalorizados e deslegitimados (Serpa, 2022).

Diante do exposto, em demonstração da correlação entre design e colonialismo, remonta-se à origem da conceituação e profissionalização do campo do design, a partir da Escola de Artes Aplicadas Bauhaus, na Alemanha, em 1919. Período em que as conceituações de design passaram a distinguir o “bom design” ao atrelar a forma à função. Dentre os princípios projetuais estavam a constituição de artefatos e ambientes através da simplicidade e minimalismo (Art, 2019) conforme a figura 5.

Figura 5: Artefatos minimalistas por designers da Bauhaus



Fonte: Art (2019)⁸

As ideologias e metodologias propostas pela Bauhaus delinearam a institucionalização do design por intermédio da globalização. Diante disso, as demais criações vinculadas à complexidade e ao maximalismo condicionava-se a aspectos do “design ruim”. Diante disto, promove-se a desqualificação dos artefatos, das arquiteturas e das práticas associadas ao “design ruim”. Assim, as criações vinculadas às culturas indígenas ou africanas são distanciadas da concepção de design, conforme a figura 6.

⁸ Disponível em: <https://art.art/blog/10-bauhaus-principles-that-still-apply-today>. Acesso em: 26 mar. 2026

Figura 6: Artefatos indígenas

Fonte: Portal Amazônia (2021)⁹

Por fim, percebe-se que, conforme apresentado, os sistemas de patriarcado, racismo e colonialismo não apenas se perpetuam de forma individual, mas também se fortalecem mutuamente. Esses sistemas se sustentam na subjugação e subalternização de diferentes cosmologias, entendidas como as múltiplas formas de existência que envolvem gêneros, raças, etnias, territórios e, também, seres da fauna e da flora. Apartir disso, impõe-se a unificação de modos de existir, conhecer, interpretar e criar o mundo. Ao compreender o design como um articulador desses processos Ahmed Ansari (2020, p.3, tradução nossa) pontua que:

[...] designers, estudiosos, teóricos e historiadores do design reconheçam que essa hermenêutica implica que a constituição histórica da ontologia do design como uma área da atividade humana indissociável da industrialização, da produção e comunicação em massa, do capitalismo, da modernização, da globalização e do “desenvolvimento a qualquer custo”, resultou em um design que se torna um domínio primordialmente “desfuturizador” da constituição do mundo, projetando e redesenhando o mundo de modo que outras possibilidades de vida mais sustentáveis sejam descartadas, à medida que nos tornamos cada vez mais dependentes de tecnologias que prejudicam a ecologia do planeta. (Ansari, 2020, p. 3, tradução nossa)

⁹ Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/conheca-5-elementos-da-arte-indigena/>. Acesso em: 26 mar. 2026

Enquanto o design permanece intrínseco a sistemas patriarcais-racistas-coloniais, além de contribuir para reprodução de suas ideologias, promove o cerceamento de outras possibilidades de criação. Contudo, do mesmo modo que diante da sociedade, da política e da cultura, estruturam-se indivíduos e coletivos de resistência à hegemonia global, essas ações também se refletem no design.

Conforme exposto, essa pesquisa embasa-se nas conceituações e constatações do feminismo diante do território latino-americano como uma alternativa de resistência à hegemonia dominatória-exploratória. A vista disso, Lélia Gonzalez (2020) e Bibiana Serpa (2022) pontuam que o feminismo afro-latino-americano incorpora a visão de transformação social. As autoras compreendem que os pressupostos feministas inaugurais por igualdade e diversidade, tornam-se obsoletos ao abranger-se a totalidade de um sistema hegemônico que embasa-se na desigualdade. Desse modo, tais determinações tornam-se insuficientes ao perceber que essas condições apenas atingem grupos seletivos, enquanto a maior parcela da população seguirá desassistida. Com base nisso, as autoras confirmam a necessidade de remodelação das estruturas sociais com base nos coletivos de resistência feministas latino-americanos, ao entender que os mesmos traçaram caminhos para um criticismo ao sistema hegemônico, situado na América Latina.

Ao compreender esses corpos-territórios avistam-se as opressões colonialistas, capitalistas, racistas e patriarcais. Como também, por meio das ações e reações dos mesmos enquanto resistência deslocam-se caminhos para o criticismo diante do design (Buckley, 2025; Serpa, 2025). De modo que, impulsionam-se movimentos anticoloniais, pós-coloniais e decoloniais direcionados à área, que exploram possibilidades ontológicas, epistemológicas e metodológicas, tendo como embasamento a cosmologia. Em um movimento de reconhecer-se as multiplicidades e direcionar-se pesquisas e projetos adequados às distintas realidades (Ansari, 2018). Ademais, reconhece-se um processo de inversão na busca do conhecimento, partindo dos interiores para os exteriores. Ao articular-se possibilidades através do reconhecimento e da investigação dos saberes dos territórios.

4 DESIGN & FEMINISMO

As cosmologias, diante dos conhecimentos relacionados à sociedade, à política e à cultura, correspondem à multiplicidade de mundos, abrangendo distintos seres, suas ideologias, seus modos de existência e as relações que os constituem. Ahmed Ansari (2019; 2020) propõe a noção de *cosmoontologias* ao apontar que as multiplicidades cosmológicas são também ontológicas. Sendo assim, a concepção do ser implica formas específicas de perceber e conhecer o mundo, ou seja, em percepções epistemológicas. A partir das quais constituem-se as composições e criações de mundos, revelando as sociedades com base nas experiências de indivíduos e coletivos.

Nesse contexto, torna-se necessário considerar a concepção de corpos para além do humano. Segundo Ansari (2020), os não humanos também compõem os mundos dentro de suas epistemologias e cosmologias singulares, as quais, foram historicamente exploradas pelas imposições patriarcais-racistas-colonialistas. Assim, a fauna ou flora possuem concepções *cosmoontologicas* próprias, em articulações com as demais seres e com os mundos que habitam.

Tal compreensão relaciona-se à conceituação de corpo-território (Cruz et al, 2017), conforme apresentado anteriormente, as pensadoras latino-americanas definem que seus corpos são afetados pelos seus territórios, ao mesmo tempo em que também os afetam. À vista disso, compreende-se que as criações humanas e não humanas surgem a partir de suas percepções e necessidades enquanto corpos e territórios. Com isso, é possível estabelecer que o design também possui uma dimensão ontológica (Ansari, 2020). Os artefatos e as práticas de design, por meio de suas dimensões subjetivas e incorporadas, são capazes de revelar aspectos do passado de um povo, como seus costumes e tradições. Ao mesmo tempo em que participam das configurações de futuros, através das transformações que as criações promovem (Ansari, 2020). Diante disso, a partir dessas ampliações conceituais e ideológicas apontam para perspectivas decoloniais que, ao se constituírem como contra hegemonias, possibilitam a expansão das formas de existir, conhecer, interpretar e criar.

A decolonialidade corresponde à ampliação das ontologias, epistemologias e, com isso, das cosmologias, para além das concepções globalizadas vinculadas a estruturas patriarcais-racistas-coloniais. Desse modo, essas percepções articulam-se ao campo do design por meio de dimensões interligadas, especialmente as ideológicas e as metodológicas. Ahmed Ansari (2018) aponta que a incorporação de perspectivas decoloniais ao design implica desafiar e criticizar o academicismo e profissionalismo da área, por intermédio da

intrinsicidade da responsabilidade social diante das temáticas sócio-políticas-culturais, sendo essas relacionadas a gênero, raça, etnia e classe. Diante disso, as conceituações do campo de design podem ser ampliadas em dimensões pluriversais, ao incorporar perspectivas anti/pós/decoloniais à área através de designers e pesquisadoras/es contra hegemônicos.

Ademais, ao propor metodologias decoloniais, Ansari (2018) aponta a necessidade de entender o design para além das denominações contemporâneas. Nesse sentido, perceber-se que a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da área, a capacita a remodelar seus projetos, como também, suas estruturas, métodos, técnicas e práticas, assim sendo possível remodelar o campo do design. Ansari (2018, p. 2, tradução nossa) afirma que “pode-se recorrer tanto às compreensões históricas do ser passado quanto à sua natureza transformada no presente para recuperar características ontológicas essenciais que apontem para um novo estado futuro”. A partir disso, é necessário desvincular o design de uma lógica estritamente mercadológica e incorporar elaborações aliadas a transformações sociopolíticas, atuando em enfrentamento das desigualdades promovidas pela colonialidade. Assim, passam a ser concebidos designs plurais aliados às cosmologias.

A partir disso, Ansari (2019) propõe a inversão da lógica da globalização, alterando o movimento comumente orientado do exterior para o interior dos corpos-territórios, associado à universalização, para um movimento inverso, vinculado à multiplicidade, que parte do interior dos corpos-territórios para o exterior. Por meio disso, ao retomar essas conceituações de corpo-território por pensadoras latino-americanas, compreende-se que os corpos-territórios são capazes de revelar tanto as dinâmicas de dominação quanto as formas de resistência dos sujeitos, grupos e regiões (Cruz et al, 2017). Desse modo, ao promover-se a incorporação e valorização dos saberes-fazer contra hegemônicos, percebe-se que a compreensão e análise ontológica e epistemológica revelam as cosmologias decoloniais ao design.

No contexto da América Latina, Bibiana Serpa (2022) apresenta os movimentos políticos territoriais como os precursores da decolonialidade, os mesmos carregam as identidades e resistências ancestrais e tradicionais dos territórios, envoltas aos saberes dos indígenas, quilombolas e dos demais povos tradicionais. Como afirma Ahmed Ansari (2018, p. 1, tradução nossa) “a decolonialidade não é algo novo: existe desde que os colonizados resistiram ao colonialismo”. Diante disso, esses movimentos políticos estabelecem-se em enfrentamento a distintas problemáticas socioculturais, os quais, a partir das suas articulações e concepções, elabora-se o pensamento crítico e criativo latino-americano (Serpa, 2022).

A partir disso, compreende-se que os movimentos sociais atuam como educadores

populares, os quais, por meio de suas dinâmicas e formações coletivas de politização e conscientização elaboram processos de aprendizagens a partir dos sujeitos. Assim, através do autorreconhecimento como ser político e o questionamento das ações e relações cotidianas, incorporam-se dimensões críticas e políticas aos indivíduos, evidenciando que os corpos-territórios são políticos (Serpa, 2022; Cruz et al, 2017). Desse modo, os movimentos sociais estruturam-se como coletivos que, de forma contínua, participam da construção de uma sociedade política, enquanto constituem indivíduos politizados ontologicamente e epistemologicamente. Com isso, os movimentos propõem-se a problematizar as estruturas sociais e promover transformações, assim como, ampliar a compreensão crítica e politizada sobre a sociedade, a partir das ações de dominação-exploração (Serpa, 2022).

No contexto brasileiro, o movimento feminista afro-latino-americano, conceitualmente apresentado por Lélia Gonzalez (2020) estrutura-se por meio do enfrentamento a problemáticas vinculadas a gênero, raça e etnia. Abarcando também outras questões intrínsecas aos grupos sociais oprimidos, em contraposição ao patriarcado-racista-colonialista. Assim, por meio do feminismo afro-latino-americano possibilita-se abranger questões particulares e distintas enfrentadas pelos sujeitos que compõem a sociedade, ao mesmo tempo em que evidencia a centralidade das mulheres negras e indígenas, cujos corpos-territórios são profundamente impactados pelas desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais (Gonzalez, 2020). Diante disto, Lélia Gonzalez (2020) aponta particularidades dos movimentos feministas em articulação com as dimensões étnicos-raciais. Ao abordar os movimentos indígenas, evidencia-se a centralidade de ações voltadas à reconstrução das identidades indígenas e à retomada de suas histórias. Enquanto diante dos movimentos negros pontua-se a constante naturalização e persistência do racismo na sociedade brasileira.

Além disso, Gonzalez (2020) aponta uma particularidade dos movimentos mulheres negras e indígenas, a solidariedade coletiva. Trata-se de um ato político, sensível e simbólico, no qual mulheres afro-latino-americanas, ao se reconhecerem atravessadas por experiências históricas comuns, reúnem-se para discutir ativismos políticos, como também para compartilhar seus cotidianos. Assim, é possível compreender que o movimento feminista afro-latino-americano para além de uma orientação teórica de conhecimento, estabelece-se como uma ética de vida, incorporando às experiências dos indivíduos. Ademais, diante das identificações, interlocuções e sensibilizações coletivas, estabelecem-se formas de resistência e enfrentamento comunitário (Serpa, 2022).

[...] o feminismo passa [...] não só pela questão de você ler, de você ter discursos feministas, de ter aquele discurso mais pautado, mais orientado, não diria acadêmico, mas com orientação mais teórica [...] Acho que o feminismo não é isso. Acho que o feminismo é algo mesmo do dia a dia, é quando você defende uma amiga que sofreu de violência, é quando a gente tem sororidade. (Nivia Uchôa, 2026)

[...] sendo mulher feminista em todos os lugares que eu atuo. Então, em qualquer trabalho, sempre pensando no recorte de gênero, sempre dando prioridade às mulheres, sempre atuando para fortalecer coletivos de mulheres, fortalecer mulheres. Então, não é só numa instância de acho que pensar o feminismo para além da instância de militância. Pensar o feminismo enquanto uma ética de vida. Então, o feminismo para mim é uma ética de vida. Então, eu me movimento no mundo a partir dessa ética. (Raquel Kariri, 2026)

Isto posto, percebe-se que, a partir dos movimentos sociais feministas afro-latino-americanos, é possível compreender e vislumbrar perspectivas alternativas da realidade da América Latina. Por meio das suas articulações de resistência, esses movimentos propõem contra hegemonias capazes de compor, criar e ampliar realidades afro-latino-americanas, aliando-se ao design na composição de mundos cosmológicos.

A partir disso, Bibiana Serpa (2022) relaciona os processos de educação popular, promovidos por meio dos movimentos sociais feministas, ao campo do design, delineando caminhos para sua politização. Serpa (2022) afirma que o processo de politização trata-se de um movimento relacional, experiencial e variável envolto a transformações. Correspondendo a uma compreensão de um contexto sociocultural paralelamente a transformações ontológicas, epistemológicas, conceituais e práticas (Serpa, 2022). Embora esses eixos de politização sejam correlacionados, sua análise separada possibilita uma melhor compreensão do conjunto. Nesta pesquisa, estaremos incorporando os eixos de politização em ser, saber, interpretar e criar, respetivamente, para facilitar a análise.

Na ontologia ou as formas de ser no mundo, definindo-se como o ser, Bibiana Serpa (2022) aponta sua dimensão política no processo de autoconhecimento, identificação e politização. Enquanto no design, essa dimensão se expressa na valorização das multiplicidades e na ampliação das possibilidades de existência dos sujeitos, a partir de processos de conscientização. Na epistemologia ou o que se sabe do mundo, definindo-se como o saber, Serpa (2020) destaca a ampliação dos conhecimentos a partir de perspectivas decoloniais contra-hegemônicas. No design, a integração de saberes decoloniais à área, através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, contribui para questionar e ampliar as conceituações projetuais. Na conceituação ou como interpretar o mundo, definindo-se como o interpretar, a partir de Serpa (2020) evidencia a politização e o criticismo diante da sociedade, da política e da cultura. No design, essa perspectiva implica reconhecer a não neutralidade das

produções e assumir uma postura crítica diante dos impactos sobre os sujeitos, entendendo a responsabilização social dos projetos e das/os designers. Na prática ou o modo de agir sobre o mundo, correspondente ao criar, Serpa (2020) expõe na perspectiva política, a incorporação dos conhecimentos projetuais acadêmicos e empíricos, considerando suas equivalências e potencialidades conjuntas, desse modo, abrangendo os saberes-fazeres manuais, orais, artesanais, etc. No design, isso se manifesta na valorização da cocriação e na integração de saberes-fazeres diversos, manuais, orais, artesanais, entre outros, através de práticas participativas e situadas.

Em suma, percebe-se que ao compreender as cosmologias singulares dos territórios da América Latina, esmiuçando noções sócio-político-culturais à luz do feminismo afro-latino-americano possibilitam-se criações de mundos contra hegemônicos conscientes e adequados aos corpos-territórios, assim como, a assimilação dos processos de ser, saber, interpretar e criar em designs decoloniais (Ansari, 2018; Gonzalez, 2020; Cruz et al, 2017; Serpa, 2022). A partir disso, essa pesquisa direciona-se ao território cosmológico do Cariri cearense, localizado no Sertão nordestino do Brasil, na América do Sul.

4.1 Feminismo, Cariri & Design

O Cariri cearense compreende cosmologias ambientais e culturais, diante de um território miscigenado por múltiplos corpos-territórios, abrangendo seres da fauna e flora local e os povos indígenas, africanos e europeus colonizadores. Os aspectos de dominação-exploração do patriarcado-racista-colonialista são ampliados às interlocuções do território, diante de particularidades relacionadas ao coronelismo e a religiosidade do interior do sertão nordestino (Soares, 2019).

É importante ressaltar que o processo de expansão econômica e populacional do Cariri cearense está amplamente vinculado ao patriarcado-racista-colonialista em articulação à religiosidade e ao coronelismo. Diante do acontecimento nomeado popularmente como “Milagre do Juazeiro” ou “Milagre do padre Cícero”, ocorrido no então vilarejo de Joazeiro, em março de 1889, durante uma celebração religiosa católica regida pelo padre Cícero Romão Batista, uma hóstia consagrada se transformou em sangue na boca da beata Maria de Araújo (Soares, 2019). Esse acontecimento, tornou-se conhecido popularmente e fomentou o crescimento da região, diante do reconhecimento do Cariri como terra santa. A partir disso, o padre Cícero, intitulado como obreiro do milagre, tomou notoriedade e passou a ter atuações políticas e econômicas na região.

Nesse mesmo horizonte, o evento do milagre também pode ser compreendido como uma reprodução do modelo colonial-coronelistas, na medida em que sua legitimação e repercussão recaíram sobre a figura de padre Cícero, homem branco e representante da instituição católica, enquanto a beata Maria de Araújo, mulher negra diretamente associada ao acontecimento, foi historicamente silenciada e ocultada. Após esse acontecimento Maria de Araújo passou sua vida enclausurada até o seu falecimento, em 1914. Posteriormente, em 1931, teve seu túmulo violado e seus restos mortais saqueados, estando desaparecidos até os dias atuais (Soares, 2019).

[...] se a gente for voltar a história de Juazeiro, a gente sabe que até hoje houve o apagamento, o silenciamento da Beata Maria de Araújo. Até hoje não se legitimou pela Igreja Católica que ela quem merecia ser beatificada e santificada. Então, isso já é uma violência. Violência Velada. (Nívia Uchôa, 2026)

Diante do exposto, ao considerar as estruturas sociais patriarcais-racistas-colonialistas previamente apresentadas, o momento histórico de expansão caririense, torna-se um reflexo do entrelaçamento desses sistemas. As violências direcionadas ao corpo-território da beata Maria de Araújo, demonstram as agressões estruturais às mulheres, aos indígenas e aos negros no território, assim como, a presença e o ocultamento dos mesmos diante da história da região (Nascimento, 2022; Silva, 2017; Soares, 2019). Diante disso, é necessário retomar como o Cariri cearense em sua cultura, tradição e identidade demonstra a presença desses povos, assim como, os aspectos de resistência mediante a miscigenação. A partir disso, considerando a cosmologia caririense, revela-se a decolonialidade do território, mediante uma resistência ontológica e ideológica, que embasa e direciona os movimentos sociais.

[...] o Cariri tem perspectivas muito peculiares das organizações da luta, eu acho que a gente tem algumas personalidades ancestrais que desenham para nós um formato de resistência muito importante. [...] a Beata Maria de Araújo, pelo apagamento que foi a existência dela, por ela ser a obreira do milagre e isso não ser dado crédito para ela. A resistência dela daquela época, como o racismo a descreveu e onde colocou essa mulher no apagamento histórico da existência de todas as mulheres negras nesse território do Cariri. (Verônica Isidorio, 2025)

Posteriormente à ocorrência do milagre da beata Maria de Araújo a região ampliou-se economicamente e populacionalmente de modo contínuo. Inicialmente vinculada ao turismo cultural-religioso e ao fomento do artesanato regional. Seguidamente, ao repercutir investimentos públicos e privados na região, passou a abranger demais áreas econômicas com o comércio e as indústrias (Soares, 2019).

Diante disso, a partir dos anos 2000, há uma ampliação na educação e profissionalização da população, por intermédio de instituições de ensino superior, através de universidades e escolas profissionalizantes (Soares, 2019). Desse modo, efetiva-se uma ampliação nas conjunturas sócio-político-culturais do Cariri, influenciadas pelos distintos povos que passam a permear ou povoar a região, como também, pelos contextos coexistentes de urbanização e ruralidade do território. Suamy Soares (2019, p. 135-136), pontua que esse processo fomentou a estruturação das resistências por parte de movimentos sociais na região:

De certo, já existiam resistências locais, mas é incontestável que a interiorização das universidades oxigenou lutas históricas da região. [...] Com os processos de urbanização/industrialização atrelados à interiorização das universidades e ampliação de investimentos públicos e privados, a região fincou uma posição estratégica entre os principais polos comerciais e turísticos do Nordeste. (Soares, 2019, p. 135-136)

A partir disso, os movimentos sociais do Cariri, anteriormente estruturados como resistências e disputas por parte dos povos oprimidos, incorporam estruturações e ampliam pautas a partir dos movimentos de educação popular e política promovidos pela interiorização das universidades (Soares, 2019). Assim como, por meio do estreitamento das noções de resistência com os demais movimentos sociais nordestinos e brasileiros. Diante disso os movimentos sociais feministas do Cariri cearense, assimilam as noções de feminismo afro-latino-americano, ao incorporar a resistência diante do patriarcado-racista-colonialista (Saffioti, 1987; Gonzalez, 2020; Serpa, 2022).

Diante disso, o Cariri apresenta-se através da dialética violência-resistência diante das conjunturas sócio-político-culturais regionais, expressadas através da ancestralidade dos povos e das resistências fervorosas (Soares, 2019). Com isso, se revela como uma região perigosa para mulheres, indígenas e negros. Esses corpos-territórios são marcados pelo ocultamento e apagamento histórico, ainda permanente nos dias atuais, revelado pelos dados de violência contra a mulher na região (Soares, 2019).

Entretanto, as conjunturas sócio-político-culturais do Cariri Cearense demonstram a intrinsecidade da cultura do território com esses povos. Assim como, as miscigenações promovidas pelos corpos-territórios da região em suas conjunturas sócio-culturais, revelam amplamente as formas de resistência diante dos sistemas de dominação-exploração, para a preservação das suas culturas e identidades. Melo et al (2025) apontam para a reincidência no território caririense das manifestações advindas dos povos indígenas, como também dos africanos, por intermédio da religiosidade, das festividades e das expressividades mediante a oralidade e a manualidade.

Assim como, a resistência das mulheres caririenses reverbera-se através da perseverança e permanência mediante aspectos sócio-culturais de oralidade e manualidade. Apesar de invisibilizadas diante da historiografia oficial resistem por meio de saberes ancestrais, como rezadeiras, benzedadeiras, mezinheiras, agricultoras, rendeiras, vaqueiras, cordelistas, ceramistas, dramistas, xilógrafas, trancistas e dentre outras guardiãs dos saberes-fazer caririenses (Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2019). Ao reconhecer a resistência do Cariri cearense, para além dos movimentos sociais estruturados posteriormente, mas presentes mediante aspectos de existências, saberes e fazeres vinculados à ancestralidade, sob aspectos ontológicos e epistemológicos decoloniais. Paralelamente, reconhece-se a resistência afro-latino-americana da região mediante os movimentos sociais de mulheres e suas articulações e resistências intrínsecas à cultura e política regional.

[...] a nossa resistência vem dessa chapada, dessa água maravilhosa que desce, que alimenta a nossa existência, que encanta a nossa vista quando a gente olha, não só olhar da perspectiva de ver, de enxergar, visualmente, é no sentido de sentir [...] E eu acho que a chapada é uma força muito grande para a gente, com ela, tudo isso que a gente tem no Cariri, que é a força da cultura popular, das organizações mesmo na zona rural, principalmente, que é onde tudo começa. [...] Então a luta nossa, das mulheres aqui no Cariri, ela é muito permeada por essa simbologia toda, de violências muito perversas, mas de resistência muito linda, muito potente, que a gente olha e diz nossa, como não seguir? (Verônica Isidório, 2025)

Primordialmente, as mulheres caririenses organizam-se como movimentos sociais de resistência mediante articulações e reivindicações vinculadas aos movimentos sociais mistos, partidos e sindicatos (Soares, 2019). Tendo em vista a sociedade caririense, ancestralmente articulada em resistências de luta vinculadas à terra e as violências coronelistas, principalmente pelos coletivos étnico-raciais indígenas e negros. Entretanto, diante das constantes e recorrentes violências de gênero e da insegurança acometida às mulheres, em decorrência das estruturas patriarcais-racistas-colonialista arraigadas a sociedade caririense, surgiu a necessidade de movimento de resistência direcionado a pautas de gênero e étnico-raciais. Delinearam-se agrupamentos voltados às mulheres em prol de demandas urgentes, geralmente vinculadas ao enfrentamento à violência, como também, a reivindicação por melhores condições de vida e trabalho dentro dos próprios movimentos sociais “nas associações de bairro e nos sindicatos de trabalhadores rurais, potenciadas pelas Comunidades Eclesiais de base e as professoras universitárias da região” (Soares, 2019, p. 152).

Desse modo, as mulheres, a partir do interior das lutas sociais, passaram a compreender-se como indivíduos políticos, assim como, viram a necessidade de explorar os direcionamentos de gênero e raça individuais mediante os coletivos, entretanto, ainda sem

direcionamentos estruturais pautados pelo feminismo (Soares, 2019). Suamy Soares (2019) afirma que durante as décadas de 1980 e 1990, as organizações dos movimentos sociais de mulheres eram articuladas por ações diretas e de rua. Em 1983, surgiu a Associação de Mulheres de Crato (AMC) que orientou lutas em torno da questão da moradia e reivindicações por direitos sociais, com encerramento em 1990 (Soares, 2019). Posteriormente, em 1993, surge o Conselho Municipal da Mulher Cratense, objetivando elaborar e monitorar políticas públicas em prol das mulheres (Soares, 2019). No ano de 2001, surge o Grupo de Valorização Negra do Cariri - GRUNEC, por intermédio de uma frente de mulheres negras, objetivando o enfrentamento a políticas públicas em prol da população negra caririense (Bezerra e Nunes, 2021). Os movimentos sociais feministas do período articulam-se em integração com o Conselho Municipal da Mulher Cratense e o GRUNEC.

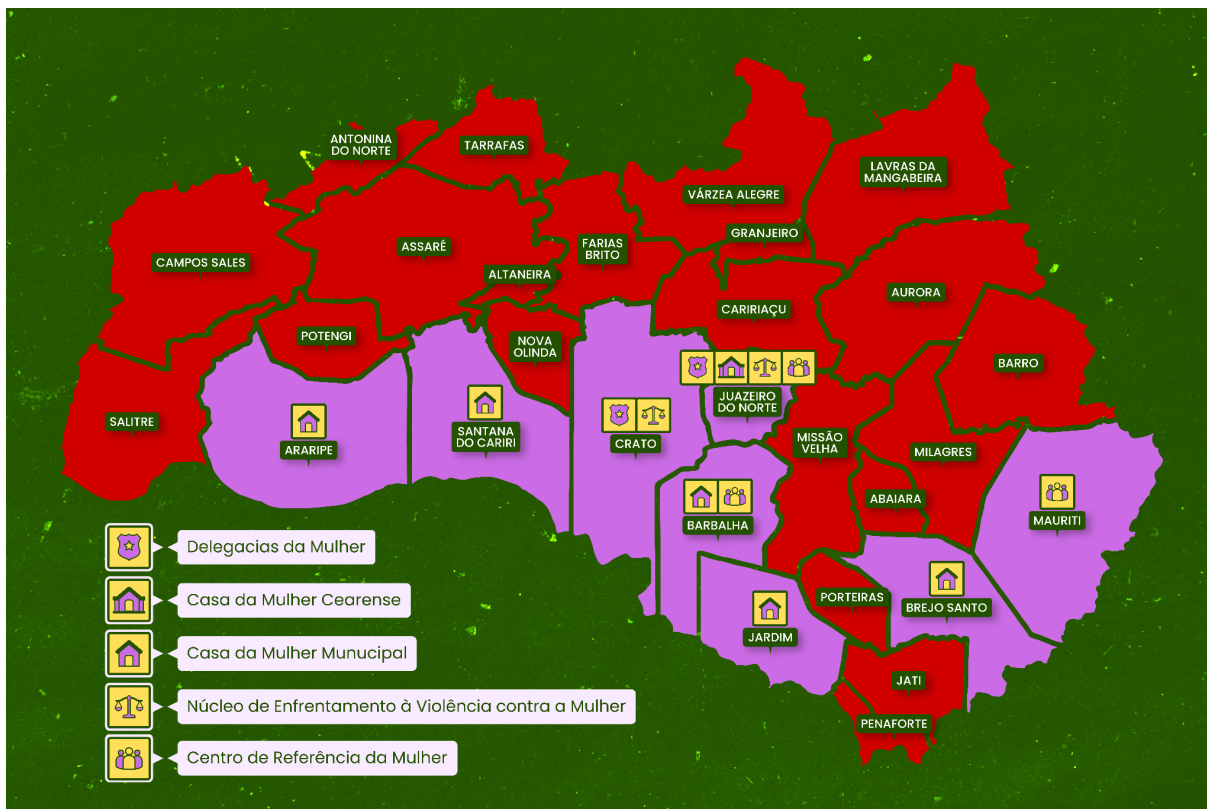
Entretanto, com a incidência dos casos de feminicídio, a partir dos anos 2001 e 2003, com a série de assassinatos a 13 mulheres na região, conhecido como “escritório do crime”, geraram articulações para a criação de delegacias especializadas na região (Soares, 2019). É necessário atentar-se para a recorrência dos casos violência contra a mulher no Cariri, principalmente sob os recortes étnicos-raciais das negras e indígenas. Suamy Soares (2017) apresenta que “De 2001 a 2014, 228 mulheres foram assassinadas pelos seus companheiros ou ex-companheiros”, em complementação Soares (2019, p. 146) confirma a continuidade e recorrência dos dados também em 2016.

Segundo o Observatório da Violência e Direitos Humanos da Região do Cariri, ligado à Universidade Regional do Cariri (URCA), entre janeiro e julho de 2016, Juazeiro do Norte apresentou taxa de 5,87 notificações de vítimas de violência para cada 1.000 mulheres; no Crato taxa de 9,16 notificações de vítimas de violência para cada 1.000 mulheres; e Barbalha, taxa de 0,49 notificações de vítimas de violência para cada 1.000 mulheres, em um total de 6,1 notificações de vítimas de violência para cada 1.000 mulheres no eixo CRAJUBAR (Crato-Juazeiro-Barbalha). (Soares, 2019, p. 146)

Diante dos constantes índices de violências, dados alarmantes e da insegurança acometida as mulheres, mesmo anteriormente às datações apresentadas nos dados acima, as articulações de políticas públicas surgem na região. Atualmente, segundo os dados oficiais do estado do Ceará a região do Cariri comporta Delegacias da Mulher, na cidade de Crato e Juazeiro (Governo do estado do Ceará, 2026); a Casa da Mulher Cearense, na cidade de Juazeiro do Norte (Governo do estado do Ceará, 2026); as Casas das Mulheres municipais, nas cidades de Barbalha, Araripe, Santana do Cariri, Jardim, Brejo Santo (Governo do estado do Ceará, 2026); os Núcleos de Enfrentamento à Violência contra a Mulher - NUDEM municipais, nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte (Defensoria pública do estado do Ceará,

2025); e os Centros de Referência da Mulher municipais, nas cidades de Juazeiro do Norte, Barbalha, Mauriti (Prefeitura municipal de Juazeiro do Norte, 2026; Prefeitura municipal de Barbalha, 2023; Prefeitura municipal de Mauriti, 2019), conforme apresentado na figura 7.

Figura 7: Mapa das Unidades de Enfrentamento a Violência Contra a Mulher no Cariri



Fonte: Autoria própria

Esse volume de equipamentos públicos de apoio à mulher reflete a resistência e exigência por parte dos movimentos sociais de mulheres da região, como também, a incidência de violência.

Então, hoje o Cariri é a região do estado do Ceará, depois da capital que mais tem equipamentos de acolhimento às mulheres vítimas de violência doméstica, ainda, e de enfrentamento a essas violências. A gente tem o NUDEM, que é o Núcleo da Defensoria Pública, especializado no atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica, a gente tem uma Casa da Mulher, a gente tem CRM (Centro de Referência da Mulher) [...] Tem Delegacia da Mulher em dois municípios, Crato e Juazeiro. E tem, minimamente, uma população que entende a gravidade dessa situação da violência contra a mulher. Porque essa violência contra a mulher no Brasil passou a ser uma questão de saúde pública. A gente é o quinto país em violência contra as mulheres no mundo. E o primeiro em violência LGBT. (Veronica Isidório, 2025)

Ademais, em decorrência das ampliações econômicas e populacionais caririense e,

consequentemente, das articulações sócio-político-culturais, as universidades passaram a incorporar noções estruturadas de resistência direcionadas ao feminismo, ao racismo, ao capitalismo e às pautas lgbtqiapn+ (Soares, 2019). Com isso, em 2012, surge a Marcha das Vadias no Cariri, a partir de articulações vinculadas a movimentos feministas nacionais e internacionais que problematizam os discursos direcionados às vítimas de violência e estupro, bem como o direito sobre o corpo das mulheres, no âmbito das pautas sexuais e dos direitos reprodutivos (Isidório et al, 2015).

A primeira articulação ocorreu no município de Barbalha, na festividade de Santo Antônio, evento popularmente conhecido como “Pau da Bandeira”, as mulheres em marcha protestaram em conformidade com as estruturações internacionais, sem vinculação partidária ou com movimentos sociais (Isidório et al, 2015). A segunda articulação, no município de Juazeiro do Norte, ocorre por meio de plenárias com representantes de partidos políticos, movimentos sociais, coletivos, assim como, estudantes e professores universidades, intencionando a “preparação de ciclos de debates anteriores à marcha nas universidades; sensibilização da população via meios de comunicação e redes sociais; bem como, o atrelamento a perspectiva de classe, raça/etnia e orientação sexual” (Isidório et al, 2015, p. 2-3).

A partir disso, a Marcha das Vadias, repercutem diante da sociedade caririense, considerando os aspectos de uma sociedade patriarcal-racista-colonialista, Isidório et al (2017) pontuam que os desdobramentos acarretaram para uma intervenção de grupos católicos no ano de 2012, “panfletando contra as ‘abortistas’, rasgando os lambes e panfletos feministas e vestidos com camisas com dizeres: ‘Santo Antônio, aborto não’” (Isidório et al, 2015, p. 3). Com essa repercussão a Marcha das Vadias, buscou reiterar seus objetivos perante as conjunturas sócio-político-culturais caririenses, a partir de questionamentos:

[...] afinal, todas as mulheres podem ou querem ser vadias? Estas Marchas agregam as mulheres negras, idosas, trans e camponesas? O espontaneísmo de tais manifestações trazem ganhos concretos para a organização das mulheres? Seria a Marcha uma nova forma de intervenção social ou uma reedição do feminismo branco, universitário e liberal que não dialoga com as reais necessidades das mulheres? (Isidório et al, 2015, p. 3)

A partir disso, em uma articulação conjunta ao Grupo de Mulheres Negras do Cariri - Pretas Simoa, sendo essa uma articulação das mulheres negras atuantes no interior GRUNEC (Soares, 2019) busca-se assimilar as noções de resistência à sociedade do Cariri cearense, aproximando-se de conceituações do feminismo afro-latino-americano (Gonzalez, 2020). Ao compreender que “tal ação política não incorporava todos os segmentos das mulheres e para

avançar rumo a um feminismo anticapitalista, antipatriarcal, antilesbohomotransfóbico e antirracista” (Isidório et al, 2015, p. 3) necessita-se aproximações as resistências e realidades das mulheres latino-americanas. Lélia Gonzalez (2020), ao conceituar o feminismo afro-latino-americano, acrescenta que mulheres negras e indígenas, por vezes, resistem ao feminismo por o distinguirem das suas próprias lutas como mulheres herdeiras de uma cultura distinta. Assim, a partir das concepções e resistências articuladas por elas, que se vincula a decolonialidade ao feminismo (Gonzalez, 2020), conforme proposto pelo movimento de mulheres caririenses.

[...] a gente dialoga de igual para igual com todos os movimentos na América Latina, principalmente porque a gente gosta de estar conectado com a perspectiva de América Latina, que é uma perspectiva decolonial. Pensar esse movimento a partir das nossas existências, compreendendo a grande multiplicidade que é ser mulher no Brasil, na Argentina, no Chile, enfim, sermos mulheres diversas. (Verônica Isidório, 2025)

A partir desse movimento, em 2014, surge a Frente de Mulheres do Cariri, definindo-se inicialmente como “Frente anti-capitalista, antilesbohomotransfóbico e antirracista”. A princípio o movimento social distancia-se de uma “frente feminista” por compreender que essa denominação circustancia o distanciamento das mulheres caririenses, também intencionando desenvolver uma luta vinculada as necessidades dos corpos-territórios:

Então, como, para nós, o mais importante era a união das mulheres trabalhadoras – negras, não-negras, lésbicas, trans, inclusive com a participação de homens e quem não se identifica com nenhum dos gêneros (pessoas não-binárias), não colocamos o nome de Frente Feminista, mas de Frente de Mulheres por considerarmos que ampliaria ainda mais o projeto de unidade, abraçando as que não se reivindicavam feministas. (Isidório et al, 2015, p. 4)

Atualmente, a Frente de Mulheres do Cariri compreende-se como uma organização feminista, anti-capitalista, antirracista, antiLGBTTFóbica, anticapacitista, antifascista da região do Cariri cearense. Mediante articulações internas, em 2014, identificou-se a necessidade de incorporar as pautas das mulheres negras e indígenas à centralidade do movimento (Isidório et al, 2015). Ao compreender que as estruturas sócio-políticas da sociedade caririense, em decorrência das estruturas patriarcais-racistas-colonialistas perpetuavam o ocultamento desses corpos-territórios mediante desigualdades étnico-raciais. Essa necessidade promoveu o desenvolvimento da Marcha de Mulheres Negras na região, assim como, a incorporação de mulheres negras à frente discursiva do movimento (Isidório et al, 2015; Soares, 2017).

Desse modo, a Frente de Mulheres do Cariri estrutura-se em prol do enfrentamento

aos sistemas patriarcais-racistas-colonialistas, embasados na decolonialidade, por intermédio de formações internas e externas, atos de rua e ações ostensivas de intervenção direta e ocupação. Abrangendo pautas singulares a distintos movimentos sociais de mulheres, vinculadas ao ambientalismo, a agricultura, a cultura dentre outras segmentações (Soares, 2017). Ademais, o feminismo dos movimentos sociais caririenses operam por meio da coletivização, conforme exposto os movimentos são originados e delineados, concomitantemente a demais expressividades feministas no território, como a relação entre a Marcha das Vadias, a Frente de Mulheres do Cariri, o Grupo de Valorização Negra do Cariri e a Marcha das Mulheres Negras.

Ademais, a resistência e feminismo caririense corrobora para as concepções de ser, saber, interpretar e criar por meio da decolonialidade (Serpa, 2022; Ansari, 2017). Diante disso, é possível reconhecer no território resistências por intermédio das criações e composições atreladas aos corpos-territórios caririenses, sendo essas estritamente vinculadas às concepções de designs pluriversãoais. Através da incorporação da beata Maria de Araújo como símbolo de resistência e reivindicação do seu reconhecimento e beatificação, por parte do coletivo Bando, em intervenções gráficas de arte urbana nas cidades do Cariri, no ano de 2024, conforme a figura 8.

Figura 8: Intervenção gráfica “Procura-se” pelo Coletivo Bando



Fonte: @bando.coletivo (2025)¹⁰

Diante do saber-fazer da xilogravura no coletivo de mulheres feministas e xilógrafas, nomeados Matriz, através exposição “Retratos Partilhados: Resistencia Poética” de 2025, contendo retrato-gravuras de 100 mulheres, talhadas por artistas gravadoras do Brasil e da Alemanha, conforme a figura 9, correspondendo a uma frente ao patriarcado cariense e a resistência de um saber-fazer ancestral reivindicado pelas mulheres locais.

¹⁰ Disponível em:

https://www.instagram.com/p/C4snR7nONgY/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 22 abr. 2026

Figura 9: Exposição Retratos Partilhados: Resistência Poética



Fonte: @_matriz_ce (2025)¹¹

Como também, a reivindicação identitária dos membros do Grupo de Valorização Negra do Cariri Cearense - GRUNEC, através da incorporação uso de indumentárias africanas conforme a figura 10, sendo uma frente ao racismo e ao colonialismo, com ocultamento dos povos negros no território caririense.

¹¹ Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DKb2BVTOqlc/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 24 mar. 2026

Figura 10: Verônica e Valéria Carvalho co-fundadoras do GRUNEC



Fonte: Ceará Criolo (2025)¹²

Por fim, mediante a compreensão da cosmologia do território caririense, por intermédio das conceituação de feminismo afro-latino-americano (Gonzalez, 2020), percebe-se no movimento social Frente de Mulheres do Cariri direcionamentos para uma educação popular, politizada e crítica (Serpa, 2022). Diante disso, ao correlacionar as conceituações de design propostas por Bibiana Serpa (2022), é possível traçar caminhos para um design decolonial e político com base nos movimentos sociais, mediante os eixos de politização ontológicos, epistemológicos, conceituais e práticas.

Desse modo, a partir da compreensão ontológica e epistemológica das ativistas e da Frente de Mulheres do Cariri apontam-se direcionamentos para um design caririense crítico e politizado. A vista disso, essa pesquisa através de três mulheres ativistas da Frente de Mulheres do Cariri, propõe direcionamentos sobre o ser, saber, interpretar e criar político do coletivo, propondo correlações ao design politizado.

¹² Disponível em:

<https://cearacriolo.com.br/veronica-e-valeria-carvalho-receberao-titulo-de-doutoras-honoris-causa-da-urca/>. Acesso em: 25 mar. 2026

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme proposto, a pesquisa apoia-se primordialmente com base na Observação e Conversa no Cotidiano proposta por Mary Jane Spink (2013, 2014), vinculada à psicologia social construcionista, adotando uma abordagem interdisciplinar. Por intermédio de três entrevistas às mulheres ativistas e feministas do movimento social Frente de Mulheres do Cariri, como também, à participação em eventos com a presença de mulheres feministas da Frente de Mulheres do Cariri ou dos demais movimentos sociais e coletivos feministas caririenses. Ademais, com base nessas Observações e Conversas no Cotidiano, possibilita-se a correlação ao processo metodológico de politização do design, proposto por Bibiana Serpa (2020). Através dos eixos de politização em ser, saber, interpretar e criar, considerando as aproximações de corpos-territórios (Cruz et al, 2017). Assim, proporcionando a vinculação dessa análise a um design feminista, antirracista e decolonial caririense.

A partir disso, as entrevistas corresponderam respectivamente: a entrevista de Verônica Isidório, no dia 5 de abril de 2025, de modo presencial na casa da entrevistada, em Juazeiro do Norte; a entrevista de Raquel Kariri, no dia 3 de fevereiro de 2026, de modo remoto; e a entrevista de Nivia Uchôa, no dia 4 de fevereiro de 2026, de modo presencial na casa da entrevistada, no Crato. Conforme proposto por Mary Jane Spink (2013; 2014) através das Observações e Conversas no Cotidiano, as entrevistas foram realizadas com a finalidade de contextualização das articulações da Frente de Mulheres do Cariri e dos demais movimentos sociais feministas do Cariri cearense. Como também, o entendimento das atuações individuais das mulheres feministas entrevistadas, correspondendo às resistências e dominações intrínsecas aos seus corpos-territórios (Cruz et al, 2017) e consequentemente aos coletivos de mulheres caririenses. As entrevistas tiveram o enquadramento semiestruturado, por intermédio de um roteiro que interseccionam as temáticas de feminismo, território caririense e design, entretanto com questões remodeladas e adaptadas de acordo com a entrevistada ou com os diálogos propostos. Assim como, as entrevistas foram realizadas por intermédio de conversas, estabelecidas de forma não hierárquica diante das entrevistadas, compreendendo a equivalência dos conhecimentos ponderados, envolvendo saberes acadêmicos e empíricos.

Ademais, com relação ao local e contexto de realização, como também, as materialidades envolvidas, as entrevistas foram preferencialmente propostas de modo presencial, entretanto houve a necessidade de uma delas ser realizada de modo remoto. Diante disso, conforme descrito anteriormente, duas entrevistas foram realizadas na casa das

participantes, com o objetivo de garantir seu conforto, enquanto a observação do cotidiano permitiu compreender as relações estabelecidas em seus ambientes, articulando-as às concepções de corpo-território. Contudo, mediante a entrevista realizada de modo remoto, para ampliação das análises observacionais, destinaram-se por meio da participação em eventos com a presença de mulheres feministas e coletivos caririenses, sendo festivais artísticos, festividades culturais e ativismos realizados no Cariri.

Posteriormente, a realização das entrevistas foram realizadas as transcrições integrais dos áudios gravados. A partir disso, a reanálise dos diálogos e a transcrição sequencial das conversas entre entrevistadora e entrevistada (Nascimento et al, 2014). Diante disso, possibilitou a aproximação das temáticas trabalhadas mediante a compreensão conjunta dos relatos das entrevistadas, a partir das interlocuções propostas. Através do agrupamento de informações relacionadas às atuações individuais das entrevistadas como ativistas e feministas, ao feminismo no cariri cearense e à compreensão e correlação do design com os movimentos feministas caririenses, foi possível estabelecer análises sobre os processos investigados. Seguidamente, estabeleceu-se aproximações entre as análises das ativistas e as percepções de ser, saber, interpretar e criar, mediante a politização individual e coletiva (Serpa, 2022) enquanto corpos-territórios do movimento social Frente de Mulheres do Cariri.

Paralelamente, esta pesquisa recorre às análises observacionais no cotidiano que corresponderam à participação em eventos com a presença de mulheres feministas da Frente de Mulheres do Cariri ou dos demais movimentos sociais e coletivos feministas caririenses. Estes eventos ocorreram nos anos de 2025 e 2026, correspondendo a distintas festividades nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Mediante a participação em festivais artísticos, festejos tradicionais caririenses, sagrados e profanos e eventos com vinculação direta à ações de ativismo.

Sendo, respectivamente na Roda de Conversa com Mulheres Ativistas na Região do Cariri, com integrantes da Frente de Mulheres do Cariri e da Casa da Mulher, no dia 8 de março de 2025, na cidade do Crato-CE; no Festival Internacional de Grafias Feministas do Cariri, organizado pelo coletivo de artistas e gravadoras Matriz, com a participação de integrantes de movimentos sociais feministas, nos dias 26 a 31 de maio de 2025, em distintas localidades na cidade do Crato e de Juazeiro do Norte; no cortejo cultural da festa de Santo Antônio, organizado pela Frente de Mulheres do Cariri em colaboração com demais coletivos e movimentos feministas da região, no dia 1 de junho de 2025, na cidade de Barbalha; na 15ª edição do Sambocracia em apoio à Marcha das Mulheres Negras 2025, organizada pelo coletivo sambocracia com participação das integrantes da Frente de Mulheres do Cariri e dos

demaís coletivos e movimentos feministas da região, no dia 11 de outubro de 2025, na cidade do Crato; e na marcha do Dia Internacional da Mulher, no 8M Cariri 2026, intitulada “Mulheres em luta pela Chapada do Araripe: corpos livres, territórios vivos”, organizada pela Frente de Mulheres do Cariri em colaboração com demais coletivos e movimentos feministas da região, no dia 9 de março de 2026, na cidade do Crato.

Mediante as Observações e Conversas no Cotidiano e o embasamento teórico realizado, possibilitou-se a compreensão da sociedade caririense a vista do patriarcado-racismo-colonialismo, assim como, as interlocuções feministas afro-latino-americanas, previamente apresentadas no desenvolvimento desta pesquisa. Ao promover-se a ampliação da compreensão das estruturações do movimento social Frente de Mulheres do Cariri, articulações das mulheres ativistas e o entendimento do significado e simbologia do feminismo caririense.

Os movimentos feministas caririense entrelaçam-se ao território mediante a ancestralidade das resistências que guiam a luta. Através dessa conexão e reconhecimento da história e da cultura do território, de modo cotidiano e direto, promove-se a identificação individual e coletiva com o Cariri e com isso a imprescindibilidade da luta. Por intermédio da exuberância da fauna e da flora caririense que inspira os corpos habitantes da região e fortalece a abundância cultural e espiritual do território. Através de personalidades históricas, organizações de resistência, saberes, manualidades e expressividades culturais. Desse modo, a presença dessas mulheres ativistas se dá diante de espaços tradicionais, religiosos e festividades. Por tratar-se de um dualismo, da imersividade na cultura regional entrelaçada à resistência atrelada aos corpos-territórios.

Ademais, de modo individual, incorpora-se o regionalismo, através do autoconhecimento, em herança familiar, em usufruto das criações regionais e interesses pelos conhecimentos caririenses. Paralelamente, ao autorreconhecimento como corpos políticos e incorporação do feminismo e antirracismo como ação cotidiana, atrelada a uma ética de vida. Diante disso, as ações de ativismo ocorrem de modo corriqueiro e voluntário. Os diálogos políticos propostos são simplificados e situados nas ações cotidianas dos indivíduos. Promovendo-se uma educação política popular e acessível.

A partir disso, em correlação as feministas entrevistadas e ao movimento social Frente de Mulheres do Cariri, em correspondência às proposições de politização do design embasadas em movimentos sociais feministas latino-americanos por Serpa (2022), esta pesquisa amplia as percepções de design ativista embasando-se nas interlocuções feministas caririense.

Diante disso, as concepções de ser político (Serpa, 2022) pelas ativistas da Frente de Mulheres do Cariri, correspondem a autoidentificação como corpo-território, compreendendo as interseções políticas dos seus corpos por intermédio das conjunturas sócio-político-culturais do Cariri cearense. A partir disso, a resistência e reivindicação por intermédio de pautas direcionadas às desigualdades sociais, correlacionando os seres humanos e não humanos, da fauna e da flora regional. Desse modo, partindo dos pressupostos apresentados, a politização do design caririense vincula-se à identificação e valorização dos aspectos identitários do cariri cearense, vinculados aos saberes, manualidades e expressividades locais, proporcionando a incorporação dos mesmos aos designs.

Correspondente às noções de saber político (Serpa, 2022) por intermédio das ativistas da Frente de Mulheres do Cariri, compreende aos aspectos recuperação da história local através da incorporação dos povos indígenas e negros, proporcionando o enaltecimento dos saberes desses povos e reconhecimento da presença deles diante dos aspectos sócio-culturais da região. Diante disso, em proposição a um design político ao território, se dá através do reconhecimento das criações regionais, sendo esses os designs caririense, como também a incorporação dos saberes-fazer regionais as ideologias e metodologias projetuais (Ansari, 2018).

Com relação as conceituações do interpretar político (Serpa, 2022), através das feministas do movimento Frente de Mulheres do Cariri, reconhece-se interpretação politizada do território caririense mediante as noções de ativismo vinculadas a gênero, raça, etnia, classes, dentre outras reivindicações dos grupos oprimidos. Assim como, a reivindicação por melhoria por intermédio do ativismo dos movimentos sociais. Ao incorporar essas concepções ao design político implica no reconhecimento da não neutralidade nos designs caririenses, assim como, na proposição da reivindicação dos mesmos, alinhando-se a responsabilidade e transformação social, proporcionando designs sustentável e relacionados com necessidades do Cariri.

Diante do criar político (Serpa, 2022), manifestado pelas ativistas da Frente de Mulheres do Cariri, reconhece-se, para além da valorização dos saberes do território, o consumo e perpetuação da cultura caririense, através da valorização local e incorporação consciente dos costumes e artefatos do território aos aspectos pessoais e coletivos, assim como, a ação feminista, antirracista e decolonial de modo cotidiano e voluntário. Diante disso, o design político vinculado ao cariri promove a cocriação projetual, mediante a incorporação das ideologias e das metodologias das criações caririenses ao campo projetual em design, promovendo a interlocução entre conhecimentos acadêmicos e empíricos, através do design

participativo e colaborativo, bem como, a incorporação da ação do design voluntário e ajustado às necessidades dos corpos-territórios.

Em suma, a presente pesquisa investigou as possibilidades de interlocução entre o design e a luta feminista do Cariri cearense, buscando compreender alternativas de incorporação da decolonialidade e politização ao campo do design caririense. Por intermédio da incorporação das conceituações feministas, antirracistas e decoloniais ao campo do design, delineou-se caminhos para a constituição de designs contrahegemonicos e pluriversais, situados aos indivíduos, coletivos e territórios.

Mediante a constituição de uma pesquisa intrínseca às temáticas abordadas, desenvolveu-se um embasamento teórico contra-hegemônico, vinculado a autoras, autores e conceituações interligadas às noções de feminismo, antirracismo e anti/pós/decolonialidade. Paralelamente, estruturou-se um campo empírico situado no movimento feminista caririense Frente de Mulheres do Cariri, a partir da participação de três mulheres ativistas e feministas da região. Desse modo, buscou-se direcionar a constituição de designs politizados e críticos, espelhados nos saberes e articulações do feminismo afro-latino-americano caririense.

Com isso, reforça-se a amplitude social e cultural do Cariri cearense, território abundante e vivo através de múltiplos seres, saberes, manualidades e expressividades, vinculadas a vivências rurais e urbanas, a fauna e a flora. Assim, ao apresentar a importância do Cariri, proporciona-se a identificação e o reconhecimento do corpos-territórios caririenses.

Por fim, essa pesquisa reitera a urgência de integrar o feminismo, o antirracismo e a colonialidade aos debates da sociedade brasileira, através do reconhecimento dos sistemas patriarcais-racistas-colonialistas interligados às distintas ideologias de dominação-exploração criadas e perpetuadas socialmente. Desse modo, amplia-se a abrangência dos conceitos propostos e demonstra-se a relevância das temáticas às demais áreas do conhecimento, para além do campo do design. Diante disso, por intermédio dessa pesquisa busca-se instigar o criticismo e politização das leitoras e dos leitores, assim como, proporcionar demais articulações das temáticas a múltiplas áreas, práticas, territórios e indivíduos. Desse modo, essa pesquisa não encerra em si, mas perpetua-se através dos pensamentos, diálogos, pesquisas e criações estimuladas através dela.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA: GREY. *Gillette Venus - desenhada para revelar A BELEZA DAS SUAS CURVAS*. Monster Movie, 2018. 1 fotografia. Disponível em: <https://monstermovie.com.br/dark/portfolio-item/gillette-venus/>. Acesso em: 26 mar. 2026.
- Anúncio da Devassa é considerado racista e sexista pelo Conar*. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/anuncio-da-devassa-e-considerado-racista-e-sexista-pelo-conar/>. Acesso em: 26 mar. 2026.
- ANSARI, Ahmed. Decolonizing design through the perspectives of cosmological others: Arguing for an ontological turn in design research and practice. *XRDS: Crossroads, The ACM Magazine for Students*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 16–19, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1145/3368048>. Disponível em: [dl.acm.org](https://doi.org/10.1145/3368048). Acesso em: 13 mar. 2026.
- ANSARI, Ahmed. **What a Decolonisation of Design Involves**: Two Programmes for Emancipation. 2018. Disponível em: <https://www.decolonisingdesign.com/actions-and-interventions/publications/2018/what-a-decolonisation-of-design-involves-by-ahmed-ansari/>. Acesso em: 11 mar. 2026
- ANSARI, Ahmed. Plural Bodies, Pluriversal Humans: Questioning the Ontology of ‘Body’ in Design. *Somatechnics*, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 286–305, 2020. DOI: [doi.org](https://doi.org/10.1145/3368048). Disponível em: www.eupublishing.com. Acesso em: 11 mar. 2026.
- BARBALHA (CE). Prefeitura Municipal. **Centro de Referência da Mulher entregue à população**. Barbalha: Prefeitura Municipal, [s.d.]. Disponível em: <https://www.barbalha.ce.gov.br/informa/531/centro-de-refer-ncia-da-mulher-entregue-popula-o-d#:~:text=%C3%89%20um%20espa%C3%A7o%20de%20acolhimento,situa%C3%A7%C3%B5es%20de%20viol%C3%Aancia%20dom%C3%A9stico%2Dfamiliar.&text=Por%20Raiana%20Lucas-,No%20enfrentamento%20%C3%A0%20viol%C3%Aancia%20contra%20as%20mulheres%2C%20a%20Prefeitura%20de,Rosamaria>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- BISPO, Antônio. **a terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023.
- BUCKLEY, Cheryl. **Design no patriarcado**. 1ª edição. Coordenação Nina Paim, Tereza Bettinardi; Tradução de Mariana Delfini; Apresentação de Bibiana Oliveira Serpa. São Paulo: Clube do Livro do Design/Bikini Books, 2025.
- CASTRO, Bruno de. *Verônica e Valéria Carvalho receberão título de doutoras honoris causa da Urca*. Ceará Crioulo, 2025. 1 fotografia. Disponível em: <https://cearacriolo.com.br/veronica-e-valeria-carvalho-receberao-titulo-de-doutoras-honoris-causa-da-urca/>. Acesso em: 26 mar. 2026.
- CEARÁ. Defensoria Pública do Estado. **96% das mulheres que procuram o NUDM sofrem violência psicológica**: quando palavras ferem e silenciam. Fortaleza: Defensoria Pública do Estado do Ceará, [s.d.]. Disponível em: <https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/96-das-mulheres-que-procuram-o-nudem-sofrem-violencia-psicologica-quando-palavras-ferem-e-silenciam/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CEARÁ. Governo do Estado. **Casa da Mulher Cearense**. Fortaleza: Secretaria das Mulheres, [s.d.]. Disponível em: <https://www.mulheres.ce.gov.br/casa-da-mulher-cearense/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CEARÁ. Governo do Estado. **Casa da Mulher Municipal**. Fortaleza: Secretaria das Mulheres, [s.d.]. Disponível em: <https://www.mulheres.ce.gov.br/casa-da-mulher-municipal/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CEARÁ. Governo do Estado. **Delegacias de Defesa da Mulher**. Fortaleza: Secretaria das Mulheres, [s.d.]. Disponível em: <https://www.mulheres.ce.gov.br/delegacias-de-defesa-da-mulher/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CEARÁ. Secretaria das Cidades. **Região Metropolitana do Cariri**. Disponível em: <https://www.cidades.ce.gov.br/regiao-metropolitana-do-cariri/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

CEARÁ. Secretaria da Cultura. **Relação de Mestres da Cultura do Ceará**. Fortaleza: Secult, 2019. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/43/2019/02/Rela%C3%A7%C3%A3o-de-Mestres-da-Cultura-do-Cear%C3%A1.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2026.

CRUZ, Delmy Tania; VÁZQUEZ, Eva; RUALES, Gabriela; BAYÓN, Manuel; GARCÍA-TORRES, Miriam. **Mapeando el cuerpo-territorio**: Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios. Ecuador: Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo, 2017.

FELIX BEZERRA, Maria Raiane; NUNES, Cicera. Movimentos Negros no Ceará: : um olhar sobre o Movimento de Mulheres Negras do Cariri. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 19, n. 40 set/dez, 2021. DOI: 10.52521/19.5409. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/5409>. Acesso em: 20 mar. 2026.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro: Schwarcz S.A., 2020.

ISIDORIO, Ana Verônica Barbosa; LIMA, Maria Eliana de; GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro; SOARES, Suamy Rafaely. A dimensão pedagógica da luta: protagonismo das mulheres negras na Frente de Mulheres dos Movimentos do Cariri. In: **Artefatos da Cultura Negra**, 2015, Crato. Anais. Crato: URCA, 2015.

JUAZEIRO DO NORTE (CE). Prefeitura Municipal. **Unidade de Ação Social**. Juazeiro do Norte: Prefeitura Municipal, [s.d.]. Disponível em: <https://juazeirodonorte.ce.gov.br/unidadeacaosocial.php?id=7874>. Acesso em: 10 mar. 2026.

LIMA, Isabelle. *Arte indígena: Identifique elementos da cultura que ultrapassa gerações*. Portal Amazônia, 2021. 1 fotografia. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/conheca-5-elementos-da-arte-indigena/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

MAURITI (CE). Prefeitura Municipal. **Governo Municipal de Mauriti entregou unidade de apoio às mulheres**. Mauriti: Prefeitura Municipal, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.mauriti.ce.gov.br/informa/7#:~:text=O%20Governo%20Municipal%20de%20Mauriti%2C%20entregou%20na,em%20fato%20ocorrido%20no%20in%C3%ADcio%20dos%20anos>. Acesso em: 10 mar. 2026.

MELO, Jose Patricio Pereira; LOPES, Maria da Conceição; PEREIRA, Fabiana Barbosa. Chapada do Araripe - Território encantado dos povos Kariri, Livro Aberto da História da Terra. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 11, n. 7, p. e81178, 2025. DOI: 10.34117/bjdv11n7-063. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/81178>. Acesso em: 23 mar. 2026.

NASCIMENTO, Francisco Joedson da Silva. PRESENÇA, SILENCIAMENTO E APARECIMENTO POLÍTICO DOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 18, n. 2, 2022. DOI: 10.12957/tamoios.2022.56263. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/56263>. Acesso em: 20 mar. 2026.

PORTAL AMAZÔNIA. **Conheça 5 elementos da arte indígena**. Portal Amazônia, [s.d.]. 1 fotografia. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/conheca-5-elementos-da-arte-indigena/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SERPA, Bibiana Oliveira. **Por uma politização do design**: caminhos entre o feminismo e a educação popular. 2022. Doutorado (Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SILVA, Maria Edivânia da. **História, Memória e Identidade Quilombola no Cariri-Cearense**: comunidades Sítio Arruda-Araripe e Carcará-Potengi. 2017. Mestrado (História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SPINK, Mary Jane; BRIGADÃO, Jacqueline; NASCIMENTO, Vanda; CORDEIRO, Mariana. (Org.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Cortez, 2014.

SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2013.

SOARES, Suamy Rafaely. A Frente de Mulheres dos Movimentos do Cariri: um sujeito coletivo feminista em formação. **Revista Vazantes**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 179–218, 2021. DOI: 10.36517/vazppgartesufc2021.1.71166. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/71166>. Acesso em: 17 mar. 2026.

SOARES, Suamy Rafaely. **A experiência militante da frente de mulheres dos movimentos do cariri**: as vozes que se insurgiram em um cariri que odeia as mulheres. Seminário Internacional Fazendo Gênero, v. 11, 2017.

SOARES, Suamy Rafaely. **Feminismo no Sertão**: as particularidades da Frente de Mulheres no Cariri cearense. 2019. Doutorado (Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL. Área de Proteção Ambiental Chapada do Araripe. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/arp/1194>. Acesso em: 26 mar. 2026.

VEJA. **Brasil Kirin pode ser punida por publicidade da Devassa**. São Paulo: Editora Abril, [s.d.]. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/economia/brasil-kirin-pode-ser-punida-por-publicidade-da-devassa/>.

Acesso em: 25 mar. 2026.

THE HENRY FORD. **The hair-raising history of women's body hair**. Dearborn: The Henry Ford. Disponível em:

<https://www.thehenryford.org/collections/explore/articles/the-hair-raising-history-of-womens-body-hair> Acesso em: 25 mar. 2026.

@_matriz_ce. **EXPOSIÇÃO RETRATOS PARTILHADOS - RESISTÊNCIA POÉTICA**.

Instagram, 2025. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DKb2BVTOqlc/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D . Acesso em: 26 mar. 2026.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM VERÔNICA ISIDORIO

1. Apresentação: Gostaria de lhe conhecer melhor, qual seu nome, sua idade, sua etnia, sua orientação sexual, sua formação acadêmica (caso possua), sua atuação profissional? E quando e como o movimento Frente de Mulheres do Cariri se originou?

R: Eu sou Ana Veronica Barbosa Isidorio, eu tenho 42 anos, sou do Crato. Eu me formei em Geografia na URCA (Universidade Regional do Cariri), estou fazendo o mestrado em Geografia na UECE (Universidade Estadual do Ceará), né, agora.

E eu passei a militar no movimento de mulheres, primeiro no movimento numa ONG chamada ACB (Associação Cristã de Base), que trabalhava com desenvolvimento rural sustentável e nos projetos que a gente executava, né, que eram os de editais, do governo federal e do governo do estado, e trabalhava com comunidades rurais.

E a gente sempre sentia uma sub participação das mulheres nos momentos, nas reuniões, nas formações, principalmente quando era de manhã, no período da manhã, porque aí é o momento que elas estão dedicadas às atividades domésticas, né, a maioria, aliás, todas eram agricultoras, então pela manhã, no geral, elas estavam nas atividades domésticas, de casa, de cuidar do menino, lavar roupa, organizar e tal.

E aí, a gente tinha uma preocupação que virou uma preocupação em rede, né, na época, a ASA, que é a Articulação do Semiárido, que é uma articulação que acontece nos nove estados do Nordeste, né, é uma articulação política para desenvolver o semiárido e mais uma parte de Minas Gerais, a gente pega o Vale do Jequitinhonha e tal, que é semiárido brasileiro também. E aí, a ASA vai percebendo isso e tenta articular políticas voltadas para as mulheres.

E aí, a gente começa também aqui no Cariri a ter esse olhar diferenciado para as mulheres e para as populações negras, enquanto também começa a trabalhar com as comunidades quilombolas. Então, isso mais ou menos em 2007, 2008, né, pra cá. E aí, depois, quando eu saí da ACB, a gente desenvolveu algumas atividades diretas com mulheres, né, na produção, no acesso aos créditos rurais, na formação sobre gênero, né, de uma forma muito genérica, também, e de enfrentamento à violência. A violência no campo é uma realidade... a violência contra a mulher no campo é uma realidade muito latente, muito escondida ainda no Brasil.

E aí, quando eu saí da ACB, eu fui me conectei com o movimento de mulheres através do Conselho da Mulher. O Conselho da Mulher é de 1994, acho que é o segundo Conselho do Estado do Ceará.

2. O daqui do Cariri?

R: O Conselho Municipal dos Direitos da Mulher Cratense é o segundo Conselho do Estado do Ceará, da mulher. E o Conselho, na época, era o único instrumento mais popular de movimento de mulheres que atuava aqui, então, inclusive, teve um papel fundamental naquele período, de 1994 até 2000 e pouco, que era de ajudar a formar outros conselhos em outros municípios. Quem ficava à frente disso era a Mara (Mara Guedes), que hoje é coordenadora da Casa da Mulher, Verônica, Neuma, que é do GRUNEC, né.

3. Então, iniciou primordialmente lá no Crato, foi? Tipo, as frentes de mulheres?

R: O Conselho Municipal dos Direitos da Mulher Cratense é o segundo Conselho do Estado do Ceará, da mulher. E o Conselho, na época, era o único instrumento mais popular de movimento de mulheres que atuava aqui, então, inclusive, teve um papel fundamental naquele período, de 1994 até 2000 e pouco, que era de ajudar a formar outros conselhos em outros municípios. Quem ficava à frente disso era a Mara (Mara Guedes), que hoje é coordenadora da Casa da Mulher, Verônica, Neuma, que é do GRUNEC, né.

4. Vi a carta.

R: Aquela carta a gente criou nos encontros de planejamento, que é o que orienta um pouco a nossa trajetória, de como é que a gente age.

E aí, em 2014, a gente conseguiu organizar publicamente essa frente. Ela sai e a gente sai a primeira vez em Barbalha, na Festa do Pau, de Barbalha. Nesse ano foi o ano da Lei do Feminicídio, ninguém sabia o que era feminicídio, no Brasil tudo. E aí a gente usou o palco da Festa em Barbalha, o Pau, no cortejo que é pela manhã, para fazer o ato contra o feminicídio e divulgar o termo. Então, a gente foi para a TV, foi para a rádio, usou as redes sociais da época, tudo, muita coisa. Então, acho que hoje todo mundo já sabe o que é um feminicídio, não só por nós, obviamente, mas a gente fez esse trabalho naquele momento que foi muito importante. E aí todo ano a gente sai na Festa de Barbalha, tem alguns tempos.

E aí o princípio dessa frente era uma frente que tinha um viés formativo interno e externo, externos momentos nas universidades, nas associações, grupos e mulheres, grupos mistos, nas rádios, nas TVs, oficinas que a gente faz e tal, participação nas escolas a convite de estudantes, professores, enfim, tem inúmeras formações nas universidades e tal. E as formações internas para nós.

Hoje a gente tem muita tranquilidade em dizer que o Movimento de Mulheres no Cariri não deixa a desejar nas suas pautas e na sua compreensão do feminismo e das mulheres para movimento nenhum nessa América Latina. Hoje a gente dialoga de igual para igual com todos

os movimentos na América Latina, principalmente porque a gente gosta de estar conectado com a perspectiva de América Latina, que é uma perspectiva decolonial. Pensar esse movimento a partir das nossas existências, compreendendo a grande multiplicidade que é ser mulher no Brasil, na Argentina, no Chile, enfim, sermos mulheres diversas.

E a gente fez formação sobre direitos reprodutivos das mulheres com perspectiva de descriminalização do aborto, racismo e sexismo, várias informações. A gente foi fazendo ao longo do tempo para poder... mulheres na política, enfim.

5. O movimento é mais centrado em formalizar, dar ensino às mulheres, é isso?

R: Então, esse é um viés, o que é a formação interna e externa. O outro viés é o de incidência política, que é o acompanhamento das políticas públicas e a luta pela implementação e ampliação das políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres e acolhimento às mulheres em situação de violência.

Então, hoje o Cariri é a região do estado do Ceará, depois da capital que mais tem equipamentos de acolhimento às mulheres vítimas de violência doméstica, ainda, e enfrentamento a essas violências.

A gente tem o NUDEM, que é o Núcleo da Defensoria Pública, especializado no atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica, a gente tem uma Casa da Mulher, a gente tem CRM (Centro de Referência da Mulher) nos três municípios da região metropolitana, Crato, Juazeiro e Barbalha. Tem Delegacia da Mulher em dois municípios, Crato e Juazeiro. E tem, minimamente, uma população que entende a gravidade dessa situação da violência contra a mulher. Porque essa violência contra a mulher no Brasil passou a ser uma questão de saúde pública. A gente é o quinto país em violência contra as mulheres no mundo. E o primeiro em violência LGBT.

E a gente conseguiu, por exemplo, com essa atuação da Frente, indiretamente, a gente consegue incidir sobre os grupos de pesquisa das universidades. Todas as universidades hoje têm grupos de pesquisa voltados para a área de gênero e ou racial. Todas as universidades públicas e particulares. Isso é uma projeção dessa luta das pessoas, da universidade também perceber a necessidade de abrir espaço para essa discussão. Tem grupos de estudos, os CAS (Centros Acadêmicos) das universidades têm essa preocupação, os DCEs (Diretórios Centrais dos Estudantes) também.

A imprensa, embora ainda muito conservadora na sua forma de noticiar, a gente já conseguiu melhorar muito a forma como se noticia a violência contra as mulheres aqui na região do Cariri e também contra as pessoas trans e travestis. É um passo que precisa ser dado ainda

com maior seriedade e institucionalidade também dos órgãos que organizam essas demandas na imprensa. Mas acho que a gente conseguiu um respeito muito grande da imprensa aqui na região do Cariri. Então, todo mundo sempre vem cobrir as pautas, perguntas se está bom, faz as entrevistas, noticia de forma muito respeitosa, acho que isso é um ganho muito grande para nós.

A outra forma de atuação são as ações mais ostensivas, é a ocupação, é a intervenção em audiências públicas, nas câmaras de vereadores, é a ocupação de prefeitura, ocupação de câmara, ocupação de universidade, na Assembleia Legislativa.

Na Casa da Mulher Cearense de Fortaleza, não me lembro o ano, mas a gente esteve na ocupação da casa, que era a forma que a gente achou de a casa dar resposta às demandas que o movimento estava colocando. Essa foi uma parceria com o Foro Cearense de Mulheres, o Foro Cearense de Mulheres é como a Frente, lá em Fortaleza, é muito parecido, a forma de atuar é lá em Fortaleza.

6. É um órgão independente?

R: É um movimento também, igual a Frente e elas são conectadas à Articulação Brasileira de Mulheres-AMB.

Então, atos de rua, que são processos formativos, mas são ações ostensivas mesmo, de ir para a rua e fazer as denúncias e tudo. Então, a gente tem atuado nessas três, sobre isso são três, formação interna e externa, mobilização das políticas públicas e ações mais ostensivas. É, acho que são esses três.

Mas naquele artigo lá que eu te mandei, no último, tem dizendo bem direito sim, explicando, explicitando.

7. Quais as motivações da Frente de Mulheres do Cariri? Qual a estruturação atual da Frente de Mulheres do Cariri? Existe uma divisão de departamentos, coordenações ou é algo mais fluido? Quantas mulheres atuam hoje na Frente de Mulheres do Cariri? E no começo, iniciaram com quantas? Como vocês se articulam para as ações, existe uma frequência de encontros ou elas se dão em ações mais pontuais? E quais são essas ações que vocês promovem: palestras, marchas, oficinas, eventos?

R: Então, a gente tem dois grupos, porque não dá para a gente trabalhar num grupão, que é um grupo que a gente também não tem muito controle de quem está. Eu nem me lembro como foi. Eu até disse que ia perguntar como é fazer para entrar no grupo. Mas é um grupo mais de informes, de mobilização mais ampla.

O grupo das decisões mesmo, porque não tem como a gente decidir no grupo determinadas coisas, não é, porque é muita gente. Deixa eu ver quantas pessoas tem hoje nesse grupo. E aí a gente precisa ter uma coordenação mais fechada, né, Tem 20 pessoas nesse grupo mais fechado e nem todas estão participando. E nesse grupo mais aberto, tem 60.

8. Nossa, é bastante!

R: É, aí não tem, a gente não sabe nem qual são as mulheres que estão lá, né, vai chegando, ficando.

9. Sim, porque eu vi que um dos pontos lá na Casa de Princípios é que vocês não restringiam a etnia, a religião. Tipo assim, vocês realmente eram um grupo bem amplo nesse quesito. Não se restringiam a nenhuma causa específica, né?

R: Isso.

10. E lá no começo, no caso foi você que institucionalizou esse início da frente?

R: Foi Suamy, que é professora, Suamy Soares, que é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Estadual do Rio Grande do Norte; Cláudia Rejanne, que é professora da URCA; Zuleide; Ana Paula de Albuquerque, que é assistente social, trabalha aqui na Prefeitura de Juazeiro; As pretas, só que as pretas eram só mais ou menos, assim elas estavam junto, mas elas já tinham o GRUNEC, né, como uma instituição, porque o GRUNEC é uma ONG mesmo, né, tem CNPJ e tal, é outra forma de atuação, a gente é um movimento, a gente não tem nenhuma formalidade. Aí eu; Raquel Paris, que eu me lembro, que eu me lembro eram essas, né, aí as formações primeiras foram lá no prédio dos Vicentinos, no Crato e na Praça da Sé e aí a gente foi ampliando, né.

11. Depois foi ampliando o grupo posteriormente, né? Entendi. Aí eu acho que eu já perguntei sobre esses modos de articulação, né e aí no caso hoje em dia vocês agem por palestras, marchas, eu vi que tem a marcha lá também, oficinas? Tem mais algum outro tipo de ação que vocês realizam?

R: A gente tem uma ação de incentivo, né, a formação política para as mulheres ocuparem um espaço, né, na política, inclusive eu fui candidata em 2020, Zuleide foi candidata em 2018, 2020, 2022 e 2024, né, no Crato, foi candidata a deputada ali, quando eu fui candidata, foi no Coletivo Sementes, que era um coletivo de cinco mulheres negras, professoras e a gente tirou mais votos do que a metade dos vereadores eleitos, mas a gente não conseguiu atingir o coeficiente do município.

12. Pra entrar, né?

R: Aí o pessoal ficou muito chateado. Sem comprar nenhum voto, porque essa é a ação política, né, que a gente fez com uma campanha muito intensa, muito bonita e a gente tirou muito voto.

13. Era por qual partido?

R: PSOL.

14. PSOL. E eu vi também lá na carta de princípios que vocês eram suprapartidários?

R: Não, a frente é suprapartidária, pode ter que vir de vários partidos, menos que da direita, da direita não tem condição de diálogo, não. Com a gente não, porque são portas muito divergentes, nem, a gente é pela liberação do aborto, elas são contra, agente é pela liberação das drogas, elas são contra, a gente é pelo "meu corpo minhas regras" elas são contra, então, não tem nenhuma condição. É um par dialético que nunca vai dar bom.

Então, eu acho que a única restrição é essa, sim. E ela nem é colocada, assim, oficialmente, porque não há necessidade, porque essas pautas, elas jamais vão se conectar, porque elas são antagônicas, elas não vão ter, conseguir dialogar no mesmo espaço, em momento nenhum da existência.

15. E eu acho que quando coloca também que as mulheres que se opunham a esse tipo de pensamento de vocês, que é a favor do LGBT, da pauta negra e tudo mais, não estariam aptas ao movimento, né, eu acho que já corta daí.

R: Elas podem ter um movimento interno no outro lugar, mas com a gente não vai ter como, porque senão a gente vai perder muito tempo fazendo um movimento interno e não vai conseguir, militando só internamente.

16. Aí, dentro do movimento, no caso, dentro desse grupo de 20 mulheres que é mais a organização, existe algum tipo de estrutura, de divisão, tipo, departamento ou então é algo mais amplo?

R: Não, não, a gente não tem, todo mundo, a gente chama só coordenação, mas, tipo, se precisar fazer um ofício, a gente coloca só coordenação, não vai ter uma coordenadora da frente, né. Agora, assim, é preciso que se comunique o que a gente está fazendo, para que todas nós saibamos, porque, né, algumas... a gente teve participações complicadas, por

exemplo, com mulheres desse grupo grande, que não entendem bem o que é ser uma mulher de esquerda, são pessoas que vão dizer assim, não, eu não sou nem de direita nem de esquerda, eu estou... enfim, não tem a dimensão política do que é ser esquerda e o que é ser direita e extrema direita, né?

17. E o que é ser o centro também, porque o centro ainda...

R: E o que é ser o centrão. Então, às vezes, uma mulher, a gente teve na campanha aqui em Juazeiro uma mulher que postou apoio a Gledson, isso é uma questão para a gente, porque Gledson é um bolsonarista declarado e a gente não tem condição de diálogo com o bolsonarista, porque... pelo óbvio, né, e aí fica complicado. Então, assim, se uma mulher dessa vai fazer uma participação no local e dizer que é da Frente, aí a gente vai ter algumas questões, as pessoas vão vir dizer, não, eu sou uma pessoa, eu não sou da frente, não sei o que... geralmente, vão dizer.

Então, nesse grupo, a gente tem como premissa a comunicação direta "olha, eu estou indo para uma escola, vou fazer isso, uma escola chamou" então, lá a gente também divide essas atividades, aí coloca num grupo grande "gente, olha, tem escola tal para ir alguém, se disponibiliza" "a gente vai na rádio, alguém gostar de ir? vai ter esses..." É muito mais de controle de cuidado mesmo.

18. Sim, acho que está comunicando as ações que estão acontecendo, né?

R: É, tem cuidado mesmo.

19. Divisões do movimento: O 8M, Marcha das Mulheres Negras do Cariri, Matriz CE, GRUNEC são parcerias? são núcleos da Frente?

R: Eu vou explicar a primeira coisa, aí eu digo porque que a gente está fazendo assim agora, quando a Frente nasceu, ela era denominada dessa forma, Frente de Mulheres de Movimentos do Cariri, ela nasceu com o intuito de juntar mulheres dos movimentos que já existiam, mulheres do GRUNEC, de ONGs, de outros movimentos, de sindicatos, enfim, das várias partes, ambiental, cultura, o que existisse de movimento. E o objetivo da Frente era feminizar e enegrecer esses movimentos, sindicatos, espaços muito masculinizados, tanto do ponto de vista das direções, formadas majoritariamente por homens, como das pautas, as pautas que não especificavam a existência das mulheres. Então, a ideia da Frente é que essas mulheres, é um exemplo que eu estou dando, dos sindicatos, se chegassem na Frente e a gente fizesse o debate do feminismo, da participação das mulheres na sociedade, na pauta sindical, por

exemplo, que as mulheres rurais se chegassem na Frente e a gente fizesse esse debate da participação da mulher rural na sociedade, então, esse foi o grande objetivo. Nós chegamos a ter uns 30, 40 movimentos compondo a Frente de Mulheres dos Movimentos.

Ao longo dos anos, dos percursos, a gente vai ter duas pessoas que não absorvem bem essa ideia. Que é Cláudia Rejanne, Claudinha, e Suamy. Porque elas compreendem, ainda, que a Frente precisa ter esse viés do início, de ser uma Frente de Mulheres dos Movimentos, só que, ao longo dos anos, a gente foi perdendo essa identidade, talvez, esse viés, assim, de conseguir fazer isso.

20. De formalizar outros movimentos, não é?

R: É, de fazer a proposta que era de início na Frente, que era feminizar e enegrecer os movimentos que já existiam, levar as pautas para dentro desses outros movimentos e fazer crescer o feminismo, a pauta das mulheres LGBT e racial, obviamente, dentro desses movimentos que já existiam, como sindicatos, que é sempre um bom exemplo, sindicatos são muito machistas e muito... uma pauta muito colonializada, muito embranquecida, então, a ideia era essa.

E aí, a gente, hoje, é como um movimento de mulheres geral, a gente perde um pouco, a gente não saiu disso, obviamente, a gente está junto com os sindicatos, pautando as mulheres que estão lá, pautando o feminismo, a luta das mulheres e tudo, a gente cumpriu um papel importante, mas ter isso como forma didática de existência da Frente, eu, Veronica Isidorio, acho que a gente não tem mais esse viés. A gente tem um viés geral de movimento, essa parte é mais uma complementação.

21. Uma possibilidade?

R: É, exato. E aí, o que era a outra coisa?

22. É se o 8M, a Marcha das Mulheres, são...

R: Em 2015, a gente construiu a primeira Marcha Regional das Mulheres Negras do Cariri e a primeira Marcha Nacional das Mulheres Negras do Brasil. A Marcha Regional era uma preparação para a Marcha Nacional, como está sendo agora, em 2025. Naquele momento, o movimento, a Frente, outros movimentos, tiraram como decisão, a partir das mulheres negras, que o protagonismo seria total das mulheres negras, as mulheres não negras estariam no apoio, mas o protagonismo ia ser nosso, das mulheres negras. E aí, ocupar rádios, TVs e fazer os debates, éramos nós, as mulheres negras, que é uma forma de a gente visibilizar. Então, em

2015, a Marcha das Mulheres passa a ser um marco da presença e da existência das mulheres negras nos movimentos do Cariri. De lá para cá, nunca mais a gente deixou o palco, tanto que, na maioria das vezes, você vê mulheres negras falando, nas rádios, nas TVs, que sou eu, Zuleide, Veronica, Valéria, Livia, Rayane, várias mulheres negras daqui do Cariri.

Então, em 2015, foi um marco muito importante para a gente falar sobre o feminismo negro, sobre a luta das mulheres negras na região do Cariri. E aí, a gente consegue uma projeção muito importante para isso, fizemos a nossa marcha com duas mil pessoas na região do Cariri, com presença de mulheres de terreiro, empregadas domésticas, quilombolas, mulheres da periferia, professoras, desempregadas, inúmeras formas de ser mulher. E fizemos a primeira bienal em 2015, 2017, 2019, 2021, que era a pandemia, nesse ano, a gente fez um ato simbólico no Horto, porque estava meio fechado meio aberto, não podia aglomerar, mas podia fazer coisas externas já e aí a gente fez um ato simbólico no Horto, que foi bem importante, no dia 20 de novembro. E aí, em 2023, a marcha de rua, em 2023 e em 2025. Então, estamos há 10 anos da primeira, realizando a sexta marcha das mulheres negras regionais, que foi esse ano. Sempre com a presença de mulheres de terreiro, quilombolas e mulheres da cultura, porque são dois grupos, três grupos, que são fundamentais para registrar essa força e essa presença das mulheres negras, são as mulheres de terreiro, as mulheres quilombolas e as mulheres da cultura. Elas concretizam a nossa existência de uma forma mais ancestral, mais forte mesmo, a presença dessas mulheres e tem sido muito bom.

23. Traz essa coisa da identidade também.

R: Isso, porque traz essa coisa da identidade muito forte. Então, o 8M, a marcha das mulheres negras, não são grupos, movimentos únicos, eles são realmente... Esse título dessa marcha, em 2019, 2018 ou 2019, não me lembro bem, o Brasil repensou nos movimentos de mulheres o nome do 8 de março. A nomenclatura ficou 8M, a gente adotou também.

O 8M ia ter uma perspectiva global também, com a questão do capitalismo global, das mudanças climáticas, do crescimento da extrema-direita, a gente vai assistindo isso em vários países, inclusive aqui no Brasil a partir de 2018, aliás, a partir de 2016, com o golpe em Dilma e aí Temer, que é uma direita conservadora, e o Bolsonaro, que é a extrema-direita translocada e violenta.

A gente organizou aquele Ele Não, com 10 mil pessoas aqui em Juazeiro ali no, no Giradouro, acho que foi um dos momentos mais tensos da nossa luta de organizar, porque era muito perigoso a gente teve que acionar o Ministério Público, a polícia, a polícia não queria, eles não queriam apoiar, porque a maioria era bolsonarista e estavam na campanha de Bolsonaro.

Foi bem difícil, mas foi um grande acontecimento aqui na região do Cariri, veio gente de vários municípios para participar.

Agora, em 2025, aí a cada 8M, a gente junta as redes sociais para poder intensificar a mobilização e a divulgação, então, se a Frente posta, faz collab com o 8M, com o GRUNEC, se for nessa pauta da construção da Marcha das Mulheres Negras, em 2025. Por isso que a gente está em collab, além do 8M, com a Marcha das Mulheres Negras Estadual, a nossa, do Cariri e do GRUNEC, porque são os quatro grupos que estão mobilizando a marcha, é a forma de a gente chegar mais distante.

24. Entendi. Porque tem essa diferenciação. Um vai mais para o global e a Marcha das Mulheres Negras para o estadual. Entendi. O GRUNEC, como você falou, é mais institucionalizado, é uma ONG, eu vi que agora, nesse 8M, também teve o Matriz CE, que eles fizeram aquela xilo com a Mestra Margarida e aí, no caso, ele é outro grupo separado que teve essa parceria com vocês para proporcionar esse momento do 8M, é isso?

R: Foi. O Matriz é um grupo de mulheres gravuristas, teve o primeiro encontro do Matriz há alguns anos, eu não me lembro não, mas eu também estava na organização, junto com a Ana Cláudia, que é minha irmã, Dili, que é uma companheira da Alemanha. E aí, nesse ano, ele era internacional, aí veio mulheres da Alemanha, dos Estados Unidos, do México, do Chile, de vários lugares para o Brasil e se encontraram aqui no Cariri, construindo o Matriz foi um evento em 2015, lembrei, porque foi na marcha, igual com a marcha das mulheres negras.

25. E vai ter outro agora, né?

R: E vai ter um segundo, né? Matriz. E aí, o Matriz chegou junto nessa construção da marcha e propôs homenagear uma mulher negra com uma xilo e foi a Mestra Margarida mas foi bem antes dela falecer, tanto que, no dia que ela faleceu, as meninas deram uma carreira, já estava pronta, a xilo, para imprimir, para fazer uma homenagem e aí, no dia da marcha... no dia da marcha, elas fizeram a intervenção pelo percurso. Elas imprimiram em pequenas e em grandes e foram colando na cidade, aqui também, em Juazeiro.

26. Vocês possuem representantes em todas as cidades do Cariri ou vão intersectando essas cidades?

R: As duas coisas. Tem mulheres de outros municípios, Caririaçu, de Nova Olinda, de Santana, de Barbalha, de Missão Velha e sempre que a gente pode, a gente vai. Agora, como nós somos um movimento, a gente não tem recursos financeiros, então, não dá. Por exemplo

as pessoas cobram da gente uma situação dessa, os assédios nas escolas, todos denunciados por mulheres, aí as pessoas saem "e a Frente não vai se posicionar e a frente não vai fazer nada" quem é você para me cobrar de mim um posicionamento? Porque as pessoas precisam compreender que o movimento é uma coisa a mais na vida da gente, eu sou professora, a maioria das mulheres da frente são professoras, todas trabalham ou são desempregadas e têm suas atividades, então, no trabalho informal, Madalena, por exemplo, é artesã, cuida da mãe. Então, são várias coisas na vida da gente e mais o movimento, então, ninguém pode vir cobrar da gente postura ou ação, para ela fazer isso, ela tem que chegar junto e dizer que vai fazer, então, às vezes ela pensa que vai acontecer alguma coisa aqui em Assaré, por exemplo "Ah, vocês poderiam vir aqui para fazer um movimento?" Não, a gente não poderia não, cadê as mulheres daí? A gente pode apoiar, dá o suporte, né, é, se conseguir chegar lá, se não, a gente vai dar um suporte, tá aqui como ajudar a pensar como fazer as estratégias de ação, que tipo de ação é mais segura para se fazer de acordo com o que aconteceu, porque as ações não são seguras, não, muitas vezes a gente mexe com gente que não quer esse tipo de diálogo na estrutura mesmo do estado, os prefeitos acham ruim, os vereadores, enfim. Então, a gente tem que ter essas estratégias, aí ninguém pode cobrar de nenhum movimento porque o movimento é uma coisa a mais na vida das pessoas, não é um sindicato que você tem uma mensalidade e nenhum sindicato você não pode cobrar determinadas coisas porque é o limite de atuação, então, tem essas questões e esse é um grande desafio nosso.

Qual seria um problema? Uma questão para nós é essa coisa da sustentabilidade financeira, há muito tempo a gente debate, agente tem uma... já propôs um... como é que chama? Uma cota mensal, mas aí não é todo mundo que dá, hoje a gente só tem 250,00 reais.

27. Em caixa, né?

R: 250,00 reais a gente deixa aí, deixa ficando aí para um dia necessidade. Mas aí aparece muita demanda, porque depois da pandemia muita fome, né, a gente precisou fazer campanha, parceria para poder arrecadar alimentos, arrecadamos mais de 40 toneladas de alimentos e material de higiene, higiene de casa e higiene pessoal, ação com as mulheres do presídio sempre de higiene pessoal, a gente faz campanha sempre porque precisa e... e é isso, eu acho que esse tem sido um desafio para a gente, né, ter uma perspectiva de geração de renda.

E aí a gente já pensou várias coisas, uma bodega feminista, um bazar, só que também tem a questão de quem bota isso para gerar, né, porque também tem a questão das ocupações que você já tem, por exemplo, agora eu estou dedicada à minha dissertação, à pesquisa da dissertação, está bem difícil minha vida, eu estou achando, para ajustar tudo, eu estou

achando, há quem ache que é fácil, mas eu não estou achando fácil, não, você ajustar a pesquisa com a vida é muito complicado, eu estou só estudando.

28. Pois é, eu também, estou só estudando, porque a minha ainda é a graduação, né? Aí eu tento igualar tudo, mas não sei. Não dá, não.

R: Mas você está estudando mais hoje, ainda sua mãe lhe sustenta.

29. É, ainda tenho que pegar outro sustento.

R: Estou só de bolsa agora, estudando, estudando, eu estou amando!

30. A luta feminista no Cariri cearense possui diferenças e particularidades por conta da região? Você percebe a influência das manifestações culturais daqui na luta, na formação do movimento e também como forma de diálogo a ser incorporado?

R: Tem, o Cariri tem perspectivas muito peculiares das organizações da luta, eu acho que a gente tem algumas personalidades ancestrais que desenham para nós um formato de resistência muito importante.

Um é a Beata Maria de Araújo, pelo apagamento que foi a existência dela, por ela ser a obreira do milagre e isso não ser dado crédito para ela. A resistência dela daquela época, como o racismo a descreveu e onde colocou essa mulher no apagamento histórico da existência de todas as mulheres negras nesse território do Cariri.

E o Caldeirão, o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, que era liderado pelo Beato José Lourenço, é uma... um marco muito importante da organização do povo naquela época e que se torna referência para nós hoje na região do Cariri.

E aí depois do Caldeirão a gente vai ter a luta dos assentamentos, como o 10 de abril no Crato e outros municípios também.

E... Essa coisa da violência, do feminicídio parece uma... sei lá, uma marca cruel da sociedade no Cariri. Nós somos a região que mais mata mulheres por feminicídio no estado do Ceará hoje, essa é uma coisa pesada de carregar. A gente sempre diz assim que o que nos uniu foi a dor e a violência contra os nossos corpos, a gente poderia ter se unido por várias coisas, inclusive para festejar e celebrar a vida, que é a nossa vontade de um dia fazer isso, se reunir só para isso, mas não, a gente foi unida por essa violência e essa violência é interseccionalizada em vários aspectos do racismo, da LGBTfobia.

Então é uma região que uma mulher é assassinada na praça pública na hora da missa, isso marca muito a existência do machismo exacerbado, do patriarcado, é dar autoridade ao

homem na hora da missa, na praça pública, em frente à igreja, ele ir lá e tirar a vida da mulher porque a mulher não quer mais estar com ele são fatos muito simbólicos da existência de ser mulher aqui na região do Cariri.

Quem fala um pouco disso na tese não é muito, fala bem lá no começo, é Suamy, lá no comecinho quando ela chega na rodovia e ela vai contando esse percurso, dá para você ver umas coisas bem interessantes dessa percepção de ser mulher no Cariri.

E... O homem que mata a mulher no meio da rua, pedradas, isso é muito simbólico, tem uma ligação lá atrás com histórias bíblicas que a gente nem imagina que isso ainda pudesse acontecer no século XXI, uma coisa que era de antes de Cristo o período de Cristo na Terra e no século XXI a gente está vivenciando a mesma experiência uma mulher apedrejada na rua até morrer por um no caso, por um homem.

É essa a misoginia, o que é a aversão ao que é o feminino, a existência de ser mulher, esse ódio e no Cariri, mas não só no Cariri, obviamente. Acho que o Cariri hoje o que a gente tem é a possibilidade de visualizar isso de outras formas de visibilizar, as mulheres têm mais condições de buscar instrumentos para sair da situação de violência e violência contra a mulher sempre existiu, não tinha instrumentos para coibir a violência, e hoje tem. Muito pelo contrário a gente tinha instrumentos para potencializar a violência, a Lei o Assassinato de Honra, o homem pode matar a mulher para limpar a sua honra, você tem uma lei que autoriza o homem a matar a mulher porque ele se sentiu ofendido, maculado na sua imagem pela ação da mulher, aí você pode matar. O Casamento Civil, que é a propriedade, você passar a propriedade da mulher, do dono da mulher que é o pai para outro dono que é o marido, o Casamento Civil é isso, é um contrato social onde você está passando a propriedade do corpo para o outro, ele nasceu com essa, que aí tem a ver com os bens, com a herança e era uma lei que autorizava a coisificação nossa, da nossa existência e aí a mulher passa a ser um objeto, uma coisa, você está passando um corpo para outro. E aí é uma coisa que você adquiriu, que você não gostou, por exemplo, eu estava conversando com o pessoal do EJA (Educação de Jovens e Adultos) essa semana e dando esse exemplo um carro, por exemplo, você adquiriu um carro e disse, "é meu, não é meu? Eu vou amassar, eu vou quebrar, vou tacar pedra, eu vou rasgar os pneus. Não é meu? Eu posso fazer o que eu quiser. Não é meu? Posso deixar se acabar." É o mesmo pensamento com relação à posse de uma mulher. "Não é minha? Eu posso esfaquear, eu posso chutar, eu posso bater, eu posso deixar morrer de fome, eu posso ameaçar, eu posso prender. Não é minha? Eu posso abandonar, é minha." Então a ideia do Casamento Civil é muito cruel para as mulheres, eu falo do contrato social, eu falo do papel, de como isso era cruel para a nossa existência.

E aí, por outro lado, também não é só dor, a nossa resistência vem dessa chapada, dessa água maravilhosa que desce, que alimenta a nossa existência, que encanta a nossa vista quando a gente olha, não só olhar da perspectiva de ver, de enxergar, visualmente, é no sentido de sentir, porque aí as pessoas que não têm visão, elas com certeza têm um olhar também para a chapada que compreende essa existência. E eu acho que a chapada é uma força muito grande para a gente, com ela, tudo isso que a gente tem no Cariri, que é a força da cultura popular, das organizações mesmo na zona rural, principalmente, que é onde tudo começa, é ver a dona Ana do assentamento 10 de abril, no período da ocupação, junto com mais não sei quantas pessoas, fazer a caminhada em protesto na luta pela terra, do Crato à Fortaleza andando, liderando um grupo com outras mulheres, com outros homens também.

Então a nossa força vem dessas mulheres, é a dona Edith, mesmo doente, mestre da cultura, levando esse corpo como uma coisa muito visceral mesmo, da existência dela; Maria da Santa; Mestra Zulene, rezando nas pessoas; a Mestra Margarida, que é, assim, se torna um símbolo de resistência de mulher negra e aí nós estamos falando só de mulheres negras, só de mulheres negras nesse momento na cultura popular.

Então a luta nossa, das mulheres aqui no Cariri, ela é muito permeada por essa simbologia toda, de violências muito perversas, mas de resistência muito linda, muito potente, que a gente olha e diz nossa, como não seguir? Como não seguir? Se eu olhar para a Mestra Margarida terminar a vida dela, como não seguir numa luta com essas mulheres? Não, não tem não. Se você olhar as que estão com a gente hoje, você vê essa energia de Zuleide, meu Deus, meu Deus, para estar à frente, uma mulher para se candidatar sempre, é uma energia que a gente não alcança. Verônica e Valéria, meu Deus do céu, como não? Como não? Não estar? Então é isso, acho que tem essa peculiaridade mesmo, que é ancestral.

31. Eu escutei um podcast ontem que falava sobre, que era uma entrevista com Veronica e Valéria, e é incrível ver essa espiritualidade envolvida, tudo aquilo ali, a ancestralidade como é valorizada, e, enfim, isso dá decolonialidade que tu já falou também, da gente não querer ver a gente como os outros de fora, ou de outros países, ou do norte global, determina como modo de vida, a gente entender pelos nossos ancestrais como é que é esse modo de vida e, enfim, como elas trouxeram uma a miolagem, né, no podcast. Essas conversas que são o que trazem o viver do Cariri e a força daqui e eu achei muito interessante isso, também, de que elas falaram como a história negra, ela é retirada da história do Ceará e eu não, tipo assim, eu não sou uma pessoa negra, então nunca tinha olhado por esse lado e eu realmente não lembro de ter estudado o personagem das negras na escola.

R: Sim.

32. Na história daqui e, enfim, a mulher negra que tinha foi a Beata, foi apagada.

R: Sim.

33. Não sabe onde é que é, nem os restos mortais dela, por onde estão. Então, realmente, dá pra entender porque que a luta de vocês, ela é muito a frente mulheres negras mesmo e a marcha das mulheres negras e a necessidade disso aqui, né, então, realmente, me toca muito, me tocou muito, por isso que eu peguei pra ser minha pesquisa.

Enfim, porque, uma fala que me tocou muito tua, foi quando tu falou lá na palestra, que tu falou que "se a tua luta não servisse pra tua mãe entender o que era o feminismo, não era válida".

R: Ela sempre, nossa, sempre apoia. Eu acho que um dos momentos mais difíceis pra ela foi quando eu me candidatei, hoje é isso é total, mas não porque ela não achasse importante, é porque sempre que falava nisso, ela lembrava de Marielle. Porque quando Marielle foi assassinada e teve aquela repercussão toda, ela ficou com muito medo, ela queria que eu não sáísse, ela pedia pra eu ter cuidado, não sei o quê. E aí, quando eu decidi me candidatar, ela falou assim, "eu não aceito, eu não quero." ela não apoiou, ela não apoiou, mas ela não fez nada pra impedir, não, ela só não queria que eu me candidatasse, porque ela tinha muito medo, porque ela sabe dos riscos e tudo. E teve vários momentos, assim, carros seguindo a gente até em casa de noite, e a gente ficar com medo, ameaça nas falas de outros candidatos, foi bem pesado e ela tinha muito esse entendimento. Hoje ela vibra, assim, quando ela me vê na televisão, tem aquele quadro da pessoa, né, a foto tá no jornal, lá no CE TV, aí ela tava em casa e pediu pra minha prima fazer a foto dela pra mandar, né, aí a minha prima fez tudo isso "como é que eu boto ela?" Ela "bota, sei lá, bota socorro, filha de Veronica Isidorio." eu achei tudo de maravilhoso quando ela disse isso.

E aí, eu sei que eu sou uma referência, assim, na família. Nunca tive questões na família, né, sobre a luta, sobre a minha própria existência, né, como uma mulher sapatão, nunca tive, dentro da minha família, não. Há um respeito muito grande pela minha existência, pela minha luta e tudo, a gente tá meio, assim, divergentes hoje, mas por outras questões, assim, como lá com a minha vó, coisa de maltratos aos idosos, e aí, a família tá meio rachada mesmo por causa disso, mas pela luta, não, elas tem o maior respeito.

Inclusive, primas que trabalham na educação sempre me chamam pras escolas, né, pra fazer as palestras, roda de conversa, pedir entrevista. Tudo isso é um reconhecimento dessa luta, eu

sei que eu também sou uma referência, né, nessa luta, é óbvio que eu também não sou ingênua de achar que eu não me tornei uma referência, né, claro que eu sei, mas isso custa também pra gente. Isso custa muito, e até, por exemplo, eu tive uma questão de ser pessoa pública, né, e aí, ser pessoa pública só surgiu depois do Instagram pra mim, eu demorei, inclusive, a ir pro Instagram, bem um ano, aí "faz um instagram! Faz um Instagram" e aí eu fiz na período da campanha, é, a Isadora fez pra mim e ela colocou figura pública aí foi quando a ficha caiu, assim "Ôxe, como assim Figura Pública? Não, eu sou figura particular. Eu sou minha, só minha e não de quem quiser." E aí, demorou, com as terapias, quando eu estava fazendo, foi que eu entendi assim "não, eu sou figura pública, porém, como figura pública, as pessoas têm que entender que eu tenho vida, eu sou uma pessoa, eu não vou, sabe?" Aí, uma coisa que a mãe diz, ela sempre diz, "você bebe demais, Verônica, você é uma pessoa pública, o povo lhe ver bebendo, assim..." "E vai beber comigo, porque quando o povo me conheceu eu já bebia." Então, eu tinha receio de estar no bar bebendo e de repente... de coisas, coisas, coisas. Aí, hoje não, hoje não, hoje eu sou uma pessoa pública, mas uma pessoa, eu sou uma pessoa, então, não importa, não, beber, subir numa mesa, cair, perder as coisas, não chegar, de não conseguir chegar, de estar no Cangaço e estava só uma vez, aí ia passando, um ai eu disse "você vai me deixar, né? Porque é tarde, porque eu estou muito bêbada" E ele veio me deixar.

Mas eu percebo, assim, que a minha presença em determinados lugares, que as pessoas me conhecem, obviamente, ela causa um impacto. Aqui, hoje, a Frente é um dos maiores movimentos, o maior movimento de mulheres do estado, então, a gente tem uma inserção no movimento da capital também muito forte. Quando a gente chega, há um respeito e um acolhimento muito grande à nossa pauta, à nossa luta, à fala da gente.

Então, eu passei um ano morando lá, ano passado e eu fui muito solicitada, em vários momentos, convidada para participar, dar entrevista, várias coisas, embora eu estivesse me escondendo, né, porque eu estava ali estudando e não queria muito, mas me conectei com o grupo da marcha que a gente está construindo e é uma marcha estadual para poder ir para a nacional. Então, eu fui muito mais para esses movimentos, mas a gente sabe.

34. Essa marcha das mulheres negras, ela é internacional também?

R: Não, ela não, ela é nacional. Assim, a perspectiva dela é nacional, das mulheres negras do Brasil, mas ela tem uma conexão aí, vem várias mulheres de outros países e todos para cá. Vai ser babado, dez anos depois, essa é a segunda, a primeira aconteceu em 2015.

35. Essa nacional é de 10 em 10 anos?

R: Então, vamos ver se vai ser, essa é a segunda. Aconteceu em 2015 e agora.

36. Eu achava que vinha acontecendo bienalmente também.

R: Bienal só, só daqui, né, não tem quem aguento não viu amiga?

37. É pior, para fazer essa movimentação toda.

R: E dinheiro? É caríssimo, é caríssimo, é caríssimo. A gente fez mobilização em 2015 e todas as mulheres que foram, a gente conseguiu o ônibus, né, lanche, merenda para o caminho. São três dias, né, seis dias de viagem, três para ir e três para voltar, dois e meio, cinco dias. E na época R\$ 200,00 tinha mais valor, cada mulher, a gente conseguiu R\$ 200,00 para cada uma, banho no caminho, você tem que pagar uma água, coisas, né, esses gastos, comida.

38. Qual a tua percepção do design ativista? Você acredita que o movimento tem ou pode ter aproximações com o design? Vocês já possuem alguma articulação que se direcione ao design dentro do movimento?

R: Não, eu já tenho ouvido falar, mas eu não tenho nenhuma aproximação mesmo, né, né, direta com o design ativista, não. Assim, de como funciona, o princípio, exatamente o que é o design ativista. Porque a gente acompanha as redes sociais, a gente tem muito amigo de design. Então, eu tenho um amigo de design de São Luís, que é Luís, o nome dele, também, que me mostrou várias coisas, né, quando eu estive lá na casa dele, na Maranhão. E aí ele me mostrou coisas que ele fazia, quando estava em Minas, e o que ele estava fazendo também lá em São Luís, mas não, eu não sei como funciona, como é.

Então, as aproximações do design com a frente, elas foram mais na rede social mesmo, né, é e na construção da nossa logomarca, porque aí as meninas foram construindo a logomarca a partir das informações que a gente ia dando. Não sei se tu viu a nossa logo.

39. É aquela que é o Sol?

R: É.

40. Sim. Eu lembro dela no dia da palestra.

R: É, então vamos assim, e aí, a marca era uma coisa que a gente queria muito, que era para dar essa presença, né, mesmo que a gente não tivesse a marca estando lá, as pessoas iam saber

que ia na frente e funcionou super bem. A gente achou muito linda essa, é uma espiral, né, com essa coisa de sol e as cores, né, que é o lilás, que é a amarela é bem, nós achamos muito bonita, a gente achou simples e bonita e dessa coisa da espiral que é um...

41. O cíclico, né?

R: É cíclico, infinito, para sempre.

42. O design, ele é essa forma de criação que ela está em muitas áreas, então, eu já te falei antes, né, que ela pode estar na construção, pode estar no produto, pode estar na moda, pode estar no gráfico. A minha parte é mais o gráfico, mas a gente adentra muitas, muitas áreas e quando a gente vai para o design ativista, a ideia é fazer um design em cima de um movimento ou uma pauta que ela está desvalida, ela seja oposta àquela pauta majoritária. Então, não existe design ativista para quem é detentor de poder, porque não tem como. Então, o design ativista, ele é voltado a uma pauta que está em desvantagem social, por assim dizer. Então, ele é muito utilizado, eu vejo hoje em dia, muito utilizado pelo MST, o MST, eles fazem uma identidade, eles têm uma marca muito forte e muito presente que está nesse design ativista. E aí, o design ativista, ele vai também muito mais além de coisas, como eu posso dizer, produtos, o design ativista, ele também é quando as meninas do Matriz fazem um lambe na rua, aquilo também é design ativista, é uma forma de expressão, é uma forma de propagação de uma informação, que é de uma luta. Então, é isso, a ideia majoritária é essa.

43. E aí, o que é que eu penso muito aqui da região, que os detentores de poder econômico da região e esses coronéis que vêm desde antes, eles usam muito bem o design, a gente é bombardeado, quando a gente está na rua, quando a gente está nas redes sociais, o tempo todo pelo design deles. Então, essa campanha que Gledson fez para vencer agora, era todo momento, era cartaz, era banner, era folder, era tudo, eles sabem usufruir disso muito bem e tem recurso e tem recurso para isso. E aí, o que eu queria entender era se existe essa possibilidade de criação do outro lado. Como é que a gente está explorando isso do outro lado? E aí, eu vou pegar isso sobre o viés do movimento feminista, né, então, por exemplo, quando a gente entende que um lambe, numa parede de uma avenida, ele também é uma forma de expressão e comunicação, que está ali, equivalente àquele outdoor, ele é essa forma de design ativista para o outro lado da causa e aí, é isso.

Por exemplo, a gente entendeu que a tua causa precisa de uma necessidade de renda, como tu falou que esse é um problema muito para vocês agora, se eu entender que eu consigo

desenvolver um produto para vocês venderem de forma prática, de produzir, sabe, adequada diante da realidade de vocês...

R: Barateada.

44. Isso, é uma forma de adequar o design e potencializar a vocês, entendeu? Aí, isso vai ser o que vai se voltar na minha pesquisa, entender essas necessidades, entender essas problemáticas que vocês têm e ver como o design pode ajustar isso, porque o design potencializa. Porque querendo ou não a gente comunicar de uma forma visual, consegue explicar muito mais do que um texto muito longo que não vai chegar a tantas pessoas, então, comunicar, principalmente nas mídias sociais hoje em dia, as articulações são muito feitas por lá, a gente comunicar dessa maneira mais expansível, pode chegar muito mais, expandir muito mais e também, apresentar muito mais a ação de vocês para várias pessoas. Aí, basicamente é isso.

Ai, como uma mulher pode participar efetivamente do movimento? Há algum tipo de seleção, indicação? Porque é algo que eu quero fazer não só pela pesquisa, mas por mim mesmo.

R: Às vezes, é feita por convite, as vezes, é feita por adesão. A gente vai na palestra e pensa... Só que o que a gente está devendo é um encontro para alinhar com essas pessoas que chegaram e o grupo todo, o que é a frente, porque nesse encontro, a gente vai conseguir alinhar mesmo para que a pessoa... realmente, é o que você está esperando, é o que vocês estão esperando? "Não vou ficar, não" "Sim, entendi."

Mas o movimento é assim, sempre tem... é sempre um movimento. Tem sempre gente chegando, gente saindo, gente parada, gente se movimentando e tem um grupo que sustenta, um grupo mais conciso que sustenta a roda rodando, mas vai ter assim todos os movimentos, vai ter sempre gente entrando e saindo, assim no MST, assim no sindicato, assim no GRUNEC, assim todos os movimentos. Gente chega, gente sai, gente... vem só para absorver um pouco, sai, é questão dela, da pessoa.

45. Entendi.

R: E tem gente que fica, eu fiquei, quantos anos já? Dezoito, dez, dezessete anos? Dezessete anos.

46. Meu Deus, você é um menino grande já, não é?

R: Na tua idade, né? Tu tá com quantos anos?

47. 21.

R: É, muito tempo.

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM RAQUEL KARIRI

1. Gostaria de lhe conhecer melhor, qual seu nome, sua idade, sua etnia, sua orientação sexual, sua formação acadêmica (caso possua), sua atuação profissional? Você é nascida aqui no Cariri? Mora aqui a quanto tempo?

R: Bom, me chamo Teresa Raquel, eu sou daqui do Crato, né, sou nascida aqui, sou Kariri, eu sou uma mulher cis, né, é... Minha formação é em jornalismo e atualmente eu sou pesquisadora, né, a nível do doutorado, faço doutorado em comunicação. É isso.

2. Certo. Aí, com relação a tua atuação principal hoje em dia, é nessa área de jornalismo, partindo de redação, comunicação e tudo mais?

R: É, é, na parte de jornalismo, né? Tanto enquanto pesquisadora, também, eu atuo no coletivo, chamado Afoitas (@afoitas), que é o coletivo de Recife, de mulheres jornalistas, indígenas, negras, eu também sou conselheira da Articulação Brasileira de Indígenas Jornalistas, a Abrinor (@abrinor). É... Acho que é isso, tanto também como ativista.

3. Você atualmente é da Frente de Mulheres também?

R: Sou, sou co-fundadora da Frente de Mulheres.

4. Eu queria saber também se tu se considera uma mulher militante, feminista, né? Tipo assim, o que é que você vê com relação a isso?

R: Me considero. Eu sou uma mulher feminista militante. Com certeza.

5. Então, eu queria saber também o que é que te encaminhou mais a participar do movimento aqui na região e enfim, a querer adentrar o movimento e atuar como militante?

R: Foram os assassinatos, né, que a gente teve, aqueles assassinatos em série, que nós tivemos aqui. Que o Sérgio Rolim, né, é um dos indiciados né, não só um dos indiciados, um dos condenados por esses vários assassinatos que nós tivemos aqui.

E naquela época nós vivíamos um clima de profunda insegurança. As mulheres não queriam sair na rua, anoitecia, as mulheres não queriam sair na rua. Então, esse clima de insegurança tomado aos assassinatos fez com que a gente fez com que, né, as mulheres aqui elas entendessem que era necessário uma ação coletiva. Precisava isso aí, precisava criar um coletivo precisava criar algo que a gente se defendesse, que a gente se ajudasse, se defendesse.

6. Sim. Porque o Estado não estava realizando isso, né?

R: É.

7. E aí eu queria saber essa tua forma de manter ativa essa tua presença na luta feminista, né? No caso, é por esses esses órgãos que você já atua? Você parte dos coletivos, no caso, que você já participa?

R: Sso, participando da frente de mulheres, né? E também e sendo mulher feminista em todos os lugares que eu atuo. Então, em qualquer trabalho, sempre pensando no recorte de gênero, sempre dando prioridade às mulheres, sempre atuando para fortalecer coletivos de mulheres, fortalecer mulheres.

Então, não é só numa instância de acho que pensar o feminismo para além da instância de militância. Pensar o feminismo enquanto uma ética de vida. Então, o feminismo para mim é uma ética de vida. Então, eu me movimento no mundo a partir dessa ética. É isso.

8. Eu queria entender melhor, também, você falou agora sobre o que fez você entrar no movimento, que foi por conta das assassinatos dessas mulheres. E aí eu queria entender se você acha que existe alguma particularidade de ser mulher aqui no Cariri.

O que é ser mulher aqui? Então... Alguma particularidade de ser mulher aqui no Cariri? Como é que é ser mulher aqui no Cariri? Se existem medos, anseios, ou se existem coisas positivas que tu vê nesse teu recorte?

R: Olha... Eu acho que... Ser mulher... Bom, eu vou falar do sul global. Eu não tenho como falar do norte global. Ser mulher no sul global é um pavor. É um pavor, é um terror. Nós não estamos seguras em lugar algum do mundo. No sul global, né? Nós não estamos... Não estamos seguras em parte alguma.

No Cariri, o que a gente sabe é que o Cariri é uma das regiões... né? O Cariri é extremamente perigoso, né? É uma região, pelo menos aqui no Ceará, das mais perigosas para ser mulher. Então, ser mulher no Cariri é um pavor, um terror. Ser mulher trans no Cariri piorou. Piorou e muito.

E... A particularidade, além de ser um pavor, de ser uma das regiões mais perigosas para ser mulher, a particularidade é que é... Bom, acredito que se dê em outros lugares, outros contextos, mas estamos falando do Cariri, né? Acredito que se dá em outro contexto, mas falando do Cariri. Que nós temos uma herança colonial muito forte.

Nós temos uma herança colonial muito forte. Inclusive, a herança colonial que é... Uma herança colonial que ainda nos conta de pessoas que dizem, ah, a minha avó, a minha bisavó foi pegada com cachorro, foi pega no laço, né? Então, a pessoa está falando de que a avó dele, a bisavó dele foram estupradas, né? A pessoa está falando de um episódio de estupro. E as pessoas ainda têm essa narrativa aqui no Cariri.

Então... Então, para mim, a particularidade do Cariri em relação... É isso, é a herança colonial que ainda é verbalizada, que ainda é encontrada de forma muito espontânea entre as pessoas.

9. Muito cotidiana, né?

R: Muito cotidiana. Muito cotidiana.

10. E nessa parte da luta dos movimentos feministas, o que é que você entende de diferente aqui na região, né? Tipo assim, o que é que incide a luta? Tem esse contato com o pessoal de Recife, né? Então, existe alguma particularidade que difere essa luta do Cariri com a luta lá de Recife?

R: Eu acho que... Eu acho que, por a gente ser menor, né? Por a luta feminista... A Frente de Mulheres está muito concentrada em Crato e Juazeiro, né? Então, por a gente ser... Por a gente ter essa concentração aqui no Crajubar eu acho que a diferença é que nós nos comunicamos mais, é que nós temos uma... É... Acho que nós temos uma... Um trânsito entre nós, né? Mais... Mais corriqueiro.

Eu acho que a gente... Eu não sei se a gente pode se considerar mais unidas, mas, sabe? Eu acho que tem um campo de união, de confiança, para além de... Além de ativismo, nós somos amigas, nós nos frequentamos... Então tem todo... Tem todos esses aspectos.

Eu não gosto muito, para falar a verdade, eu não gosto de comparar os movimentos feministas, porque cada movimento ele vai ter a cara das mulheres que o criam, que cocria, e vai ter a cara dos enfrentamentos de cada região.

Então... Cada lugar vai ter seu aspecto diferenciado, porque nós não somos um corpo único. Nós somos mulheres, assim, na face, nós somos mulheres. Mas nós, na verdade, somos muito diferentes umas das outras. O que a gente precisa aqui no Cariri não é o que as companheiras lá de Recife precisam. O que a gente não precisa aqui não é o que elas não precisam. Então... Então é isso. Cada movimento vai ter a sua cara.

11. Sim. Nessa parte de... Tu entende alguma influência da própria cultura, da região, na luta, seja religiosa, que é muito forte a presença religiosa na região, ou simbólica mesmo das outras manifestações culturais, que isso afeta a luta feminista?

R: Eu acho que por o Cariri... É... O Cariri ser uma região muito conservadora. É... É... E eu tô falando, nem só católica, eu tô falando evangélica, mas católica, evangélica. É... Isso acaba... É... Isso acaba criando uma... Eu acho que alguns enfrentamentos de pessoas conservadoras, que, por exemplo, vai nos chamar de abortistas, como já aconteceu. Ah, vocês são umas abortistas.

Ou então, quando a gente é... Defende o ensino de gênero nas escolas. Ah, porque vocês querem é... Vocês querem transformar os nossos filhos em pessoas gays, ou vocês querem interferir na forma como as famílias é... Ensinam as crianças, ensinam seus filhos.

E... E eu acredito que também a própria adesão, né? Por uma... Por ser uma região muito conservadora, então as mulheres aderem pouco à frente de mulheres, né? Então tem pouca adesão. Então eu acho que isso também.

Isso também é uma... É uma barreira, é uma barreira que nós sofremos. Me parece que se fosse uma região menos conservadora, acho que as mulheres lutariam mais por seus direitos, as mulheres teriam mais consciência mais letramento de gênero. Me parece que isso pega bastante.

12. Sim, entendi. Mas sobre isso, né? Como é que tu acha que atinge essas pessoas aqui no Cariri? Essas formas de atuação de vocês, então... Era sobre essa parte da adesão mais que eu queria saber como está atingindo as mulheres se são mais pessoas da área da academia ou se atingem outras áreas. Então, como é que funciona, né? É, as mulheres que estão mais presentes na frente são mulheres que estão na universidade.

R: Mulheres acadêmicas, mulheres que estão na universidade. Não são... Não são mulheres trabalhadoras rurais ou domésticas, trabalhadoras, né? Trabalhadoras domésticas, trabalhadoras rurais, não. Nós temos a adesão das mulheres que estão na academia. Mulheres, pessoas LGBTQs, mas que também tem esse trânsito, né? Aí, por exemplo, nós não... Que eu saiba, nós não temos trabalhadoras do sexo dentro da Frente, por exemplo, né? Então, está mais restrito a esse ambiente, sim.

13. Sim. Outra coisa que eu queria saber sobre aqui na região, né? Se tem algumas mulheres que são referências para ti dessa luta ou mesmo fora dela, mestres da cultura, representantes de outras áreas que tu acha que seriam símbolos fortes dessa nossa luta

feminina, feminista e feminina também, porque muitas não se consideram até, mas enfim, quais esses nomes que te lembra e que tu acha que conectaria essa luta também?

R: É... Eu acho... Pra mim, Claudia Rejanne é o símbolo dessa luta. Valéria e Verônica, as pretas, também são símbolos dessa luta. É... Dona Ana, que é uma trabalhadora rural aqui do Crato, Ana da Silva, é um símbolo de resistência pra mim. É... Dona Socorro Batista, que é... Que é da ACB, que é uma pioneira aqui no trabalho de agroecologia com mulheres. Dona... Dona Socorro Batista. É... Céliane, Céliane do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, também é outra pessoa que eu acho bem foda assim. Deixa eu ver... Então, é... Mestra... Mestra Maria de Tiê, também é uma pessoa maravilhosa, também é uma referência. É... Acho que são essas.

14. Existe algo em comum entre elas, assim, que tu acha que, enfim, não...

R: Tipo, o compromisso delas.

15. Sim, entendi.

R: O compromisso.

16. Uma pergunta, o que é a ACB?

R: Associação Cristã de Base.

17. Faz mais atuação na parte rural daqui, é?

R: Isso, é.

18. Falando mais sobre a parte de design, né? O que é que tu entende por design atualmente? Essa é a outra questão.

R: Ah, eu não sei se eu consigo responder essa resposta. Essa pergunta. Design é... Não sei. É um campo, um campo tanto de trabalho quanto de pensamento, né? Que vai... Que vai produzir... Que vai produzir desde... Formas, né? Pensamentos, formas de conhecimento, de pensar o mundo a partir de certas estéticas até os produtos mesmo, né? Os produtos de design. Passando por formação de profissionais também. Eu entendo design mais ou menos isso.

19. E tu acha que o design está inserido na luta não só da frente, mas dos demais movimentos atuais daqui ou, enfim, existe esse distanciamento?

R: Eu... Eu não conheço ninguém do design que está na luta das mulheres. Eu sei que tem profissionais de design que atuam com coletivo de mulheres. Isso é uma coisa muito boa, né?

Então, não está tão distanciado, né? Não está tão distanciado porque esses profissionais de design estão atuando junto ao coletivo de mulheres. Mas no ativismo político, no ativismo político, eu não conheço ninguém.

20. Certo. E essas atuações que você conhece, é mais para mídia social? Redes sociais? Ou são outras formas de atuação?

R: Não, outras formas com coletivo de mulheres. Por exemplo, aquelas mulheres lá, as mulheres da palha, as fuxiqueiras, né?

21. Sim, sim.

R: Aí... É uma... É um ativismo. Eu entendo como um ativismo aquilo ali.

22. Certo. Deixa eu só checar aqui se tem mais alguma pontuação a ser feita. Se tem mais alguma outra informação que você deseja colocar para auxiliar, porque a minha ideia principal é entender o que é que poderia facilitar essa comunicação do movimento com as demais pessoas da região ou, enfim, como que o movimento estaria explorando esses simbolismos que são capazes de representarem vocês aqui, no caso, o movimento de mulher aqui. Então, caso você tenha mais algo a agregar nesse sentido ou, enfim, se já foi contemplado tudo. Eu acho que foi... Eu acho que foi contemplado.

É porque... É porque essa coisa do design, né? Eu não tenho essa ideia. Então, essa foi até uma questão minha, porque quando eu vi que não existia uma pessoa que falasse mais sobre design na frente, né? Eu fiquei assim, vou ter que correr realmente procurar na base essa pesquisa, né? Mas, enfim, eu agradeço a sua dedicação para participar, né? Dentre tantos choques de horários, deu tudo certo. Enfim, quando sair o TCC e tudo mais, eu te mando pra casa você queira dar uma olhada em tudo, como foi a análise, como é que ficou o resultado final. Enfim, só agradecer. Os cachorros estão brigando aqui, mas... Certo? Tá ótimo, Raquel. Muito obrigada. Tchau, tchau.

R: Tchau.

APÊNDICE C - ENTREVISTA COM NIVIA UCHÔA

1. Gostaria de lhe conhecer melhor, qual seu nome, sua idade, sua etnia, sua orientação sexual, sua formação acadêmica (caso possua), sua atuação profissional?

R: Bom, eu sou Nivia Uchoa, meu nome é conhecido, né, como chama, assim, nome artístico. É Nivia Uchoa, mas meu nome completo é Aurenivia Moraes Uchoa, eu sou natural de Aracati, Ceará, mas vim para cá, para o Cariri, com três anos de idade, e completei os quatro anos aqui, vim por conta do meu pai, que veio trabalhar, foi transferido, foi chamado para trabalhar aqui, na época, classificador de algodão, e ele teve que buscar a família lá, porque a gente morava todo mundo em Aracati, e ele teve que trazer a família para cá.

E aí, eu nasci, cresci aqui, né, fui orientada e educada nesse Cariri, em Juazeiro do Norte, só tem cinco anos que eu moro aqui no Crato, eu sou uma mulher indígena, sou cis, lésbica, eu tenho 55 anos, eu sempre assim, inicio um ano com uma idade e no final outra, eu tenho 55 e vou fazer 56 em dezembro.

E aí, tenho uma trajetória já há mais de 30 anos de carreira no campo das imagens, principalmente na fotografia de still, mas, atualmente, eu tenho me dedicado mais ao cinema, desde sempre, na realidade, mas eu acho que já tem mais ou menos uns aninhos aí, não sei quantos, mas eu acredito que uns, talvez entre cinco e dez anos, que eu venho realmente me dedicando ao cinema, eu acho que até mais do que a fotografia de still.

E aí, sou ativista, também, sou ambientalista, sou fotógrafa, sou cineasta, como eu já falei, e sou essa mulher assim que pelo ativismo, luta realmente por solucionar e erradicar as violências que eu chamo de arcaicas e dicotômicas, que são as violências sobre nós, sobre nós, mulheres, e contra nós, mulheres.

2. Então, você já falou que você é nascida fora, mas veio para cá, criada aqui, e se você se considera uma mulher feminista, ativista? Porque eu vi que isso é uma questão, vi mulheres que, às vezes, atuam na área, mas não se consideram feministas. Então, você se considera?

R: Sim, eu me considero.

3. O que você entende por isso?

R: Eu me considero, sim, ativista, feminista. Eu acredito que o ativismo e o feminismo andam muito de mãos dadas. Eu entendo que ser feminista é lutar realmente por causas, até as mais simples, como ir ao médico, procurar uma consulta médica, se cuidar da saúde, da saúde mental, física, emocional.

Eu acho que o feminismo passa não só pela questão, como eu costumo dizer, não só pela questão de você ler, de você ter discursos feministas, de ter aquele discurso mais pautado, mais orientado, não diria acadêmico, mas com orientação mais teórica, diria assim. Não acadêmica, mas teórica. Acho que o feminismo não é isso. Acho que o feminismo é algo mesmo do dia a dia. É quando você defende uma amiga que sofreu de violência, é quando a gente tem sororidade por alguma amiga, alguma companheira, ou então alguém desconhecido ou desconhecida.

4. É e o que que te encaminhou a participar dessa luta feminista? No caso, a entrar no movimento ou a começar a realizar essas ações?

R: Eu acredito que eu entrei no movimento, assim, na frente de mulheres, né? Porque do movimento eu sou desde quando eu nasci.

Acredito que, na realidade, eu também já venho de família, de ativistas. Meu tio Inocêncio Uchoa, meu irmão, José Carlos, chamado de Carlinhos e relativamente meu pai e minha mãe. Não necessariamente, assim, muito forte no movimento, mas meu irmão principalmente.

E aí eu sou desde quando ele era da Convergência Socialista, então, por coincidência, não, por coincidência não, como é que eu quero dizer? Por consequência, eu também era da Convergência Socialista. Aí depois a Convergência Socialista foi expulsa do PT. Aí foi todo mundo...

5. Aqui no Cariri?

R: É, na realidade é uma conjuntura em nível nacional, né? Porque o PT, ele tem várias, como é que a gente chama? Várias células, pode chamar de células, né? E aí vários, era o Trabalho, a Convergência Socialista, acho que era, como era? Não sei o que Popular.

6. União Popular?

R: Não, alguma coisa Popular, Frente Popular, não lembro mais o nome. E aí o PT, a Convergência Socialista foi expulsa do PT, porque eles eram muito radicais, éramos radicais. Isso assim, meu irmão era muito mais do que eu, era mais por viver aquilo ali, né? E aí a gente virou PSTU, até hoje eu sou filiada ao PSTU, nunca tirei minha filiação. Embora o PSTU quase não existe mais, existe, com poucos membros, mas... Enfim, então eu me considero assim.

Agora, na frente de mulheres, aí eu vim, participei de movimentos, de lutas, o Fora Collor, na década de 90, não, o Fora Collor foi na década de 90 ou foi na década de 80? Eu sou meio

ruim de data, viu? Então, você depois pode checar essas datas com mais exatidão, que realmente eu sou meia lesada.

E aí pronto, aí na sequência, depois eu entrei na frente de mulheres, exatamente, eu acredito que em 2016, foi em 2016, porque eu fazia um trabalho, eu estava na pesquisa para fazer um filme sobre as travestis em Juazeiro, as travestis que viviam nas ruas, eu era amiga delas e vivia passeando com elas e vivia a labuta delas, o trabalho delas na rua, é na prostituição. E aí, eu também trabalhava para a Galosc, fazia os vídeos e fotos para a Galosc, que a Galosc era o grupo de orientação... Aí gente... grupo, é Galosc, é porque não existe mais a Galosc. É, Galosc é G-A-L-O-S-C aliás, Galosc.

7. É Grupo de Apoio à Livre Orientação Sexual do Cariri.

R: Pronto, exatamente. E aí, eu fiz parte da Galosc, mas para registrar, né? Não era da equipe do conselho, nem de estrutura de formação de diretoria, não. Eu era realmente do registro.

E aí, eu comecei a me interessar por esse tema, né? Aí, depois, participei de umas pesquisas, uma amiga minha estava fazendo uma pesquisa sobre a questão do HIV aqui na região. Ela trabalhava com infectologia, aliás, trabalha ainda na Secretaria de Saúde, aí me convidou para fazer um questionário com as travestis. Aí, eu, poxa, que legal! Aí, tipo, eram mais de 50 questões, sabe? Eram perguntas, assim, bem... A depender da resposta que elas dessem, a gente passava, avançava, ou deixava de fazer algumas perguntas, né? Porque eram questionários muito íntimos, eram perguntas muito íntimas, muito secretas também. Elas não podiam nem dizer, inclusive, o nome delas. Podia dar só um codinome, mais ou menos, né? E a idade e tal, elas não podiam nem se identificar. Justamente para poder proteger, né? E algumas, quem quisesse, também poderia.

E aí, aquilo me... Achei muito interessante as respostas, sabe? Então, eu entrei, de fato, na vida dessas pessoas. Porque a gente ia na casa delas, era uma coisa assim, corpo a corpo mesmo. Ou então juntava vários e ia para a casa de um só, e aí a gente se reunia com vários pesquisadores, e aí cada um ia para um cômodo. Um ficava na cozinha, o outro no quarto, né? E aí, isso tudo para mim é ativismo. Isso tudo para mim é feminismo. Que é a luta, na realidade, diária, né? Como eu estava falando para você, é a queixa da sororidade. De você estar atenta aos sinais, de poder proteger e ajudar pessoas, como eu já chamei, já... É... Botei uma mulher dentro do carro, por exemplo, no meio da rua, que estava sendo perseguida pelo marido. Já parei no meio da rua, assim, bora entrar aqui, a mulher nem me conhecia, entrou, fui deixar essa mulher em casa, e dei o nosso contato, mas ela nunca entrou em contato com a gente. Enfim, então é isso.

E aí, depois, eu fui... Queria fazer um filme com elas, com essas travestis, mas acabou que nem deu certo. Assim, deu a pesquisa, consegui fazer umas imagens delas, consegui fazer algumas coisas, mas aí eu me interessei mesmo por fazer um filme sobre mulheres, no lugar de só travestis, de fechar com as travestis, porque eu vi que as violências eram muito grandes, são muito grandes aqui na região. E aí eu disse, não, vou fazer um filme sobre violência contra as mulheres. Aí foi onde nasceu O Verbo Ser.

Nasceu, na realidade, desde 2009, 2013, aí foi pulando para 2016, até que eu fiz o filme em 2023, e lancei em 2025. Então foi tudo isso.

8. Histórias e histórias, né?

R: Um tempo de histórias, que são histórias dentro da outra. Acabam sendo esses fractais que se misturam nesse caleidoscópio aqui chamado Cariri. E aí só se fala no Cariri da beleza exuberante da Chapada do Araripe, da floresta, das águas, dos pássaros, da natureza de toda forma, inclusive a Chapada está fazendo parte desse patrimônio da Unesco, mas se esquece que aqui não é só isso, que há realmente essas violências sobre nós, que acaba sendo uma cultura, acaba sendo um tipo de cultura arraigada nesse patriarcado, nessa insistência desse patriarcado. E aqui tem muito disso.

Eu acho que foi tudo isso. As coisas também em casa, a vida em casa, com a família, eu acabava percebendo que existiam violências. Meu pai, meus tios, meus irmãos, de certa forma, são todos machistas. Embora eu já perdi meu pai, mas quer queira, quer não, a sociedade é machista. E aí acaba vindo para qualquer pessoa, inclusive para nós mulheres. Porque tem muitas mulheres machistas também.

9. E essa tua atividade no ativismo vem vinculada ao teu trabalho também, as tuas produções são sempre vinculadas nisso? Como é que tu te mantém ativa nessas tuas atuações? Elas são mais pelo movimento ou quase envolvem o teu trabalho?

R: É na realidade, esses trabalhos são, na maioria, independentes, não tem uma verba, então eu faço pelo movimento, eu faço independente, eu faço por lei de incentivo, essas buscas para fazer esses trabalhos.

Mas a gente faz muita coisa também de apoio mesmo, né? Coisa que não tem dinheiro, "chama Nívia, ela faz, né?" Porque sabe que eu sou ativista e aí eu faço por entender que a gente precisa realmente desconstruir, precisar ajudar o movimento. Quanto mais gente para ajudar o movimento com cabeças pensantes, né? Com... Poder dialogar, poder, sabe? Aí a gente consegue, de fato, estabelecer isso tudo nesse trabalho, né?

Aí, por exemplo, eu faço trabalhos normalmente relativos ao meio ambiente, ou lutas de... De luta mesmo de, por exemplo, o pessoal dos indígenas Kariris, aqui, né? Indígenas Kariri, aliás, Kariri porque é no singular. Do Poço Dantas, por exemplo, eles sofrem um tremendo problema com o Cinturão das Águas, né? Não dizendo, assim, a gente precisa do Cinturão das Águas, é uma obra bastante importante para a movimentação do Nordeste em si, né? Trazer essa água do Rio São Francisco para cá, assim, é uma obra estruturante muito importante, mas ela chega e sempre vem de cima a baixo, de goela a baixo, que, por conta, justamente isso que eu quero te dizer, assim, a gente vive estruturas institucionais, violências institucionais (ela corrigiu para violências veladas) que mexem com toda essa estrutura, né? Elas vão mexer com o poder, vão mexer.

O sistema patriarcal, ele é um sistema que tem, ele é o principal e aí dele vem vários, né? Que são racismo, são vários, machismo, né? O próprio... Então, assim, o próprio patriarcado faz com que eu vá em busca de fazer os meus filmes, as minhas fotografias, mas nesse sentido de, diria, de conscientizar, a palavra seria essa, eu estava procurando essa palavra faz tempo, um pouco de conscientizar e de buscar com que as pessoas entendam que as coisas que eu faço é para conscientizar as pessoas, sejam elas de qualquer lugar, de qualquer sociedade, de qualquer raça, cor, poder aquisitivo, né? Eu gosto de mexer, assim, de cutucar.

10. E fazer com que essa voz chegue, né?

R: É, que essa voz chegue.

11. E eu queria saber de ti, o que é que tu acha de particular em ser mulher aqui no Cariri? No caso, ser mulher no Brasil já é uma questão, né? Mas aqui no Cariri, como é que tu vê ser mulher aqui?

R: Aí eu faço das minhas palavras as palavras das minhas companheiras, né, que elas dizem muito isso, que é muito difícil ser mulher aqui nessa região. Eu já escutei isso de várias mulheres, né, é uma frase, assim, que é, assim, emblemática. Eu já tive vontade de fazer um outdoor com o filme, chamando o pessoal para assistir o filme, assim "é muito difícil ser mulher nessa sociedade".

É difícil porque quer queira ou quer não, aqui é um lugar pequeno, né? Assim, as pessoas ainda vivem com cabeça de interior, ainda vivem com cabeça de, ah, ser nordestina é ser macho, é ser escroto, né?

E aí a gente sofre por conta disso, por conta de algumas mulheres também, não a maioria, mas algumas mulheres que elas também, elas ficam do lado desses homens, né? Que nos afetam,

nos violentam. Eu já fui violentada, inclusive, mais de uma vez, não foi só uma. E aí isso traz, né? Essa força, né? De entender que a gente, que é muito difícil ser mulher nessa sociedade, é muito difícil aqui.

É muito difícil, não só, é a região em si mesmo, não é Juazeiro, não é Crato, não é Barbalha. Dá medo de andar só, muitas vezes, chegar em casa só. Eu tenho medo e não porque eu sou medrosa, não é porque eu sou medrosa, mas eu tenho medo de um cara vir e fazer alguma coisa comigo, porque é "natural". Principalmente a gente que é de Frente, né, a gente que é de Frente de movimento, a gente é muito vista, às vezes as pessoas conhecem a gente, e a gente não conhece as pessoas. E aí é muito dar medo. Eu tenho medo.

12. Ressoa, né? Ao redor da gente, isso o tempo todo, as pessoas reproduzem.

R: Ressoa porque, inclusive, assim, para além disso, por exemplo, só agora, eu estou fazendo parte de um, dois, três, quatro, cinco grupos. Cinco grupos que são grupos que são só sobre violência contra as mulheres. Aí tem dias assim, tem grupo assim que eu nem abro.

A gente já fez material para um vídeo em defesa da vida, em relação à história do "Escritório do Crime", né, que houve nos anos de 2000, aqui na região. A gente já se mobilizou por conta do próprio delegado dizer que as mulheres que se envolveram no escritório do crime, elas tinham a ver e elas faziam parte das festas em comemoração aos assassinatos dessas mulheres, né, não sei se você já ouviu falar nisso, "Escritório do crime"?

13. Eu sabia, porque é na minha rua, que era o local que eu morava, né, eu não moro mais lá, mas foi ali na Leão XIII, ali, né, que a Verônica me contou depois.

Então eu sabia por minha mãe, mas sem esse nome. E aí depois Verônica me contou a história toda. Então eu sabia que tinha ocorrido essa série de assassinatos e que tinha sido lá na rua, minha mãe me falou isso.

R: Que era o Lava Jato?

14. É, que era o Lava Jato.

R: E o leiteiro, um dos leiteiros envolvidos nisso, morava no meu quarteirão. Aliás, num quarteirão depois do meu, lá em Juazeiro, na rua Padre Cícero. Eu esqueci o nome dele agora, mas eu fico impressionada, né?

E aí a gente, tudo isso marca, né? São várias coisas que marcam a gente.

15. E é o que que tu entende de diferente na luta dos movimentos daqui, se existem aspectos da região que incidem na luta, que afetam na luta. Tu falou sobre o patriarcado, né, e essa ideia do interior que ainda fica muito nessa ideia de machismo. Mas isso ou outras coisas que tu acha que incidem?

R: Que incidem para soluções? Eu não entendi a pergunta

16. Que incidem para o movimento daqui. Então que afeta o movimento, que causa o movimento.

R: Ah, sim. O movimento de mulheres, segundo Claudia Rejanne, é o movimento que mais reúne pessoas. O movimento de mulheres aqui na região. Porque, primeiro, na minha visão de mundo, esse movimento de mulheres, eu entendo que ele começou pelas mulheres negras da região, aqui que são que foi inicialmente pelo GRUNEC, que é o Grupo de Valorização Negra do Cariri. E aí com essa conscientização, essas violências, o trabalho de base que essas meninas faziam nas comunidades, indo de lugar em lugar, sei lá, vai para Salitre, vai para Campos Sales, vai para Porteiras, vem para o Crato, vai para Juazeiro. Passando de casa em casa, essas mulheres viram que essas mulheres sofriam violências, e aí elas passaram a lutar para ajudar essas mulheres.

E aí, em 2014, a Frente, em 2014, a Frente, ó mais uma data que eu estou em dúvida, mas acho que foi em 2014 quando a Frente foi instituída de fato. Foi justamente nesse sentido de buscar, de manifestar, de ir para as ruas. Nós tivemos, o movimento de mulheres teve na rua em vários momentos.

Teve na época da Marcha das Vadias, quando ainda era Marcha das Vadias, e aí veio para o movimento de mulheres, Fora Bolsonaro, para 2013, naquele movimento das passagens. Não, ainda não tinha Frente nessa época, mas as mulheres já se reuniam.

Porque as mulheres se reuniam independentes. Cada um ia para esses movimentos, se encontravam nesses movimentos, e, a partir desses movimentos, elas fizeram um outro movimento. E aí foi onde esse movimento de mulheres, que são várias entidades juntas, nós somos da Frente de Mulheres.

E aí incide a permanência, inclusive, da gente, justamente ainda por entender que, por mais que a gente já tenha conseguido políticas públicas, que a gente tenha conseguido várias ajudas, de várias, tanto entidades quanto de políticas, principalmente mulheres, mas a gente entende que ainda falta muita coisa.

Mas a gente entende que, por exemplo, o 8 de março, que é quando de fato a gente sai às ruas, não só no 8 de março, mas o principal que a gente sai às ruas, o movimento, a gente deixa

cinco, seis quarteirões com pessoas. Então é muita gente que sai da Prefeitura do Crato e vem até, e a gente até faz às vezes o 8M em Juazeiro, mas ele funciona no Crato. Porque justamente, eu acho que a cultura, o fato da gente trazer isso para cá, de já ter essa cultura arraigada aqui, e também, detalhe, essas mulheres, a maioria são assassinadas não só nas suas casas, mas também na Chapada do Araripe, ou então elas são desovadas na Chapada do Araripe. Então tudo isso, assim, faz com que a gente crie mesmo, continue tendo vontade de lutar.

17. Marca, né? Usar da própria Chapada para uma violência dessa.

R: Infelizmente.

18. E tu percebe influência da cultura, da região, no caso, essa cultura popular mesmo, ou religiosa, na própria luta? Se eles, no caso, se eles se inserem nessa luta? Ou se existe algum tipo de influência mesmo de outras pessoas dessa luta, dessa luta não, mas dessa cultura popular, dessas expressões, mestres, mestras e tudo mais que afetam a luta de vocês?

R: Eu não sei se eu entendi muito a pergunta, mas eu vou responder da forma que eu entendi. Eu acho assim. Esses movimentos, por exemplo, acabam contribuindo de certa forma porque, por exemplo, se a gente for voltar a história de Juazeiro, a gente sabe que até hoje houve o apagamento, o silenciamento da Beata Maria de Araújo. Até hoje não se legitimou pela Igreja Católica que ela, quem merecia ser beatificada e santificada. Então, isso já é uma violência. Violência Velada.

Uma outra questão que não fui eu também que falei, mas outras mulheres também que falaram, é que, por exemplo, as mulheres devem chegar no pé do padre, do confessorário para fazer suas confissões, para conversar com o padre, dizer o que está acontecendo e, muitas vezes, se arrepender das coisas até que elas nem têm culpa e os padres, certamente, vão lá e mandam ela só você está perdoada, reze tanto e tanto e vai embora. Vá para casa e vive bem com seu marido que é a família que importa. Então, elas preferem escutar o padre do que a gente, claro, que é a voz de um padre. Entendeu?

E, muitas vezes, há tantos preconceitos em relação a gente que, muitas vezes, a gente é, também, tida como doidinha. Ah, lá vai a doidinha. A doidinha ativista, olha como ela se veste. Bota um chinelo, uma camiseta, um boné, bota um megafone. É a doidinha, entendeu? Então, tem muito isso.

19. Agora, por uma parte, eu queria saber se existem nomes e símbolos de resistência feminina que você reconhece aqui na região, que influenciam na tua luta, ou que tu admira?

R: Símbolos, você fala nomes de pessoas?

20. É, podem ser pessoas que lutam contigo atualmente ou que já passaram, enfim.

R: É, eu admiro muito as meninas, né, a Valéria e a Verônica Carvalho, que são as pretas, elas assim, são hors-concours. Aí vem, por sua vez, a Zuleide, a Verônica, a Claudia Rejanne, quem mais, aí são tantas, a Célia Rodrigues, a Mara Guedes, são mulheres muito fortes, muito potentes, são mulheres muito potentes, assim, que tipo assim, Ave Maria se morrer uma delas, faz uma falta grande, entendeu, porque elas são. Agora hors-concours são as pretas mesmo, não tem como, porque elas batalham, assim, por muito, inclusive elas estão bem cansadas, porque elas já são sexagenárias, como elas dizem, e aí elas estão formando justamente a gente, né, e outras pessoas mais jovens, para poder estar na luta, porque vai ter um dia que elas vão se aposentar.

Por exemplo, Célia Rodrigues, é um fenômeno, Célia Rodrigues, também hors-concours, assim, é uma mulher poderosa, já está uma senhorinha, eu acho que deve ter mais 70 anos. A Mara Guedes, que agora está dirigindo a Casa da Mulher, é uma pessoa muito centrada, muito concentrada, assim, que luta há muitos anos, muitos anos, fora outras que eu não consigo lembrar agora, mas essas, para mim, assim, são fundamentais, né.

21. Eu queria saber de você também como é que você acha que está afetando as outras pessoas? O movimento está em crescente aqui na região? Enfim, como é que ele afeta o público geral?

R: Tá, gente tem conseguido várias... A gente tem conseguido inserir muita gente, sempre tem pessoas novas, principalmente o movimento jovem mesmo, o movimento de CA (Centro Acadêmico), de DCE (Diretório Central dos Estudantes), o pessoal das universidades. Eu acredito que o fato também de que a gente tem muitas universidades, tem muitas cabeças que pensam diferente.

E tem muita gente de fora, porque eu não sei se você sabe, o cariri é feito por pessoas caririenses, mas tem muitas pessoas de fora aqui. Então, são vários forasteiros, forasteiras, diria assim, que chegam e pensam diferente e querem... Porque não só existe esse... Por exemplo, existe agora o movimento Salve a Chapada do Araripe, porque já existiu antes esse movimento contra o agronegócio, contra a Chapada do Araripe.

Aí eu entendo isso, que ele está se consolidando cada vez mais, a gente está ampliando, até porque a gente já consegue, por exemplo, ir para uma manifestação lá em Milagres, onde a menina foi assassinada, a gente já consegue sair daqui, né, e também outra coisa, o que eu entendo por isso não só são as pessoas, a gente já conseguiu, pelo poder público, alguns órgãos.

Nós já conseguimos a Casa da Mulher Cearense, nós já conseguimos a Delegacia da Mulher, nós já conseguimos núcleos, por exemplo, tem núcleo lá em Juazeiro que ninguém sabe onde é, só as pessoas que coordenam, as pessoas que realmente precisam ser ajudadas que sabem, mas ninguém sabe onde fica. O que mais? E acolhimentos, né? A gente faz também alguns acolhimentos, porque nossa formação, como são várias formações, então ela se destaca.

E outra coisa também, essas mulheres são de vários lugares, do Cariri, não só daqui. Principalmente em Crato, Juazeiro e Barbalha, mas principalmente Crato e Juazeiro. O pessoal de Barbalha ainda é meio tímido, porque inclusive Barbalha é um lugar que existe mais machistas daqui, desse eixo, Crajubar é Barbalha, eu acho, na minha opinião, ainda sofrem muito.

22. Agora, indo para a parte de design, né? Eu queria saber o que é que tu entende do design, se tu conhece, se tu é próximo, né, do que tu atua, enfim, o que é que tu sabe por design?

R: É, eu acredito que design é uma forma também simbólica, né? Que como a gente, tudo é, para mim, tudo é semiótica, eu acho que o design ele está nessa concentração aí da semiótica, onde vai juntar os signos, os símbolos, os seus significados, significantes, para poder exibir uma marca.

Por exemplo, a minha marca é Poesia da Luz. Eu queria que o design fizesse uma câmera de lambe lambe, que é uma câmera antiga, você conhece, mas eu não queria uma câmera realmente de lambe lambe, como ela é no formato dela, antigo, de ser. Eu queria algo mais, diria, contemporâneo. Contemporâneo é o hoje né, algo diferenciado. E algo mais voltado para a mandala. Eu pedi para ele pensar em uma mandala, mas só que a câmera é quadrada, de certa forma. E não existe apenas mandalas redondas. E aí ele fez Poesia da Luz. Eu posso até te mostrar, eu te mandar. E ele conseguiu fazer.

Eu acho que o design é algo que precisa chegar... Não diz que as imagens vêm antes das palavras? Eu não sei quem é que escreveu isso, não estou lembrando o filósofo. As imagens chegam antes, primeiro do que as palavras. E eu acredito que o design é isso. A imagem é um símbolo, aliás, representado por uma imagem, onde ele precisa dizer algo, precisa tocar. Não é

efêmero. Embora, se você vê no outdoor, já viu, foi embora, se torna. Mas é algo que precisa ficar, de preferência fica.

Principalmente uma marca de um logotipo, uma logomarca de uma empresa, de um movimento, de qualquer que seja. Dá aquele estalo e você vê aquilo e já entende que ali faz parte do movimento.

23. É a pregnancy que a gente chama.

R: Pregnancy?

24. Pregnancy da forma.

R: Pronto, pois é, porque precisa impregnar. É algo que precisa impregnar mesmo.

25. E você acredita que o design já está vinculado no movimento, na luta feminista da região hoje em dia? Existe algum tipo de aproximação?

R: Olha, sempre que a gente precisa de... Todo 8M, a gente precisa de alguém que faça a campanha da gente. Aí a gente vai em busca da... Todo mundo é voluntário. Normalmente quem faz o design do 8M são jornalistas. Já teve design? Acho que já teve design também que fez, é porque não consigo lembrar agora os nomes.

Mas acho que precisa chegar mais, porque a gente precisaria ter... Por exemplo, à Frente de Mulheres tem uma marca, que foi até a Fernanda Loss que fez, que é o Estúdio Caravelas, que fez o... Então, essa marca ficou. Ah, se a gente for dar uma repaginada, não sei se a palavra que vocês usam é essa, poderia mudar? Poderia. Mas a impressão é a que fica. A primeira impressão é a que fica. Então, para mim é isso. Eu acho que precisa chegar cada vez mais. Eu acho que não custa nada que chegue mais.

Porque normalmente o que é que chega? O que é que eu percebo que chega? A comunicação. As pessoas estão mais interessadas na comunicação. Em chegar em isso, em o movimento que a gente faz nas ruas. Uma mulher foi assassinada, como agora a história do Pedro Lobo, né. Então, fica todo mundo preocupado. A gente ia fazer uma nota de repúdio, e tal, e tal, e tal, mas nunca tem um símbolo que represente isso.

Para não dizer que não tem agora, atualmente a gente está com aquele que é uma campanha nacional.

26. Sim. Que é aquele... Aquele que você postou. Foi, não é?

R: Pronto. Exatamente, é aquele. Então, aquele é o símbolo em nível nacional. Mas não foi um símbolo criado aqui por nós, por nosso movimento.

Aí a gente acabou colocando na nota esse símbolo para dizer que nos queremos vivas. Mas acho que precisa realmente chegar e algo mesmo que se apodere do coração das pessoas, da mente das pessoas, que a visão... A visão que é a coisa mais... Que a maioria das pessoas tem visão, lógico. Mas acho que a visão é essa coisa de ver, ou de tocar, a pessoa que não vê, o não-vidente, poder tocar e entender.

Acho que o design faz parte de um entendimento. Pode ser um entendimento, pode ser uma construção individual, mas o entendimento dele precisa ser coletivo.

27. E só mais uma pergunta que eu acabei, eu nem anotei, né? Você falou que você é indígena, né? Tu acha que existe algum tipo de particularidade na luta da mulher indígena? Aqui também, né? Fazendo o recorte aqui.

R: A mulher indígena, na realidade, sim. Como agora em nível nacional, existe a questão de se reconhecer enquanto indígena. Então essas mulheres, paulatinamente, inclusive, também entrando no movimento. Porque também elas sofrem, tem problemas sérios nas comunidades. Eu acho que elas têm um crescente de movimento.

No caso do Poço Dantas, já existia o Poço Dantas, já existia indígena lá, então eles têm as terras deles. Porque não é só a violência física, não é só a violência patrimonial, não é só a violência do casal, que eu quero dizer, o casamento em si, o casal casado em casa com filhos, com netos, não, há uma conjuntura social que violenta, né? Essas pessoas, todas as pessoas.

Eu acho que o pessoal está conseguindo resistir, está conseguindo dizer que está aí, que elas existem, e desbravar.

28. Enfim, foi essa a entrevista. Eu queria agradecer você. Amei fazer a entrevista com você. A minha hipótese geral, como representação visual que afetaria as pessoas e que poderia estar vinculada ao design ou, enfim, a outras formas semióticas da luta, é que a gente pode usar esses símbolos de mulheres que já estão na história, que já falam com o povo, que nem a Berta Maria de Araújo, que nem a Menina Benigna, que agora está numa crescente, a Romaria dela, ou, enfim, outros nomes. Verônica e Valeria, que são nomes grandes, né? São nomes grandes daqui e que falam sobre ser mulher e que é uma questão, né? Sempre foi uma questão ser mulher na vida dessas pessoas.

R: Tem uma coisa só pra eu não esquecer, que você me fala de símbolos, aí eu lembrei, né? Porque, normalmente, a gente usa o símbolo de resistência, né? Que é o da mão do braço

esquerdo, né? Esse símbolo. Esse é o símbolo mais mais, diria, mais aproximado de todo tipo de resistência, né? E a gente usa muito. A gente usa muito o símbolo também do girassol, né? Por conta da marcha das mulheres... da marcha das mulheres negras, da marcha das margaridas.

E aí, esses símbolos, por exemplo, já tem, eu acho que, tem dois aspectos que o movimento negro, que é o movimento que é maior, né? Eu considero o movimento maior no país. Agora, o movimento indígena tá nessa crescente, mas eu acredito que a gente tem, tipo assim, andado na linha delas. Entendeu? Aceitado.

A gente sempre aceita o que elas... o que elas dizem porque elas vieram antes. A gente sempre tira o chapéu, né? E as mulheres indígenas também vieram antes. A diferença é que o movimento negro, ele já é um movimento que vem há muito tempo, né? E o indígena não.

O indígena foi apagado, foi silenciado e eles ficaram também sem se reconhecer que eram indígenas.

Eu, por exemplo, eu me reconheci indígena, sabe por quê? Porque minha mãe nem sabe exatamente como era, mas, por exemplo, a mãe dela, ela é filha de mãe adotada. Minha mãe tem 97 anos. Meu avô era rezador, curandeiro, ferrenho, assim, desses de curar o pessoal à distância com água e óleo. Ela conta que... Você já ouviu água e óleo se misturar? Pois meu avô, aliás, o avô dela, meu biso, o avô dela, meu biso, no caso é, ele fazia simplesmente o água e o óleo se misturar. Então, por conta das coisas que ela entende e pelo fato das minhas características também, meu fenótipo é completamente indígena. E ela também, minha família, meus tios, são todos e eu sou de Aracati. Então, lá são Janduís, Potiguaras, Tupi e um outro.

29. E Aracati também.

R: E Aracati também, exatamente, que é o que fala sobre o vento. Terra dos bons ventos. Tem mais de um significado para o Aracati. Então, tudo isso, eu já faço desde 2013, 2014, 2012, mais ou menos, que eu digo que sou indígena. Porque, de fato, eu sou. Os fenótipos, por toda a história, a forma como meu tio, que inclusive faleceu agora, se comporta, se comportava. Minha mãe, de certa forma, com as coisas que ela fazia, as raizadas, os ensinamentos, ela simplesmente... Meu irmão adoecia, da barriga, doente. Nós também, mas eu digo isso porque eu vi e ela curava, ela fazia lá uma pajelança com cigarro e ela conseguia curar meu irmão da barriga, porque ele estava... como o Frida agora, estava destruído. Até devia pedir ela para fazer esse negócio com o Frida, levar para ela fazer a história com o Frida.

Embora ela não fumava. Ela também não fumava, mas ela pegava o cigarro do meu pai e fazia isso. Então, ela fez isso porque ela viu, porque alguém fez, e era meu avô, meu biso, aliás. E por aí vai, outras coisas que ela conversa. Acho que é a questão indígena, com essa retomada, com os encontros em Brasília e com os encontros que existem em vários lugares, porque já entendi que esse aldeamento existe e agora estamos dizendo que nós somos mesmo, nós queremos o nosso lugar e pela luta de terras. Acho que essa conquista tem que ser muito para que todos nós... Eu não estou na minha... Porque eu não moro na aldeada, mas acho que o movimento indígena tem um crescente e as mulheres também.

Existem núcleos de mulheres indígenas e negras que são voltadas para a questão realmente da violência, de proteger essas mulheres violentadas.

30. Eu acho que o próprio se reconhecer. Que nem tu falou, o feminismo é o cotidiano. Acho que o ser indígena é o se reconhecer na sua história.

R: Isso, exatamente.

31. Enfim, na minha família tem meio mundo de práticas que eu sei que são indígenas, mas que ninguém reconhece como. Minha avó rezadeira, minha madrinha tem um monte de pote cheio de planta e água na geladeira dela que ela fala, isso aqui é para estômago, isso aqui é para cabeça, isso aqui é para não sei o quê e eu sou assim, "tá bom, madrinha." que ela não reconhece como um saber de herança indígena, mas que ela reproduz.

R: A mamãe passou muito tempo sem falar, mas eu, por ser documentarista também, eu sou cineasta, eu faço ficção e documentário, eu sou cineasta. Então, essa coisa da curiosidade eu fico perguntando as coisas, a mãe vai me dizendo. Mas foi muito difícil para ela falar. Porque justamente imagina aí qual é o andamento, se ela tem 97, ela é do início do século, praticamente. 3, 2, 4, sei lá.

32. Eu também não sei, sou ruim.

R: Então. Foi muito difícil para ela falar, porque ela foi apagada, porque não podia falar sobre isso. Pelo menos os negros, eles conseguiram falar muito mais cedo. Eu acho que eles também tiveram lideranças, lideranças, lideranças. Os indígenas, não. Embora tiveram as lideranças, mas normalmente as lideranças eram o quê? Os homens. E o homem, às vezes, não está muito interessado. As mulheres aqui, normalmente, estão. Você pode ver.

Outra coisa também, aqui ainda tem muito, inclusive políticos, tem muita história de dizer assim, atrás de um homem sempre tem uma mulher. Você está colocando assim, ao lado de um grande homem, tem sempre uma grande mulher. A gente está mudando isso.

Mas eu não acredito nisso, acho que cada um faz a sua diferença. É o homem na sua estrutura, a mulher na sua estrutura. Entendeu? Acho que é uma luta assim, não querendo que a gente seja melhor, ou que ele seja melhor que a gente. Não é isso. Mas a gente realmente precisa lutar.

33. É necessário ter a consciência, pelo menos, de que não é dessa forma, para a pessoa saber.

R: Exatamente.

34. Eu realmente agradeço, e é isso.

R: Eu que agradeço.

ANEXO
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

14 de maio de 2026, Juazeiro do Norte - CE

Documento assinado digitalmente
 ANA NEUZA BOTELHO VIDELA
Data: 14/05/2026 11:50:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>